

NARRATIVAS QUE AQUECEM O *Coração* DE QUEM CUIDA

Organizadoras

LARA TATYANE FERREIRA SANTOS HONÓRIO

LINDYNÊS AMORIM DE ALMEIDA

MARIA CRISTINA SOARES FIGUEIREDO TREZZA



EDITORA
INOVAR

**NARRATIVAS QUE
AQUECEM O**
Coração
DE QUEM CUIDA



EDITORA
INOVAR

Lara Tatyane Ferreira Santos Honório
Lindynês Amorim de Almeida
Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza
(Organizadoras)

NARRATIVAS QUE AQUECEM O CORAÇÃO DE QUEM CUIDA

1.^a edição

MATO GROSSO DO SUL
EDITORA INOVAR
2021

Copyright © das autoras e dos autores.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY- NC 4.0).



Lara Tatyane Ferreira Santos Honório; Lindynês Amorim de Almeida;
Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza (Organizadoras).

Narrativas que aquecem o coração de quem cuida. Campo Grande:
Editora Inovar, 2021. 181p.

Vários autores.

ISBN: 978-65-80476-71-8

DOI: doi.org/10.36926/editorainovar-978-65-80476-71-8

1. Saúde. 2. Narrativas. 3. Cuidados paliativos. I. Autores.

CDD – 616

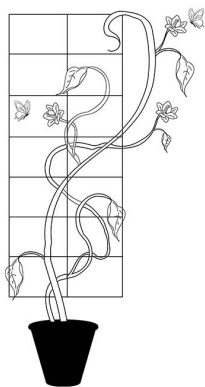
As ideias veiculadas e opiniões emitidas nos capítulos, bem como a revisão dos mesmos, são de inteira responsabilidade de seus autores.

Capa e diagramação: Vanessa Lara D Alessia Conegero

Conselho Científico da Editora Inovar:

Franchys Marizethe Nascimento Santana (UFMS/Brasil); Jucimara Silva Rojas (UFMS/Brasil); Maria Cristina Neves de Azevedo (UFOP/Brasil); Ordália Alves de Almeida (UFMS/Brasil); Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (UnB/Brasil), Guilherme Antônio Lopes de Oliveira (CHRISFAPI - Cristo Faculdade do Piauí).

Editora Inovar
www.editorainovar.com.br
79002-401 – Campo Grande – MS
2021



Apresentação

O desejo de divulgar esta coletânea de narrativas partiu dos relatos entre nós autoras, de momentos muito gratificantes que vivenciamos junto a pessoas que cuidamos ou que nos cuidaram, tanto na condição de estudantes como de profissionais de saúde. Foram instantes maravilhosos, criativos, edificantes, onde o impensado se tornou possível, sendo difícil, portanto, guardar apenas para nós, deixando de socializá-los.

Por serem narrativas que descrevem fatos da vida real tivemos o cuidado de proteger a privacidade dos seus atores evitando nomeá-los ou então lhes colocando nomes fictícios para preservá-los de qualquer identificação.

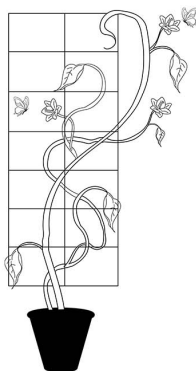
A grande maioria das narrativas, como pode ser visto na lista dos autores foram escritas por enfermeiros (as) e por estudantes de enfermagem assim como fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos e estudantes de medicina.

Referiram-se a situações ocorridas no âmbito hospitalar e com pacientes em cuidados paliativos. Isso não quer dizer que em algumas delas o cenário não tenha sido o domicílio, a comunidade e que outras trataram de vivências pessoais dos próprios autores.

Tudo isso teve a intenção de aquecer os corações de todas as pessoas que de uma forma ou de outra são cuidadoras formais ou informais; aquecer o coração de colegas da área da saúde que poderão no início de seus plantões, ao ler nossas narrativas, encontrar o estímulo necessário para prosseguir; aquecer o coração de professores e estudantes que teriam nas histórias que aqui contamos vivências concretas como disparadoras para ensino teórico-prático e humanizado.

Ou, mais ainda, essas narrativas poderiam servir como uma chama para aqueles que nas horas exaustivas do cotidiano do cuidar reencontrem o verdadeiro sentido do cuidado, que é cuidar da vida do outro, para que essa com dignidade permaneça ou se transforme.

As Organizadoras

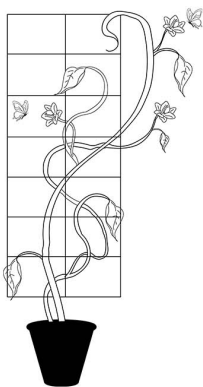


Sumário

Onde vão os anjos?	10
O nascer do sol	12
A vida é cheia de possibilidades	14
O presente	17
O sorriso	18
Quem Acolhe	20
A primeira vez: uma grafia do cuidado	21
Cante uma voz, encante um coração	23
Caminhando para o altar	25
Duas mães e os dois lados da vida numa UTI	27
Eram dois anjinhos adormecidos	30
Necessito de uma benção espiritual	33
O Curativo	35
Porta entreaberta	37
Inesperado	40
Transbordando de amor	42
Pelúcia	44
Abraçando a vida	46
Bochechinhas protusas	49
Dia alegre	51
Força da fé	53
Decisão de Maria	55

Cólera no sertão	57
Colheres azuis	59
Primeiros passos do SUS no sertão	61
Era madrugada...	63
Fazer a diferença	65
Respira	67
Senhor Vitória	69
Dor da Alma	71
O dia do passeio pelo hospital	73
O despertar de um coma	76
Busca pelo simples	79
A professora	82
Aceitação mútua da partida	86
O Raizeiro	89
Andar dos queimados	92
Asas que aquecem	97
O agora e o eterno	99
A intensidade de cada toque	102
História de anjos	105
O que são 2 cm ?	107
Surpresa inesperada	109
Confiança na fé	111
Falta do toque	113
Aconchego da partida	114
O pedido	116
Hora do adeus	118
Afago que desarmou	120
O cuidado no ambiente organizacional	122
Como conquistar Manu?	124
Missão cumprida	128
Ressignificados	130

Tocando e sendo tocado	132
Sempre há o que fazer	135
Esmeralda	137
Eu não queria incomodar	141
Metamorfose	144
UTI não é para todos	147
O paninho de conforto	149
O olhar era de um homem velho e sábio	153
O significado da alta era dar mais vida aos dias que ele ainda tinha	157
“Tá vendo esse hospital moço, ele ajudou a levantar”	160
Ela chegou aos 106 anos!	163
Amor ao mar	166
Você está preparado para partir?	168
Dia de emergência oncológica	171
A busca	173
Agradecimentos	175
Autores	177
Índice remissivo	180



Onde vão os anjos?

por Alanda Maria Ferro Pereira

Um dia a mais do meu estágio e que vou à Brinquedoteca da Pediatria para me divertir com as crianças. Desta vez, porém uma novidade. Deparo-me com Mariana, um anjinho de olhos castanhos escuros, cabelos pretos e que pouco sorria.

Mariana não gostava de ir para os braços de qualquer pessoa ou brincar sem a sua mãe. Quando esta saía, logo chorava e ficava irritada. Os dias de internamento foram passando e Mariana pouco melhorava. Diversos exames e até cirurgias foram feitas na tentativa de descobrir qual o mal que lhe afetava. Em um desses procedimentos, ela acabou contraindo uma pequena infecção, que agravou mais ainda a sua saúde.

No entanto, nada desses acontecimentos abalavam as esperanças de sua mãe. Uma mulher forte, que conseguia tirar sorrisos de Mariana, determinada, que a protegia, brincava, lhe aconchegava e lutava diariamente, como uma guerreira, por sua melhora.

Três meses de internação se passaram e nenhum diagnóstico. Mesmo assim Mariana parecia estar melhorando a ponto de sua mãe contar com gosto para todos que encontrava o avanço da menina. Dizia que só ficariam naquele hospital por mais alguns dias, pois logo estariam livres e voltariam para casa.

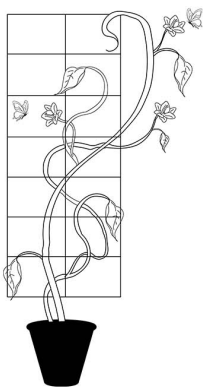
Sempre encontrava as duas na brinquedoteca, sorrindo. Com o passar da convivência Mariana até ia ao meu colo – não sem a minha insistência – e eu conseguia lhe mostrar e brincar com ela com diversos brinquedos. Ficava ali, sentada, pegava os brinquedos, balançava-os mostrava para a mãe e para mim, e tentava pronunciar algumas palavrinhas o que muito me alegrava.

Com o passar do tempo Mariana apresentou outra recaída. Percebi esse fato ao verificar que Mariana não estava indo a brinquedoteca. E, quando procurei pelas duas, soube que havia tido um pequeno agravamento em sua saúde e permanecia quase todos os dias, restrita ao leito, no quarto do hospital. Sua mãe voltou a ficar preocupada, mas sempre otimista e falando que sua filha logo ficaria bem e voltariam para casa.

No fim de uma tarde de segunda-feira preparei-me para ir até o quarto de Mariana e brincar um pouco com ela. Porém chegaram outras crianças na Brinquedoteca e acabei me distraíndo e deixando para vê-la na próxima semana.

A segunda-feira seguinte logo chegou, e já havia até planejado passar no quarto de Mariana, brincar um pouco com ela e conversar com sua mamãe. Contudo, antes de ir a Brinquedoteca precisava realizar um trabalho acadêmico e fui encontrar os meus colegas. Enquanto os esperava recebi uma mensagem no WhatsApp, que me deixou abalada e comecei a chorar, ali mesmo, na rua.

Não conseguia entender como aquilo poderia ter acontecido. Sua mamãe estava tão esperançosa e otimista com a sua melhora. Encontrava-se contando os dias para ir embora do hospital e de repente acontece tamanha adversidade? Não esperava o conteúdo que li na mensagem que me dizia sem pena, que ter meu anjo havia partido. Tão pequeno e meigo; tão precocemente, para onde teria ido?



O nascer do sol

por Alicia Freitas Alves

Era uma manhã de primavera, mesmo assim as nuvens escondiam o brilho do sol que impediam as flores desabrocharem. Foi nesse clima que eu acordei apreensiva. Sabia que naquele dia faria o meu primeiro banho no leito. Sei que para muitos esse é mais um procedimento simples e rotineiro, mas para mim teria um grande peso, estaria invadindo, pela primeira vez, a intimidade de uma pessoa que já não tinha mais forças para cuidar de si.

Mesmo com o frio na barriga e com o coração acelerado pelo incerto, me dirigi até o hospital onde daria início a minha prática. A professora foi logo direcionando cada aluno para o seu paciente para que pudéssemos realizar os procedimentos. Eu fui a última, me encaminhei para o quarto e o leito indicado e me deparei com um senhor com olhos caídos que demonstravam tristeza e o rosto contraído que transparecia desconforto.

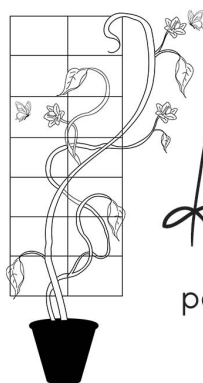
Mesmo acamado e debilitado dava para notar que já fora um homem forte e pelas rugas e manchas na pele imaginei que cada uma daquelas marcas teriam uma história para contar. Ele mal conseguia falar, e logo percebi que a cada mínimo movimento uma forte dor o invadia, pois tinha um dos ossos da perna fraturados, além de estar acometido por uma doença terminal. Então, com muita delicadeza comecei a realizar o ba-

nho, sabia que ele não queria falar, mesmo assim tentava me comunicar.

Uma forma de esconder o meu nervosismo e de tentar amenizar as dores daquele senhor, que além de físicas, com certeza, já tinham atingido o seu coração. Aos poucos eu percebi que ele foi interagindo comigo, falava da sua juventude e do quanto sentia falta do seu sítio, das suas plantações e dos seus animais, porém o que sentia mais falta era da sua esposa que já havia falecido.

Eu me perdi nas histórias que ele contava e quando finalmente cheguei ao fim do procedimento, percebi que ele se perdera bem mais que eu, pois não reclamara uma vez sequer de suas dores que antes pareciam intermináveis. Seu rosto agora transmitia calma e seus olhos voltaram a brilhar. Ele olhou para mim surpreso quando percebeu que depois de muito tempo havia se esquecido das suas dores e com a voz embargada pela emoção disse “obrigado”.

Quando saí do hospital as nuvens já não escondiam o azul do céu e nem o brilho do sol, que além de permitir o desabrochar das flores, aquecia ainda mais o meu coração, ele estava batendo forte, não pelo nervosismo de antes, mas sim por essa diferente forma de nascer o sol em mim.



A vida é cheia de possibilidades

por Amália Eunizze dos Anjos Lins de Oliveira

Era uma manhã de abril, uma segunda-feira como outra qualquer, e mais um dia meu como estudante no Ambulatório de Neurologia. Logo ao chegar soube da notícia de que receberíamos o Senhor Forseti, um homem de 35 anos que sempre transmitira luz por cada lugar onde passava, mas que também escondia por trás de um lindo olhar castanho algo de medo e angústia. Só que eu nunca havia imaginado que naquela bela segunda-feira de sol aberto, eu estava sendo convidada a redefinir o meu sentido de viver.

Desde a primeira vez que vi o Senhor Forseti e conheci sua história comecei a compreender o motivo de seu olhar amedrontado. Afinal ele era o quinto filho entre os seis filhos de Dona Maricota que juntamente com mais dois de seus filhos já haviam sido diagnosticados com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA).

A ELA é uma doença neurodegenerativa de progressão rápida, sem cura ou tratamento eficaz até então, e que invariavelmente leva à morte em torno de 2 a 3 anos após o diagnóstico e pode ter caráter familiar.

De forma precipitada logo deduzi que a presença do Senhor Forseti ali no Ambulatório e seu olhar refletia a preocupação e o medo de ter o mesmo destino que seus irmãos e mãe

tiveram, pois naquele dia compareceu com os resultados dos exames solicitados após a sua história clínica muito compatível com ELA delineada na última consulta.

Ao entrar no consultório nosso paciente entregou os exames e então em companhia da minha preceptora li e reli mais uma vez, todas as anotações em prontuário e os seus exames. Não queria acreditar que naquela consulta lhe seria dada a má notícia do tão difícil e temido diagnóstico. Passados alguns minutos, que pareceram horas de silêncio, este foi quebrado.

E então o Senhor Forseti disse: pode falar doutora, eu tenho ELA? Neste momento, fomos obrigadas a confirmar - com lágrimas nos olhos - o que ele já sabia. No entanto, para minha surpresa o Senhor Forseti me abriu um lindo sorriso e disse: Doutorinhas, vocês não precisam ficar tristes. Agora não existem mais dúvidas, medos ou angústias. Agora eu sei que não tenho muito tempo de vida, mas ainda sim eu tenho vida.

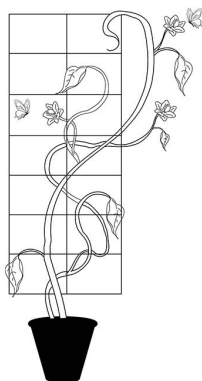
Surpresa com a sua reação fiz-lhe algumas perguntas para saber se ele estava a par de todas as dificuldades que a doença lhe traria. E ele me afirmou que conhecia o que estava por vir, mas que era melhor saber o que viria, pois poderia a cada dia que amanhecesse vivê-lo o mais intensamente possível.

E finalizou me dizendo: “Doutora eu esperei por esse dia durante muito tempo, e a incerteza de quando ele chegaria ou se ele chegaria, me deixava angustiado. Agora não vai existir mais isso. Eu sei que o tempo é curto e será difícil, mas agora eu conheço o meu futuro e assim sou mais dono do meu destino. E acredite, a morte pode ser o fim, não sabemos, mas o que sabemos é que a vida, ela está aqui, e a todo instante ela é cheia de possibilidades e eu só quero descobri-la. Eu quero apenas acordar e sentir o sol no meu rosto mais algumas vezes, tomar banho de rio, cuidar do meu cachorro, sem medo ou amarras,

sem me preocupar com o amanhã, apenas viver. Tenho certeza que será maravilhoso!”

Eu nunca esperei ouvir aquela resposta, mas foi inesquecível viver tal momento. Pois foi assim, que naquele dia eu aprendi muito mais do que Neurologia ou Medicina, eu aprendi a imensidão e grandiosidade do que é viver, o que é fazer ser eterno cada segundo vivido. E Seu Forseti foi meu grande professor. Nunca esquecerei daquela manhã, muito obrigada!

#Nome fictício: Forseti é um Deus nórdico que representa o conhecimento interior e a meditação.



O presente

por

Amanda Maria Silva da Cunha
Nataly Mayara Cavalcante Gomes

Mais um sábado começava e com ele outro plantão de doutora Alecrim. Besteirologista por formação, ela adorava desenvolver suas atividades, mas ao mesmo tempo em que gostava de se divertir com as crianças, sentia-se triste ao retornar semanalmente e perceber que algumas delas não tinham sequer a previsão de retorno para seus lares.

Laura era uma dessas crianças. Internada no hospital há dois meses, esperava ansiosa pelas tardes de sábado, pois com elas vinham as visitas da doutora. O afeto recíproco entre elas era claro.

— Doutora Alecrim, que bom que você chegou — exclamou Laura.

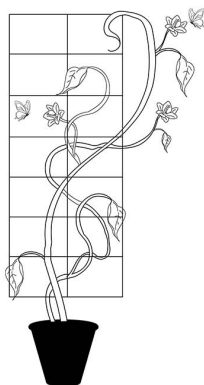
— E não pretendo sair daqui nem tão cedo.

Laura estava especialmente disposta naquele dia. As duas sorriram e brincaram por horas. Conversa vai, conversa vem, Alecrim perguntou:

— Se hoje você pudesse escolher um único presente, qual seria?

Do canto da enfermaria, André, seu irmão, que observava as duas de longe, falou:

— Uma medula compatível, por favor!



O sorriso por

Amanda Maria Silva da Cunha
Nataly Mayara Cavalcante Gomes

Ulisses estava cansado de ouvir as pessoas dizerem o quanto tinha mudado. Ele estava ciente disso, mas cada vez que alguém comentava era como se o lembrasse sobre seu estado. O comentário parecia estar presente em oito de dez de suas conversas.

André e Tiago eram voluntários de um grupo que visitava hospitais prestando auxílio aos pacientes e acompanhantes. A rotina do grupo previa certa rotatividade entre os voluntários e estabelecimentos hospitalares e eles haviam visitado o hospital que Ulisses estava internado há sete meses, mas como ele era um paciente que seguia internado desde a última visita rapidamente os voluntários o reconheceram.

Naquela manhã, André e Tiago fizeram questão de contar sobre as aventuras e lugares que passaram, pois lembravam como Ulisses era apaixonado por viagens.

Entretanto, o jovem não conseguia tirar da cabeça o fato de que eles em momento algum comentaram sobre sua aparência ou mencionaram seu estado. Quando André e Tiago estavam despedindo-se, ele não conteve a curiosidade e perguntou:

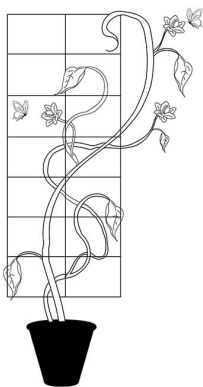
— Vocês não vão comentar sobre como eu mudei? Afinal, como vocês me reconheceram?

André, logo respondeu:

— Ora, você está diferente, é verdade, mas isso não o define, assim como sua doença.

Tiago então completou:

— Além disso, você pode tornar-se completamente irreconhecível fisicamente, mas o reconheceremos sempre pelo seu sorriso. Ele demonstra a pureza de sua alma. E isso, meu querido, não pode ser perdido.



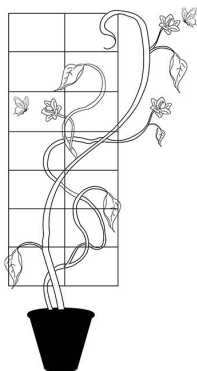
Quem Acolhe

por Ana Paula Rebelo Aquino Rodrigues

Uma mãe de primeira viagem
Tem um filho que faz muita traquinagem
Leva o menino para vacinar
Sabendo que a moça da vacina vai reclamar
“Este menino mexe em tudo, você não pode deixar”.

Mas no posto tem uma moça nova
Que para seu filho canta uma prosa
O menino por ela se encanta, se apaixona
e dança.

As furadinhas são realizadas
Com os dois de mãos dadas
E o coração da mãe se alegra
Seu filho ali é bem-vindo e
quem o recebe faz festa.



A primeira vez: uma graça do cuidado

por Carlos Dornels Freire de Souza

Quandome vi, estava branco, tal qual a roupa e o jaleco que me cobriam. Lembro-me pouco, muito difícil precisar como estava o ambiente, apenas brancos, bancos, doentes. Meu nome foi chamado, senti frio, tive medo, receio e angústia. Meu coração taquicárdico parecia querer correr, fugir da cena. Minha respiração superficial e anárquica possuía uma relação curta e íntima com meus sentimentos. Minhas mãos? Nem lembro se conseguia senti-las. Tremiam. Senti-me sufocado, parece que todo o ar presente sumira repentinamente, fora sequestrado pelo medo para longe de mim.

De repente um calor, um pavor, a segunda chamada. Todas as sensações de desespero se multiplicavam ao passo que aquela jovem moça, negra, de cabelos crespos pedia, em voz suave, que eu comparecesse àquele local.

Minhas pernas andavam sem comando, dava eu os primeiros passos por sacrificantes e temerosos longos metros que separavam os consultórios da sala de espera, que me separava daquela mulher com um pequeno menino nos braços, bolsa ao lado do corpo e um ar de esperança inquestionável. Trocamos olhares de longe, senti o peso do mundo em minhas costas. Percebi, por um instante, o quão ser Deus deve ser difícil, para mim, impossível.

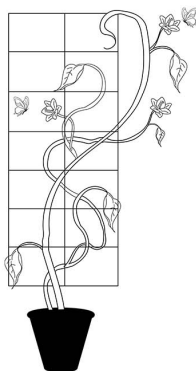
Não sei como consegui, mas lá estava cruzando aquela sala enorme em busca, na verdade, de um refúgio, um colo materno ou ao menos um lençol com o qual pudesse me esconder, assim como fazia quando criança quando tinha sonhos ruins ou por medo de monstros que só existiam na minha imaginação. Mas fui!

Quando estava bem próximo, recebi um sorriso angelical do pequeno menino, como quem quisesse me acalmar, me pôr no colo, cantar canções de “ninar” e me fazer dormir. Talvez ele sim fosse capaz de tornar meu pesadelo um conto de fadas, cheio de príncipes e princesas que viviam felizes em um castelo majestoso.

O sentimento mudou, senti que a inocência e a pureza daquele pequeno sábio eram suficientes para me fazer compreender que não havia nenhum pesadelo ali.

O seu sorriso contagiou todo o ambiente, uma imensa calma penetrou em minha alma. Um silêncio sublime, apenas uma energia. Por alguns momentos, vivia-se ali um outro mundo, onde nada era capaz de oferecer perigo.

Fui resgatado para a realidade com uma pergunta: “Dr, o Sr atenderá meu filho?” Respondi com um gesto cordial e um sorriso discreto no canto dos lábios. Tomei-o em meus braços e dirigi-me, acompanhado da mãe, ao consultório, no qual revivemos juntos todos os fatos que a trouxera ali.



Cante uma voz, encante um coração

por Cayo Emmanuel Barboza Santos

Em minhas vivências como acadêmico de Enfermagem, sempre valorizei a humanização do cuidado e a relação interpessoal entre enfermeiro e utente, pois, acredito que a habilidade de lidar com o ser humano, de acordo com suas necessidades, são competências fundamentais para ser um profissional benevolente.

Pensando assim, inseri a Música Terapêutica dentro da minha rotina assistencial. Pois, além de ter uma intensa relação com a música, acredito que a mesma pode potencializar a expressão das coisas, dos eventos e das pessoas, facilitando a comunicação e a criação de laços, algo precioso para um tratamento diferenciado.

Nessa trajetória tive inúmeras experiências marcantes, uma delas se passou dentro do Serviço de Nefrologia de um Hospital Universitário público, no qual estagiei e fui bem acolhido.

Lá pude conhecer um anjo chamado Miguel. Um senhor de 70 anos de idade, pai de 3 filhos, avô, viúvo, com diagnóstico de câncer de intestino em estado terminal, diabético, amputado do membro inferior direito a nível de antepé, e agora, paciente renal crônico em diálise.

Devido às restrições físicas e psicológicas que o tratamento impõe, era comum a descontentação. De olhar acabru-

nhado, com um misto de tristeza e melancolia, quase sempre observando o chão, esse paciente chamou minha atenção.

Ao levar a música durante as sessões de hemodiálise, percebi que a feição abatida do Sr. Miguel foi dando lugar a um semblante de esperança, e assim, cantarolando baixinho e ouvindo com atenção cada letra cantada, encantei seu coração e de todos à sua volta.

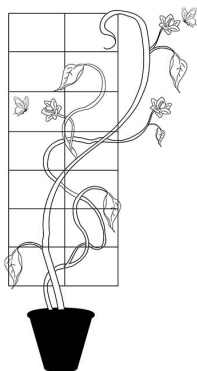
Era notável que nos corredores da “morte anunciada”, Miguel tinha encontrado um meio de amenizar o ócio das jornadas das sessões hemodialíticas, a arte musical. E a minha maior recompensa foi ver o quanto a música foi capaz de construir um ambiente harmonioso, motivador e menos estressante para pacientes com o mesmo mal.

Infelizmente meu estágio acabou e não pude dar continuidade às visitas musicais, mas para mim foi recompensador poder proporcionar momentos tão especiais.

Sim, o senhor Miguel irá descansar, como cada um de nós. Mas sua certeza, e a de todos que o rodeiam, semana após semana, é que este desfecho terá mais trilha sonora e menos penar.

E para quem estiver lendo esse conto fica essa mensagem: “Nunca saberemos o acorde final de uma música. Assim também é a nossa vida, tão unicamente imprevisível que no final resta-nos apenas agradecer por estarmos vivos”.

Faça como Miguel, que nos momentos em que poderia render-se ao ingrato câncer que insistiu em perfurar seu cansado intestino, não se entregou. Obrigado, por me permitir amenizar sua dor!



Caminhando para o altar

por Fatima Maria de Melo Brito

Numa manhã de domingo saí do plantão com uma fita de vídeo emprestada. Fora o marido de uma paciente que me ofereceu. Dizia ele: - Eu quero que você veja como ela estava linda no nosso casamento. Sempre quando ele a visitava levava seu violão e tocava para ela. No caminho para minha casa fui refletindo e fazendo um balanço de como foi o plantão naquela noite.

Uma sensação de curiosidade e hesitação foi tomando conta de mim e me perguntava: porque aceitei trazer essa fita? Na verdade, era necessário que eu me preparasse para assisti-la. E assim, depois de me preparar e já estando pronta para sair com minha família - iria visitar meus pais – liguei o vídeo.

Tantos anos já se passaram e eu não lembro mais do nome dela. Mas, jamais me esquecerei daqueles olhos grandes e brilhantes, que se destacavam num rosto belo emoldurado por cabelos curtos. A doença maltratava aquele corpo que no momento imobilizado pela tetraplegia resistia sobre o leito de dor, incertezas, angústias, esperanças...

Como saber se também não podia falar? Só seus olhos falavam, brilhavam e seus lábios trêmulos davam a impressão de que queria sorrir pra mim quando me aproximava dela e a tocava e lhe contava coisas, parecia ouvi-las. Constava em seu

prontuário o seguinte diagnóstico médico: meningite pneumocócica.

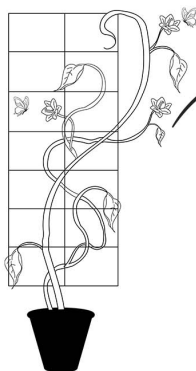
Cuidei dela uns três plantões com minha colega Jôse (Josemary) uma enfermeira exemplo de força, amizade e humanidade. Juntas, levávamos a cada plantão um pouco de alegria, carinho e atenção àquela jovem de vinte e seis anos de idade e recém-casada.

Sentei-me para assistir o vídeo do casamento. A marcha nupcial começou e uma linda mulher caminhava em direção ao altar. Dessa vez foram os meus olhos que brilhavam de admiração e lágrimas ao contemplar tanta beleza. Era uma noiva linda!

Observei cada passo seu, sua altura, seu sorriso, seus cabelos longos soltos sob o véu e quanta ternura no olhar no encontro com seu noivo no altar. A cerimônia prosseguia e eu chorava inquieta, às vezes, sentada e às vezes de pé. Depois da bênção e colocação das alianças ela cantou para seu noivo. Era só o que faltava para eu conhecer melhor a minha paciente – ouvir sua voz e seu canto.

Naquela mesma semana ela teve alta do meu setor que era uma unidade intermediária de cirurgia. Foi para outra unidade, podendo lá ter alguém de sua família como acompanhante. Devolvi a fita de vídeo ao marido dela. Fui visitá-la duas vezes. Sentia saudades dela, queria saber como estava sendo cuidada e ainda orientava seus familiares quanto aos cuidados.

Precisei tomar a decisão de não mais visitá-la. Eu estava muito envolvida afetivamente com ela e com sua família. Percebi naquela ocasião que não tinha maturidade emocional para manter o vínculo que já iniciara. Sofri muito pelo afastamento. Mas, acredito que foi a decisão certa naquele momento.



Dois mÃes e os dois lados da vida numa UH

por Gracielle Torres Azevedo

Era inverno, eu acabara de voltar da minha licença-maternidade. Adentrei a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), com os pensamentos no meu filho que deixara em casa aos cuidados da babá e da minha mãe. Eu vivenciava profundamente a angústia da separação e me perguntava se conseguiria realizar meus trabalhos com “a cabeça” no bebê que ficara em casa.

Enquanto auscultava um paciente, pensava se tinham lembrado de trocar a fralda e passar a pomada anti-assadura na dobrinha da coxa. Enquanto realizava a terapia de higiene brônquica do outro paciente, pensava se meu filho tinha comido os brócolis que eu, como toda mãe, carinhosamente saí para comprar no dia anterior, numa atitude futurista de tentar construir o paladar e uma alimentação saudável para uma criança que há pouco veio ao mundo.

Entre uma mobilização e outra, imaginava até quando meu filho permaneceria dependente de mim e até quando eu seria sua referência e seria tão essencial para ele. Até que fui acordada dos meus pensamentos quando encontrei Dona Cícera, 42 anos, bombeira. A quimioterapia para tratar seu câncer de mama já havia lhe levado os longos cabelos loiros da foto que seu filho de 13 anos me mostrou orgulhoso, assim que me aproximei da paciente.

Ali estava ela, uma mulher jovem, uma mãe, que após quarenta e dois anos de uma vida plena estava sendo vítima de um câncer que lhe levava os cabelos, a autonomia e os movimentos dos braços, pernas e tronco. A bombeira, que tantas vidas salvou, no exercício de seu labor, agora respirava com ajuda de aparelhos e, quando conseguia balbuciar, me perguntava as horas e quanto tempo ainda faltava para o garoto das bochechas rosadas chegar para vê-la.

Seu filho estava lá todos os dias, de domingo a domingo, de sol a sol. Era sempre o primeiro a chegar e aguardava ansioso a hora de adentrar para ver sua mãe. Atônita, observava a cena e pensava: D. Cícera também era mãe como eu.

No entanto, ela diferente de mim, não podia mais abraçar seu filho, apenas podia receber o abraço dele, que era o seu combustível para mantê-la viva. Ela não mais podia ofertar-lhe os afagos que lhe dispensou durante 13 anos. A vida lhe amarrara a uma cama hospitalar e ela dependia de um aparelho para respirar e do carinho do filho para abrir os olhos.

Cheguei perto dela e admirei o menino bonito e carinhoso que era seu filho. Ela, orgulhosa, me sorriu e nos emocionamos. Naquela hora coloquei-me no lugar dela, num profundo exercício de empatia e disse-lhe com palavras que não conseguia mensurar sua dor, que vê-la imersa no amor de seu filho foi uma das cenas mais lindas que já presenciei.

Parafraseei para mim mesma, uma frase que outrora ouvira: “A dor dela não era minha dor, mas me doía”. A dor dela me doía como mulher, como profissional de saúde, como ser humano e em especial como mãe, que daqui há poucas horas teria saudável e plena, meu próprio filho nos braços, quicá por uma longa vida, diferentemente dela que tinha o seu apenas no pouco tempo de visita diária.

Enquanto eu assistia à cena de mãe e filho sustentados no mais profundo amor, sendo este, a única fonte para suportar

aquela profunda dor, eu pensava também nas leis espirituais que regem o universo, pensava na lição de fé, amor e coragem que acabara de vivenciar.

Inundada em reflexões sobre a fragilidade da vida e sobre a ingênua máscara da eternidade que carregamos e na qual passamos a vida acreditando, fui interrompida pela voz trêmula e frágil de D. Cícera. No auge de sua disfonia, agravada pela dispneia e astenia, disse-me pausadamente, entre uma inspiração e outra, que ser mãe é a maior de todas as dádivas e que ela era muito grata a Deus por ter vivido treze anos do mais profundo amor.

Ela era uma gigante e só enxergava amor. E eu pequena, uma amadora, recém-chegada no universo da maternidade, desesperada em meu “mundinho” comecei a entender a lição do viver intensamente o momento e da aceitação dentro do mundo frio daquela UTI.



Eram dois anjinhos adormecidos

por Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza

Naquela manhã clara cheguei ao Alojamento Conjunto para mais um dia de prática com as (os) estudantes de enfermagem. Logo que entrei percebi que um dos bebês apresentava um choro diferente do que costumávamos ouvir. Ora o choro era estridente, ora intercalado por períodos de silêncio.

Enquanto distribuía as atividades com as (os) estudantes o choro se repetia no mesmo padrão. Então resolvi perguntar às pessoas que estavam perto de nós o que acontecia com aquele bebê. Uma delas me respondeu que a mãe dele tinha lhe colocado “manha”, pois ele só ficava quieto quando estava no braço. Quando era colocado no berço ou na cama da mãe começava a chorar.

Achei estranho que nos primeiros dias de vida de um pequeno ser a mãe pudesse lhe colocar “manha”... Tive então a ideia de escalar uma das minhas melhores estudantes para essa mãe a fim de que pudéssemos observar o que acontecia.

Quando chegamos ao quarto deles vi que se tratava de uma mãezinha de 14 anos e que na minha avaliação não tinha mais que um metro e meio. De costas parecia uma menina, não fosse a longa camisola de hospital e a barriga que ainda aparecia sob as vestes. Sua expressão era de muito cansaço demons-

trado pelas “olheiras” expressivas e por parecer não ter dormido naquela noite, visto que estava sozinha e sem ninguém seu, para ajudá-la a cuidar do filho.

Deixei a estudante com ela e pedi que lhe ajudasse nos seus cuidados e do bebê oportunidade essa, em que poderia observar melhor o comportamento da criança. Logo que pude voltei para ajudar a estudante nos cuidados dos dois. Ela me confirmou que de fato o bebê estava reagindo da forma como foi falado. Havia chorado durante todo o banho e que se calava quando estava no braço.

Resolvi então fazer alguns testes com o bebê na tentativa de descobrir o que havia com ele. Coloquei-o no berço e ele começou a chorar. Tirei-o do berço e coloquei-o no braço e ele se calou. Coloquei-o na cama da mãe e ele voltou a chorar piorando o choro ao apresentar movimentos com os braços.

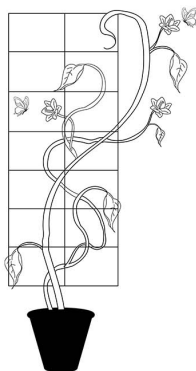
Pensando ser insegurança deitei-o na cama e fiz um rolinho com um lençol ao redor de seu corpo e me surpreendi por ter ficado calado sem está no braço. Tirei o rolinho e o choro voltou. Coloquei-o novamente no braço e abri sua “camisinha de pagão”, pois estava muito agitadinho e suado.

Foi aí que observei que tinha um discreto abaulamento perto do pescoço me fazendo supor que poderia ter havido uma fratura de clavícula no momento do parto. Levei-o para a pediatra examinar e não deu outra, era essa a “manha” diagnosticada anteriormente – fratura de clavícula! Ficava fácil agora entender porque o bebê se acalmava quando estava no braço... Era como se fizéssemos uma imobilização, função essa também exercida pelo rolinho. Na posição deitado e solto ele mexia os bracinhos e a forte dor lhe fazia gritar.

Acompanhando toda essa movimentação a mãezinha observava parecendo dizer que já havia feito tudo que sabia para acalmá-lo. A boneca que tinha nos braços não era mais

aquela que respondia aos “faz de contas”... Estava ingressando num novo mundo, noutra forma de viver, sentir e se relacionar.

No final do dia de prática, antes de sair do hospital voltei ao quarto da mãezinha e do bebê. Confesso que me emocionei com a cena que vi naquele momento. Os dois dormiam juntos na cama como se estivessem saídos do inferno para o paraíso. Não pareciam mãe e filho, mas duas crianças que na sua fragilidade só nos pediam sensibilidade, competência e amor.



Necessito de uma bênção espiritual

por Sueli Teresinha Cruz Rodrigues

Foi numa daquelas manhãs, que parecia, iria transcorrer na mais tranquila normalidade. No alojamento conjunto da maternidade do Hospital Geral de Itapeverica da Serra (HGIS) em São Paulo, uma maternidade “ amiga da criança”, uma puérpera e seu bebê recém-nascido aparentavam a felicidade em pessoa.

Tudo se movimentava de acordo com as rotinas de uma maternidade. Algumas mães sendo admitidas na unidade com seus bebês, outras deambulando pelos corredores, outras nas enfermarias amamentando, a equipe multiprofissional em ação, enfim, cenas corriqueiras e normais.

Nós, as enfermeiras, dividíamos em três momentos as consultas de enfermagem aos binômios mãe-filho, de modo que, das 7 horas da manhã até ao meio dia, eu realizava a SAE (Sistematização da Assistência de Enfermagem) em $\frac{1}{4}$ dos binômios e das 14 horas até as 19 horas mais $\frac{1}{4}$, pela enfermeira assistencial da tarde e a enfermeira do período noturno, o restante.

De modo que todos os 40 binômios eram visitados e registrados no prontuário pelas enfermeiras, diariamente. Como de costume pus-me a visitar as enfermarias para a consulta de enfermagem, quando percebi que algo não estava bem com

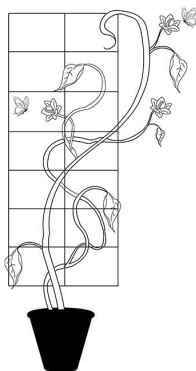
uma puérpera. Ao me aproximar percebi que a tristeza e a preocupação estavam estampadas em seu semblante. Repetia algumas palavras como: “estou sendo tentada”. E fiz o que normalmente não é tão fácil, ouvi.

Aparentemente parecia estar desenvolvendo uma espécie de delírio místico. Foi então que levei o bebê e o protegi em outro local. Porém, ao me despir de todo e qualquer preconceito pude entendê-la. Ela acreditava que uma “entidade maligna” a estava importunando e por isso necessitava de orações.

Depois de um tempo, após explicar sobre suas necessidades espirituais, me pediu a visita da pastora de sua igreja. Imediatamente, com a ajuda da assistente social, localizamos a religiosa e solicitamos sua presença.

Após facilitarmos essa visita, e permitirmos momentos de oração entre as duas, parecia que tudo tinha se resolvido. O exercício de sua fé a tranquilizou de tal maneira, devolvendo a ela e a seu bebê a paz e a harmonia tão esperadas.

Este episódio me ensinou que às vezes precisamos sair do nosso lugar e nos colocar no lugar do outro imediatamente. Porque naquela manhã acredito que fui um instrumento usado para suprir uma necessidade da dimensão tão esquecida pelos profissionais de saúde, a espiritual. Não importando no que a minha crença pessoal possa contradizer à do outro.



O Curativo

por Nirliane Ribeiro Barbosa

Cursava ainda o 3º ano do curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas, quando iniciei estágio extracurricular num hospital filantrópico de Maceió, onde fui lotada para o setor de Clínica Médico-cirúrgica. Em meio a várias pessoas que prestei cuidado destacou-me um senhor, com seus 70 anos, que tratava de um câncer de próstata em fase avançada.

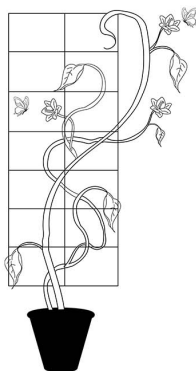
O curativo de sua ferida precisava ser realizado com mais frequência que os demais, devido à dor e ao odor fétido que produzia. Sem muita experiência, confesso que tive receio em lidar com aquela ferida, mas me dispus a prestar os cuidados desse senhor: preparei a bandeja do curativo e me dirigi a ele. Iniciei os cuidados conversando e tentando descontraír a situação, pois ele se mostrava envergonhado...

Ele começou a conversar e falar sobre a sua família: morava no sertão de Alagoas, onde estavam sua esposa e seus três filhos. Não os encontrava há meses, pois havia sido encaminhado para tratamento naquele hospital e desde então não havia tido alta hospitalar, ao mesmo tempo em que sua família não tinha condições de visitá-lo.

Relatou que se sentia triste pela falta dos filhos, até mais do que pela própria doença. Terminando o curativo, ele

me entregou um pedaço de papel e pediu que eu escrevesse o nome dos seus filhos e da sua esposa, pois ele não sabia fazê-lo.

Ao citar cada nome ele pedia para ver a escrita e seus olhos pareciam alegrar-se como se tivessem visto aquela pessoa. Após “descrever” os nomes entreguei-lhe o papel e ele disse que iria guardar com cuidado para olhar todos os dias. Agradeceu-me pelo curativo, colocando que foi “o curativo mais bem feito”. Sorri e disse que fiz o melhor que eu pude. Saí do plantão compreendendo a essência da atenção em saúde.



Porta entreaberta

por Juliana Alves da Silva

Maria, enfermeiranda recém chegada numa das clínicas do Hospital Universitário, verificou naquele dia da sua primeira semana de estágio, que um nome foi acrescentado no quadro de pacientes para a enfermaria de isolamento, que antes estava desocupada.

A Clínica estava superlotada e soube que aquele paciente precisou ser internado imediatamente pelas condições que apresentava. Demorou a conhecer esse paciente até que acabou sendo escalada para tal quarto. Antes de iniciar as atividades consulta o Mapa Diário de pacientes a fim de ficar ciente de todos os dados e histórias dos mesmos.

Checa o carrinho de parada da unidade e neste momento lhe chama atenção o fato da porta do quarto de isolamento está entreaberta vez que sempre estava fechada. Maria fica curiosa e logo em seguida empurra a porta lentamente e se depara com uma mulher emagrecida em seu leito, muito comunicativa e com sorriso no rosto, tendo sua mãe como acompanhante, uma senhora muito religiosa e cheia de esperança de melhora da sua filha.

Logo pergunta como a paciente estava se sentindo naquele dia e em seguida prepara a bandeja para a troca de curativo. A ocasião foi favorável para que passasse a conhecer com

mais detalhes toda sua história e que tinha como diagnóstico um câncer em estado avançado. Finalizado os cuidados que Maria prestou da melhor forma possível, ela retornou para as outras enfermarias que estavam sob sua supervisão.

No dia seguinte soube que essa paciente estava muito triste e apresentava dores intensas e constantes e sempre falava em reencontrar seu ex- marido. Maria sensibilizada com a situação iniciou as providências para ida do seu ex-marido no hospital.

No mesmo dia, foi comunicada que a Equipe de Cuidados Paliativos iria avaliar a situação dessa paciente. Ainda não conseguia entender em profundidade como se dava o trabalho dessa Equipe. Isso lhe deixou um pouco apreensiva sobre o que a equipe iria conversar e fazer com a paciente e seus familiares. Como eles dariam a notícia para a mãe dela e como essa iria reagir, Será que ela iria suportar a notícia?

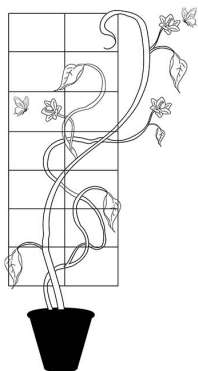
Até a chegada da Equipe de Cuidados Paliativos foi providenciado um local mais tranquilo na clínica, para conversar com a mãe da paciente e Maria, que também se reuniu com a equipe. Surpresa com a abordagem dos profissionais envolvidos, pois, mesmo frente a um diagnóstico que não era dos melhores, transformaram a forma de comunicação de uma notícia forte em algo leve, compreensível e confortante para a família.

Em seguida a Equipe foi ao leito da paciente conversar sobre o que ela gostaria de realizar, a paciente pediu para rever o ex-marido. Falou de seus três filhos e com carinho da filha mais nova que passou recentemente no vestibular e era seu orgulho fazendo entender a todos que desejava que eles ficassem bem acontecesse o que lhe acontecesse.

E sempre que o assunto era seus filhos seus olhos se enchiam de amor. Foi uma tarde muito emocionante, não somente para aquela paciente, mas para os que estiveram presentes

e principalmente para Maria que pode compreender sobre a real importância da Equipe de Cuidados paliativos e do próprio Cuidados Paliativos.

Naquela mesma noite o ex marido veio visitá-la. A enfermeiranda conseguiu fazer com ele a visitasse mais vezes e assim foi feito. Duas semanas depois a porta entreaberta se fechou, deixando Maria com o sentimento de gratidão e dever cumprido por ter participado e conhecido um pouco sobre o real sentido dos cuidados paliativos e dos profissionais que se dedicam fielmente para o alcance de uma morte tranquila e respeitosa.



Inesperado

por Jessiane Rejane Lima Santos

A vida não é simples e menos ainda é vivê-la, uma vez que a experiência de se tornar a melhor versão de si carrega consigo a complexidade dos sonhos e planos em busca pela famosa e tão desejada felicidade. Todavia, durante essa jornada de busca, nós nos deparamos com o desconhecido e com o imprevisível. Aquilo que podemos chamar de inesperado.

Os inesperados relacionamentos... As inesperadas separações... As inesperadas lutas... As inesperadas vitórias... As inesperadas derrotas... As inesperadas oportunidades... Os inesperados encontros... As inesperadas partidas... As inesperadas doenças...

Minha mãe era uma mulher forte que esbanja saúde e alegria. No entanto, num certo dia, ela começou a identificar algumas alterações físicas, tais como: frio debaixo do sol de Maceió e calor quando o ar condicionado marcava 18º C, dor abdominal que a fazia andar mais lentamente e abandonar as atividades do lar, dificuldade para respirar, perda de peso não intencional e algo que crescia dentro dela até ganhar a forma e tamanho de uma bola de handebol.

Os sintomas e sinais não surgiram todos de uma vez e para ela pareciam transitórios até que se intensificaram e com intervalos cada vez menores.

Então, do dia para a noite eu me vi acompanhando o ponteiro do relógio da recepção do Hospital Geral do Estado enquanto minha mãe passava por um procedimento cirúrgico de emergência e grande porte.

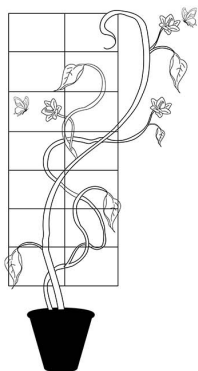
Depois de 14h de espera, eu já não tinha mais unhas para roer ou palavras para elevar uma prece, mas pude entrar no quarto, e entre vômitos, enjoos e edema vi minha rocha protetora abalada, sensível, com dor, com medo e querendo colo... me deitei ao seu lado, coloquei sua cabeça em meu peito para que ela ouvisse as batidas do meu coração e entendesse que ela era a razão do meu pulsar... ali só existia eu e ela e o nosso amor.

Beijei sua testa, fiz carinho em seus cabelos negros e lisos e cantei desafinado, mas cantei até que ela dormiu, não sei se vencida pelo cansaço ou pela minha falta de talento. Foram meses de luta. Meses difíceis. Meses inesperados. Mas hoje saboreamos a vitória.

Eu sinto também um outro sabor: o da gratidão de Mãe pelo cuidado destinado a ela no momento mais difícil da sua vida. Mal sabe ela que meu gesto também foi motivado pela gratidão aos seus esforços desmedidos para me ver bem. Hoje somos pessoas melhores, mais fortes e unidas. Gratas e um pouco mais orgulhosas uma da outra. O clichê de que o que não te mata te deixa mais forte é legítimo. Pode acreditar!

Eu não sei qual inesperado você está vivendo. Mas repare que eles nos movimentam e fazem com que reconheçamos o que de fato importa. É quando atravessamos a fronteira do que é conhecido e controlado, adentrando no espaço do desconhecido e imprevisível, que descobrimos possibilidades e potencialidades até então inacessíveis.

É nesse espaço que a criatividade, um dos maiores de nossos dons, acontece. Viva os inesperados da vida! Eles são inevitáveis e necessários. E já que é assim: faça deles bons aliados!



Transbordando de amor

por Daniela Medeiros de Magalhaes

Após uma grande cirurgia de emergência, Mariazinha foi parar numa UTI. Ao adentrar naquele espaço de graves pacientes e famílias com pouca esperança, Mariazinha iluminou aquele lugar com tanta confiança e sabedoria que a todos cativou. Sua estada foi longa, com muitas intercorrências e momentos de incerteza, até para a equipe que cuidava.

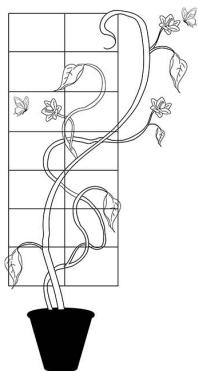
Todavia, os momentos mais lindos da vida, muitas vezes estão dentro de ambientes pouco amistosos. Na hora da visita, aquele ambiente frio, com ares de dor, e cheiro de morte, transformava-se! Seus familiares e, principalmente, seu amorzinho de mais de 60 anos de união, traziam alegria e esperança.

Nunca se ouvia uma reclamação. Eram momentos de muitos EU TE AMO. Esse amor nos fez pensar quão iluminada era aquela mulher! O desespero, a desconfiança nos procedimentos ou aquele pensamento mal, nunca houve para aqueles familiares. A confiança e a fé de breve retomaram a vida com sua Mariazinha e isso fez toda diferença. Empolgou a todos nós. Certa vez, perguntou-se:

- Mariazinha, a senhora está com medo?
- Medo de quê, meu filho?

— Jesus está comigo, sou muito feliz e grata. Só tenho a agradecer por estar aqui. Todos os momentos são de aprendizado.

Ao receber alta, cartazes e flores confeccionados por seus parentes amados, nos deixou a certeza que a maior riqueza da vida é o amor.



Pelúcia

por Maria Eysianne Alves Santos

Marina, acadêmica de enfermagem, era uma jovem muito curiosa, estudava tanto assuntos da futura profissão quanto os que envolviam o subjetivo. Acreditava que todos os seres humanos poderiam ser felizes e que isso dependeria da sua própria vontade, esforços, forma de encarar a vida e coragem para conhecer a si. E com essa disposição e visão da vida tocou seu curso e as experiências que lhe proporcionou.

Uma delas lhe foi marcante e aconteceu em uma de suas aulas práticas na ala pediátrica onde deparou-se com algumas crianças internas e uma que lhe chamou muita atenção. Era Berenice, que com apenas 14 anos há muito já sofria. Diagnosticada com câncer ósseo, osteossarcoma, Berenice possuía uma alegria contagiante, sorriso largo e jeito simples.

Nem sempre estava bem devido às várias sessões de quimioterapia que lhe deixava triste e sem esperança, mas quando melhorava dos efeitos novamente ficava disposta e pronta para lutar. Com o passar dos dias o câncer já atingira a perna direita da jovem e os médicos tinham esperanças que ela pudesse reagir aos tratamentos sem que para isso tivessem que realizar uma amputação.

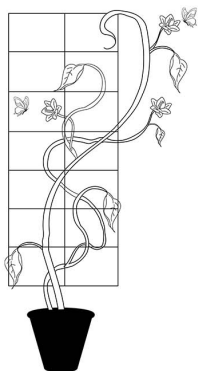
Mas chegou o momento que nem Berenice suportava mais o odor emanado por sua perna implorando a equipe que

acabasse com seu sofrimento de uma vez por todas. E a amputação acabou sendo efetivada.

Durante meses e agora com a pele do coto quase íntegra, ela voltava todas as semanas para realização de novos exames e avaliações. E num desses dias Marina reencontra Berenice e com muita alegria conversam por longo tempo matando as saudades e a jovem lhe confessa que essa é a semana de seu aniversário.

Marina realiza os procedimentos de enfermagem necessários e logo após promete que lhe trará uma pelúcia de unicórnio, que era seu brinquedo favorito no tempo que estiveram mais juntas. E o dia esperado chegou. Mas num momento em que o estado de Berenice havia se agravado sobremaneira.

Marina lhe visita e lhe entrega o presente. Com um sorriso radiante Berenice segurou a pelúcia e logo após fechou os olhos esboçando um sorriso de um colorido largo e brilhante, como nunca antes visto, e naquela hora foi-se deste mundo levando consigo sua alegria, mas deixando ensinamentos imensos para todos que conviveram com ela.



Abraçando a vida

por Fatima Maria de Melo Brito

Um grave acidente causou-lhe amputação traumática dos braços e seus cabelos foram consumidos pelas chamas do fogo. Foram essas lesões físicas que sofreu uma paciente que cuidei durante vários plantões noturnos.

A primeira vez que a vi ela estava retraída em seu leito, parecia tímida, mas isso era só aparentemente. Expressou vergonha por sua atual imagem. Apresentei-me a ela e pedi que me ajudasse, dizendo de que forma eu poderia melhor cuidá-la durante sua hospitalização. Pediu um espelho e se viu feia.

Por que não usar um lenço colorido até que os cabelos voltem a crescer? Foi o que eu disse a ela. E ela respondeu: podemos tentar. Cuidamos, eu e minhas colegas para preservar sua privacidade. Não a deixávamos por muito tempo, sozinha. Levávamos revistas e livros e líamos para ela. Logo, alguém lhe providenciou um pequeno aparelho de TV.

Apesar de ainda impactada emocionalmente pelo acidente, ela conseguia manter bom humor e verbalizou vontade e coragem para o enfrentamento. Num dos plantões quando cheguei e entrei em seu quarto ela disse que tinha algo para me contar e mostrar.

Fiquei curiosa. Nesse instante, ela esticou uma das pernas e com o pé abriu o compartimento da mesa de cabeceira.

Ela própria estava buscando e treinando formas para se adaptar e adquirir autonomia. Era notória a sua capacidade de superação e garra para vencer os desafios. Nós a incentivávamos no desenvolvimento de suas potencialidades e vibrávamos a cada vitória conquistada.

Dizia para nós que tinha marido, três filhos, o menor com três anos e que todos estavam com muita saudade dela e ela deles. As normas do hospital não permitiam visita de crianças. E ela ainda não apresentava condições para alta. Então, solicitou permissão ao médico, para visitar a família - ele concedeu-lhe um final de semana, de licença de internação.

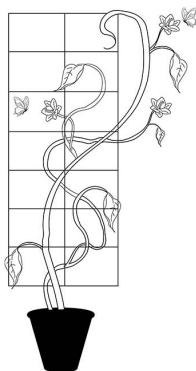
Quando retornou ao hospital contou-nos suas proezas em casa. Seus filhos a cobriram de carinho, fazendo muitas perguntas e não queriam desgrudar dela. Ela explicou para eles que precisava voltar para o hospital e se recuperar bem. Seu filhinho de três anos pediu para ela dar comida em sua boca.

Então, perguntei: e o que você fez? Ela respondeu: pedi para meu filho colocar o cabo da colher na minha boca. Segurei a colher com firmeza em meus lábios e alimentei meu filho. Bravo! Disse eu a ela, em meio a aplausos – minha colega de plantão também estava nessa hora e ouviu seu depoimento. Nós, abraçamos-lhe a envolvendo juntas comemorando com muita alegria mais esse feito, por ela realizado.

Seus progressos impulsionavam nosso trabalho cotidiano. A cada plantão uma novidade e para nós, profissionais, cuidar daquela jovem mãe e mulher (não, tão paciente) era um privilégio, pois a cada dia aprendíamos uma lição e seu entusiasmo pela vida era algo contagiante.

Obtive por fim a confirmação da viabilização de próteses para seus braços e já fazia planos para retorno à sua vida normal. O longo caminho que teria de percorrer envolvendo

fisioterapia e treinos para adaptação às próteses não a assustava. Agradecia a Deus por estar viva e afirmava que ainda iria ajudar a muita gente, na vida.



Bochechinhas pretusas

por Fatima Maria de Melo Brito

Era ainda acadêmica de enfermagem quando no estágio em pediatria fui designada por minha professora a cuidar durante uma semana de um menino de, aproximadamente, nove meses de idade. A princípio senti-me insegura, pois não sabia como me comunicar com ele e também por sua história: menor abandonado, em tratamento de pneumonia e de escabiose.

As minhas primeiras impressões sobre ele foram de uma criança triste, sofrida, indiferente, pálida, emagrecida, de estatura e peso inferior à sua idade. Comecei a cuidar dele pensando o que poderia fazer além de promover higiene e conforto, oferecer-lhe a dieta e administrar medicamentos.

E aí pensei: criança precisa e gosta de brincar. Não lembro se havia à época naquele hospital sala de recreação. Mas, havia solário. Então, disse para ele que iríamos passear e pegar sol. Percebi que ele notou a diferença do ambiente, franzindo a testa por causa da luz solar e dirigindo o olhar às plantinhas que lhe mostrei no solário.

De volta à enfermaria preparava o banho. Era hora, também, de brincar com água. Incentivava à ingestão hídrica e à aceitação da dieta, sempre com muita paciência. Colocava-o no colo e lhe dava carinho. E assim os dias foram se passando e

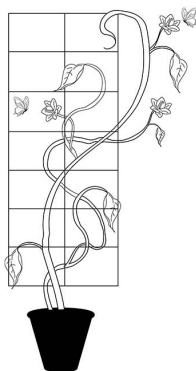
eu insistia na inter-relação. Ele passou a olhar para mim. Mas, em silêncio.

No penúltimo dia do meu estágio lembro que na hora do lanche ofereci a ele uma banana amassada. Ele comeu tudo e demonstrou com o olhar e com o movimento dos lábios que queria comer mais. Eu fiquei muito contente e disse a ele: você comeu tudo! Muito bem! E queria comer mais, né?

Registrei o ocorrido em seu prontuário. Isso foi motivo de comentários pela médica pediatra e por minha professora. Ambas, estavam admiradas com o progresso do menino. Antes, ele pouco aceitava o alimento. No último dia do meu estágio naquele hospital e já sentindo saudades daquele menino, terminei de dar o almoço a ele quando percebi que suas bochechas saltavam em seu rostinho. Pareciam duas bolinhas.

Ele estava ganhando peso e ficando mais bonito. Não aguentei e quebrei o protocolo. Peguei- o no colo e lhe dei um beijo estalado no meio de uma bochechinha. Ele na mesma hora soltou uma gargalhada e ficou rindo e olhando para mim. Então, eu não aguentei de novo e dei outro beijo na outra bochechinha.

E ele deu outra gargalhada! Como foi lindo e intenso aquele momento! Eu ficaria ali o dia todo repetindo a cena – eu e ele – mas era hora de despedida. Imagino que aquele menino tenha sentido alegria de viver, naquele dia feliz. Espero que ele tenha conseguido uma família amorosa e que hoje ele seja um homem de valor.



Dia alegre

por Francisca Maria Nunes da Silva

Era mais um período de inverno em que se realizavam campanhas de vacinação. Os técnicos de saúde sempre reclamavam da instituição que determinava aquele calendário; todos sabiam, por experiência, que na região nordeste do Brasil as datas estabelecidas coincidiam com período de muita chuva, o que dificultava o acesso às áreas rurais e comprometia as coberturas vacinais gerando outra demanda para o município, a repescagem, para o alcance das metas.

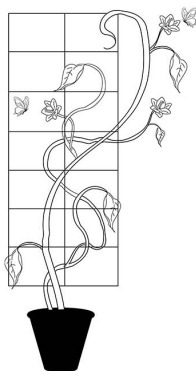
Aquele, enfim, era mais um dia de intenso trabalho, as vacinas precisavam chegar aos Postos de Saúde distribuídos em várias localidades do município. A chuva caía impiedosa na região; pela janela fechada do fusquinha podíamos perceber uma nebulosa em tons de verde denunciando a beleza das matas que ladeavam a estrada da Serra da Jiboia. Seu Gilberto, motorista, ria e contava piadas sobre nossa condição: o carro deixava escapar um forte cheiro de combustível que aderiria à nossa pele e cabelos de modo que todos ficávamos com aquele perfume no corpo até a hora do banho.

O carro me deixou no Postinho, no cume da serra. O posto oferecia, à dispersa população, apenas curativos e administração de medicamentos. Ali encontrei Sandra, atendente de enfermagem que faria comigo a vacinação das crianças menores de cinco anos.

Mal iniciamos o trabalho e vi que uma criança de quatro anos desabava nos braços da mãe após aplicação das vacinas contra o sarampo e contra a poliomielite. Rapidamente coloquei-a sobre uma maca e fui observar a pele, a perfusão tissular, e aferir a frequência respiratória e a frequência de pulso. Sozinha, longe da cidade, sem recursos, em um dia chuvoso, precisava apelar para os céus a fim de não ver uma vida desaparecer, em busca de saúde, e por uma causa desconhecida.

A mãe, confiada em minha presença, resolveu ir cuidar dos filhos que deixara em casa, enquanto eu observava os suspiros profundos da criança que dormia. Momentos de tensão aqueles; porém, nada aconteceu além daquele sono. Duas horas depois, a menina abriu os olhos, observou em volta e pediu à sua mãe.

Passados muitos anos daquele episódio, enquanto transitava pelos corredores do hospital, fui interpelada por uma jovem senhora: lembra de mim? Ela perguntou. Meio sem jeito respondi que não. Ela continuou: há anos, na Serra da Jibóia, minha filha passou mal em um posto quando tomou vacina, lembra? Então acenei que sim; a senhora a salvou, ela afirmou. A seguir, silenciosa, retirou uma carteira da bolsa, mostrou uma foto e disse: ela agora tem dezoito anos. Mesmo sabendo que nada pude fazer que pudesse livrar a menina da morte, fiquei bem alegre. Aquele foi um dia alegre.



Força da fé

por Francisca Maria Nunes da Silva

Sempre gostei de ir àquela pequena clínica infantil quando meu noivo estava de plantão. Era uma oportunidade para observar a prática hospitalar dos atendentes de enfermagem em pediatria e conversar com Marinalva, uma simpática funcionária que respondia pelo serviço de enfermagem.

O local era apertado, quando chegava me colocava de forma a observar o andamento das atividades sem atrapalhar o movimento daquelas corajosas mulheres que cuidavam das crianças e eram chamadas enfermeiras.

Cheguei cedo na tarde daquele domingo de sol. Logo percebi que o plantão estava agitado, muitas crianças internadas e algumas com estado geral que exigia maior atenção do plantonista. Em meio às agitações do momento percebi em um canto do setor Dona Lenilda, uma mulher que chorava muito enquanto observava seu filho em um bercinho.

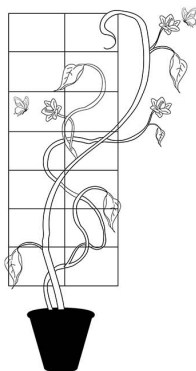
Preocupada, procurei o plantonista para saber o estado da criança e o porquê daquele choro da mãe. Ele explicou sobre a gravidade do quadro da criança e me sugeriu procurar Marinalva para que ela me explicasse a questão da mãe.

Encontrei Marinalva triste e preocupada, porque não estava podendo ajudar D. Lenilda. A situação de seu filho era grave e ela temia que a criança morresse sem o batismo, fato

que comprometia a entrada da criança no céu, pois lhe ensinaram que menino pagão não podia ser salvo. Imediatamente procurei saber se existia plantão de padre em alguma paróquia. Infelizmente não havia padre de plantão e para Dona Lenilda isso era o fim.

Resolvi conversar com a mãe e saber sobre suas crenças. Era uma mulher sofrida do interior desse abandonado nordeste brasileiro. Após alguns minutos ouvindo seu relato, decidi “batizar” o menino. Expliquei sobre a fé, a esperança e perguntei se lhe agradaria ter seu filho batizado por uma cristã, mesmo que não padre. Ela, às lágrimas, consentiu com um balanço de cabeça.

Sempre carregava comigo uma versão do Novo Testamento. Naquela tarde, abraçada àquela mãe, li o salmo 23, orei com ela e “batizei” a criança, sem água, mas com fé. No fim da tarde, ao deixar a clínica, observei que D. Lenilda embora muito triste, não chorava, e tinha um semblante de paz. Seu filho ainda continuava em luta para viver.



Decisão de Maria

por Francisca Maria Nunes da Silva

Aqueles dias estavam bem cansativos; havíamos terminado uma longa campanha de vacinação com um imunobiológico novo na rede de serviços, a vacina dupla viral. A luta, porém, continuava. Fazíamos avaliação semanal para acompanhar os casos notificados de Rubéola no município e apresentávamos os dados para o gestor municipal e o Conselho Municipal de Saúde.

Após um dado período percebíamos redução gradativa da ocorrência da doença. Essa campanha foi realizada em um curto período de tempo, precisávamos controlar um surto de rubéola que se propagava rapidamente na população da cidade. Era uma meta arrojada.

Passados alguns meses recebi um telefonema de Marta, uma colega de trabalho, assistente social, solicitando orientação para Maria, sua amiga, grávida, que tomou a vacina contra a rubéola inadvertidamente, em outro município e precisava de um esclarecimento.

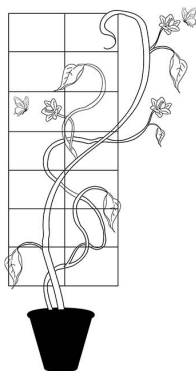
Pelo telefone, conversei com Maria, que relatou ter sido orientada pelo obstetra durante a consulta pré-natal a fazer um aborto, porque a criança poderia nascer com malformações; ela, então, com voz aflita, queria ouvir minha opinião. Sugeri, primeiramente, que trocasse de médico, procurasse um que

tivesse conhecimento sobre vacinas. Apresentei as recomendações das instituições públicas de saúde sobre esses casos, os relatos sobre essa situação em outros países e nossa experiência com mulheres grávidas que tomaram vacinas na campanha sem conhecimento de gravidez.

Algum tempo depois, Maria me telefonou solicitando sugestão de uma maternidade para realizar seu parto. Entendi, com satisfação, que ela havia seguido com a gestação. Imaginei que havia trocado de obstetra.

Certo dia fui a uma festa na fazenda de Marta. Em meio às alegrias do encontro dos amigos, ela chamou alguém que eu precisava conhecer, sua amiga Maria. Eu e Maria ficamos muito felizes com esse encontro casual, nos conhecíamos apenas pelo telefone, e o último contato havia alguns anos.

Grande foi minha felicidade quando ela chamou uma criança de aproximadamente 4 anos de idade, com cara de Pequeno Príncipe, que brincava na grama. Quando o menino chegou entre nós ela declarou com alegria: esta é a criança que você salvou. Jamais esquecerei aquele encontro.



Cólera no sertão

por Francisca Maria Nunes da Silva

Pelos idos de 1993 a cólera apareceu por essas bandas causando muito temor no povo e nos trabalhadores de saúde. Foi uma desagradável surpresa. Pouca gente sabia o que fazer. Nós, técnicos de saúde, fomos às pressas procurar literatura que nos auxiliasse no enfrentamento do problema; o tempo, no entanto, não esperava, e junto consigo trazia dezenas de pessoas acometidas pela doença. Vinham de dois municípios próximos.

A diarreia, com uma frequência e volume nunca vistos, e os vômitos eram os sinais mais evidentes. As enfermeiras da Regional de Saúde resolveram apoiar o hospital local no atendimento aos inúmeros casos que chegavam e se mudaram para lá. Às vezes as pessoas com sintomas chegavam de caminhão, nunca tínhamos visto aquela situação.

Toda área da emergência do hospital, consultórios médicos e salas administrativas foram ocupados por leitos e colchões a fim de distribuir os pacientes. Através de investigação descobrimos a principal origem dos casos, um município vizinho, cuja população comia peixe do açude local. De lá o micro-organismo foi se disseminando para outras áreas.

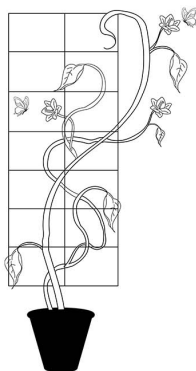
Eu e Mariana, colega de trabalho, dentista, resolvemos visitar a cidade de onde procedia a maioria dos casos a fim de

se estruturar emergencialmente uma Unidade de Tratamento de Cólera (UTC). Assim foi feito; com apoio da prefeitura, organizamos uma Unidade para avaliação, reidratação e acompanhamento dos casos. A escala de plantão contemplava enfermeiras, médicos e os auxiliares de enfermagem da cidade.

Em um daqueles dias que estive lá para cumprir um horário de plantão recebemos uma criança, Manoel, com menos de um ano de idade e sintomas da cólera. O médico naquele dia não podia ir. Tentei, junto às auxiliares de enfermagem reidratar aquela criança através da terapia de reidratação oral; percebíamos, no entanto, que a desidratação avançava e um médico era necessário.

Saí desesperada do Posto em direção à casa do prefeito. Precisava telefonar e pedir socorro a um pediatra que conhecia bem, meu esposo, que se encontrava a mais de 40 km, em outro município. Quando consegui encontrar pelo telefone, o pediatra, mal conseguia falar; apenas pedi que fosse nos ajudar e ele prontamente pegou a estrada em direção à cidade onde me encontrava com vários pacientes doentes e Manoel em franca desidratação.

Sempre recomendávamos não remanejar os pacientes para evitar mortes no traslado. Com o tratamento adequado Manoel saiu recuperado e sua mãe aliviada. Aquela UTC salvou a vida de muitos nos mostrando a máxima que diz “quando se quer o como aparece”.



Colheres azuis

por Francisca Maria Nunes da Silva

Encontrei Fátima, Agente Comunitária de Saúde (ACS) em uma Van que nos levava à capital. A princípio não a reconheci; havia anos desde nosso último contato. Ela não mais atuava, estava aposentada. Tinha trabalhado muito; primeiro como voluntária na comunidade, depois na Pastoral da Criança e por fim como ACS.

Estava acompanhada de outras duas colegas, também ACS. Conversavam animadamente dentro do veículo. Quando perceberam minha presença demonstraram muita alegria, afinal, iniciamos a experiência do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) juntas. Participamos dos mesmos desafios e celebramos as mesmas vitórias.

Fátima era a mais saudosista. Relatou com emoção suas caminhadas em busca das gestantes, das crianças e dos idosos. As gestantes lhe davam muitas preocupações, precisavam de acompanhamento e era difícil encontrar Posto de Saúde. Lembramos, com alegria, nossas colheres azuis da Pastoral da Criança que tanto nos auxiliaram no combate às doenças diarreicas.

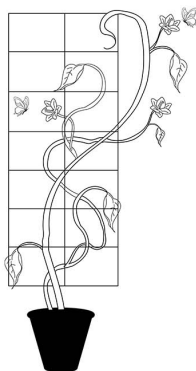
Quantas vidas foram salvas com aquele Soro Caseiro e com a dedicação das ACS, lideradas por enfermeiras destemidas que abraçaram totalmente a causa das populações carentes mesmo antes da implantação da

Estratégia Saúde da Família.

Em meio às lembranças, Fátima me relatou que, alguns anos depois do início do PACS, encontrou casualmente, uma senhora que se dirigiu a ela e disse que sonhava conhecê-la; sem entender, perguntou o porquê. A senhora afirmou que a ACS havia salvado suas crianças de muitos males, inclusive da morte. Disse que precisava trabalhar fora e não tinha ninguém com quem deixar seus filhos, muitas vezes doentes, e, ao retornar para casa os encontrava cuidados e até hidratados.

Quando procurava saber, era informada que a ACS havia passado por lá, preparado soro caseiro, hidratado e alimentado as crianças. Aquela mãe tinha uma enorme gratidão aquela trabalhadora de saúde que não media esforços para alcançar seus objetivos: diminuir o sofrimento daquela comunidade.

Aquela viagem me trouxe muitas lembranças. Dias depois recebi daquelas ACSs um antigo Guia da Pastoral da Criança e duas colheres-medidas para fazer soro caseiro. Guardei comigo aqueles símbolos de muito significado em dias passados que insistem em povoar as minhas memórias mais felizes.



Primeiros passos do SUS no sertão

por Francisca Maria Nunes da Silva

Em uma sala ao fundo do Posto Municipal de Saúde disputávamos uma cadeira para sentar à mesa que tinha a letra H no tampo. Éramos quatro, eu, a enfermeira, Lúcia e Bete, as Assistentes Sociais, e Marina, a médica que também era gestora de saúde.

Era a secretaria de saúde do município que ali funcionava. Não havia mobília, computadores ou recursos financeiros, mas, naquele local as mulheres sonhavam, planejavam e trabalhavam para implantar o Sistema Único de Saúde através da municipalização.

Eram muitas demandas, muitas reuniões na capital, muitos documentos a ler, muitas normas a cumprir até aprontar toda documentação necessária para envio às instâncias superiores e aguardar o desenrolar do processo.

A demanda mais demorada era a formação do Conselho Municipal de Saúde porque exigia mobilização de gestores, prestadores, trabalhadores de saúde e a comunidade. Eu e Lúcia estávamos na linha de frente. No mesmo dia nos reuníamos com o prefeito, muitas vezes em sua casa, e conversávamos com trabalhadores rurais, tanto nas escolas como nas casas de farinha ou debaixo de árvores.

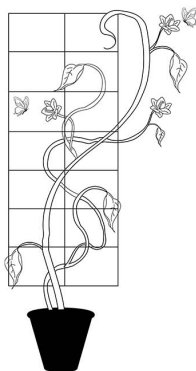
Precisávamos do apoio de todos. A adesão dos trabalhadores à proposta não era tarefa fácil. Havia muitos que acredi-

tavam em um Sistema de Saúde melhor, outros, porém, temiam ser geridos pela instância municipal, porquanto seus vínculos eram com o estado ou com o nível federal. Era difícil conseguir local para tantas reuniões, por isso, certa feita, me juntei aos trabalhadores de enfermagem do município e fizemos nossa reunião em uma praça pública.

Lembro-me da esperança que existia entre os auxiliares de enfermagem.

Os salários eram muito baixos, menos que o mínimo vigente. A pergunta que sempre me faziam: você acredita que teremos um salário melhor se a municipalização acontecer? Eu afirmava que tudo ia melhorar, aquele novo Sistema provocaria uma revolução no setor saúde.

Hoje, aquelas auxiliares de enfermagem já não estão mais em atividade, mas tiveram a oportunidade de atuar no novo sistema e perceberem mais que um salário mínimo. Numa ação coletiva para o coletivo contribuímos com a criação de um sistema com a proposta de ser universal, equânime e descentralizado.



Era madrugada...

por Eloisa Tavares da Silva

Era de madrugada, mais ou menos duas da manhã quando dei entrada no hospital com dores que pareciam que iriam deslocar meu corpo de mim mesma e desesperada estava. Passei pelos procedimentos básicos, fiz a ficha de atendimento e enfim passei pelo processo de triagem, o qual foi verificado minha pressão arterial, temperatura e colhido os primeiros sintomas das patologias que apresentava, e fui aguardar na recepção.

Foram mais ou menos 30 minutos de espera para então ser chamada pelo médico, ele ouviu minhas queixas e como qualquer consulta do SUS, foi uma consulta rápida, direcionada e sucinta, daí então fui para a sala de medicação onde lá estavam incansáveis técnicos de enfermagem e duas enfermeiras.

Entreguei-lhes meu prontuário impresso onde estavam as medicações que haviam sido receitadas, lembro que tomei duas injeções intravenosas e uma intramuscular. Misericórdia, como doía cada agulhada, intensificava as dores que meu corpo já lutava para se livrar.

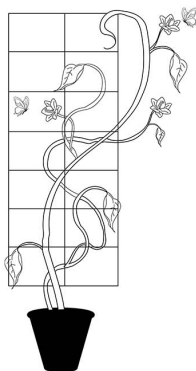
Depois de aplicar a medicação chegou uma enfermeira e começou a puxar papo comigo, me perguntar o que havia, o que eu queria, se precisava de algo, se estava com sede, frio,

sono, fome, coisas de quem realmente gostava do que estava fazendo que era atender as pessoas e cuidar realmente delas.

Lembro como se tivesse sido hoje o carinho que ela me tocava, e olha que eu estava machucada e ela em momento nenhum sentiu nojo sequer de tocar e nem de conversar comigo, porque por mais chocante que seja as pessoas tem nojo de tocar nas outras pessoas quando elas estão doentes, demonstrem ter problemas ou simplesmente sejam diferentes.

Poxa, naquele dia me senti tão bem cuidada que não foi nem a medicação que fez com que eu ficasse boa, foi o carinho e o zelo que aquela enfermeira teve comigo. Lembro que saí de lá às 5 da manhã e ela fez questão de antes de me liberar me dar um aperto leve na mão e me desejar melhoras. Ainda disse: “precisando, que espero que não, estarei por aqui, pode me procurar, melhoras meu bem, se cuide”.

E foi nesse dia que minha concepção sobre cuidado e amor à profissão se moldou. Por isso digo, quando for fazer algo, faça com amor, com cuidado e atenção, porque às vezes a gente não precisa apenas de medicações, mas sim de atenção.



Fazer a diferença

por Gabriela Lima da Silva

Certa feita fui passar as férias na casa da minha avó. Lá é uma cidade pequena, cheia de ladeiras. Possui muitos monumentos históricos, casinhas antigas. É uma cidade bastante aconchegante. Devido ao seu tamanho, todos os moradores se conhecem e sabem um da vida do outro.

Daí porque fiquei sabendo que perto da casa de vovó tinha um senhorzinho muito bem humorado e que era muito de bem com a vida. Quis o conhecer. Ele tinha diabetes e devido a essa condição já tinha amputado as duas pernas, mas a alegria de viver dele era contagiante.

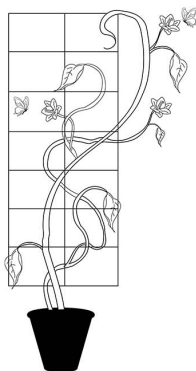
Ele distribuía boas energias para muitas pessoas e todos se admiravam desse seu jeito mesmo vivendo com essas limitações. Acontece que por trás do Senhorzinho tinha um filho que o cuidava. Pude presenciar que o amor desses dois era a coisa mais linda, tanto me impressionou como a todos que conviviam com eles.

Esse filho fazia tudo por ele ao ponto de fazer questão de ultrapassar as paredes das limitações do avô dele. Com o tempo, soube que o filho dele era um profissional da saúde. Mas não era esse fato que contava e sim o cuidar dele que era diferenciado, não só cuidava do corpo de seu pai, mas da vida que ele tinha e que para ele deveria ter alegria de viver.

Era a naturalidade com que fazia as coisas, a persistência e a perseverança desse filho que fazia a diferença. Era a sua dedicação, a atitude que demonstrava o quanto ele se sentia feliz por estar fazendo aquilo pelo seu pai. Acredito que o amor era a razão de tudo isso, pois é a força propulsora que revigora, que transforma, que cura.

Acredito que nada acontece por acaso. É tanto que aqui se confirma a fala de uma grande enfermeira inglesa chamada Cicely Saunders que assim dizia “o sofrimento só é insuportável quando ninguém cuida”.

Que bom seria se todos os filhos fizessem e pensassem assim. Por isso que ao observar esse caso passei a cuidar considerando a integralidade das pessoas. Tenho certeza que ao vivenciar esse cuidar diferenciado mudei não só o meu olhar, como também mudou o olhar de muitos. Portanto cuide, cuide por você e cuide pelo outro.



Respira

por Gabriela Lima da Silva

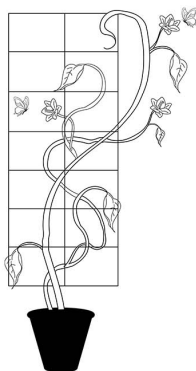
Tenho asma brônquica desde que completei um mês de nascida. Condição em que as vias aéreas de uma pessoa ficam inflamadas, estreitas e inchadas, além de produzirem muco extra, o que dificulta a respiração. Por esse motivo, sempre fui uma criança limitada de água gelada, de algumas atividades, sorvete e banhos de chuva.

Não foi nada fácil. Mas minha mãe, gentilmente, me adaptou à realidade. Ela tornava os sintomas mais brandos. Frequentemente, eu tinha crises durante a noite, devido ao local onde morávamos.

Quando eu tinha seis anos tive uma crise que me marcou significativamente. Chovia bastante. Na madrugada daquele dia eu tive uma crise muito forte. Minha mãe conta que eu não conseguia respirar direito e que minha face desfalecia. Ela me colocou no colo, me deu remédio pra ajudar a respirar e administrou a minha inalação de medicamentos que abrissem minhas vias orais e eu respirei.

Respirei como função biológica, respirei aliviada por não ter mais aquela sensação de morte, respirei por ter minha mãe perto de mim. Depois de anos fui curada e refletindo sobre o assunto, notei que, na verdade, o amor e o cuidado de minha mãe foram o meu maior remédio. Isso é, foi o cuidado

e por causa dele é que muitos de nós estamos aqui, respirando e vivos. O cuidado é que garante a manutenção da vida e como diz Leonardo Boff é a atitude para que a vida permaneça.



Senhor Vitório

por Gabriela Lima da Silva

O Senhor Vitório foi um paciente que acompanhei durante um bom tempo. Essa convivência foi mudando a minha pessoa e a forma como eu via o cuidado no seio das famílias. Ele era um senhorzinho bem humorado, inteligente, ele gostava de dançar.

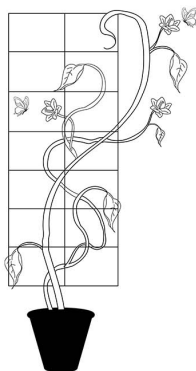
O câncer que o acometia estava em metástase, mas ele tinha mais vigor do que eu. Apreendi tanta coisa importante com ele sobre a vida, sobre prioridades, sobre sorrir e sobre persistir. O Sr. Vitório foi muito importante para o meu desenvolvimento como pessoa e como profissional junto com a sua grande e linda família que possuía algo difícil de se ver, ou seja, uma rede de cuidado muito bem estruturada dentro de casa.

Quero aqui mostrar um exemplo de como percebi isso na família dele. Numa das visitas que o fiz, ele estava bem debilitado e desorientado. Apesar de acompanhar seu caso há muito tempo, ele nem conseguiu me reconhecer. Avaliei seus sinais vitais, dei as devidas orientações e o deixei mais confortável possível.

Enquanto esperava sua melhora sentei e comecei a observar a dinâmica da família. Um filho fazia o chá. A filha colocava meias em seus pés. A neta o cobriu. A sobrinha apoiava a cabeça dele. Cheguei a imaginar que seu quadro pioraria nos dias posteriores.

No dia seguinte, quando pensei em voltar para visitá-lo, os familiares me relataram que ele naquela manhã havia acordado, tomou seu café, andou, sentou e ficou com a sua família. Ele dentro do possível voltou a ficar bem e mais uma vez o cuidado me surpreendeu.

Venho assim observando na minha vida profissional algo que muito me chama atenção nas famílias que acompanham seus familiares em casa. Existem aquelas que cuidar significa apenas alimentar, dar banho, trocar as roupas e deixar o doente quietinho na cama. Mas já existem aquelas que além de fazer tudo isso vão além, juntam-se e tecem uma rede de cuidado e proteção ao ente querido como pude perceber e sentir sempre na casa do Senhor Vitório.



Dor da Alma

por Gracielle Torres Azevedo

Aquele dia parecia ser diferente, e foi. Adentrei à enfermaria e avistei uma mulher jovem, cabelos longos amarronzados, rosto fino, olhar vago, usava óculos de grau com armações vermelhas, respondia em monossílabos, como quem não quer prolongar o assunto. Tentei manter um tom mais animado, ao perceber sua apatia.

Questionei-lhe sobre suas dores; ela foi inespecífica e em segundos apontou todo o corpo: as costas, a perna, a coluna, o peito, a cabeça, o pé e os cotovelos. Imaginei em segredo que teria muito trabalho por ali. Tentei esmiuçar suas queixas sem grande sucesso, pois eram várias e difusas.

Ainda perdida, buscava um ponto de partida para aliviar-lhe as dores, e como se já não bastasse ela completou dizendo que as dores pioram ao sentar ou caminhar e surge uma falta de ar ao deitar.

Seu corpo não queria sair da cama. Ela tinha face de dor. Era inegável que as dores físicas existiam, mas algo mais profundo parecia estar ali. Algo me intrigava e eu precisava descortinar. Se tudo lhe doía, isso parecia ser apenas a ponta do iceberg, havia algo muito além de um corpo com dores.

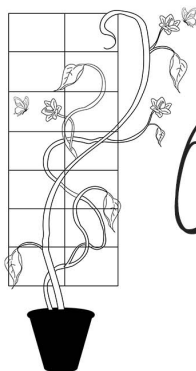
Ela não queria exercícios, negava intervenção e rejeitava cuidados, apesar do semblante de sofreguidão e pesar. Procu-

rei o serviço de psicologia, tentamos uma abordagem juntos, uma “injeção de ânimo”, mas nada parecia adiantar.

Resolvi não intervir e fui à enfermaria sem estetoscópio e sem pretensões. Aproveitando uma folga na agenda, passei por lá para doar-lhe meus ouvidos, apesar dela não demonstrar querer conversar.

Repeti as visitas por uma semana na tentativa de construção de algum vínculo, e para a minha surpresa, naquele dia, ela me falou da morte de sua filha há 5 anos. Uma tristeza tomou meu peito e meus olhos marejaram. Tudo então fez sentido.

As dores em seu corpo era sua alma latejando de saudade e seu coração destroçado num vazio infinito. A dor era a ausência que não pôde ser preenchida; era vazio de amor e para essa dor não há remédios e nem exercício. E como se aca- lentasse a mim mesma, dei-lhe num abraço meu afeto para tentar atenuar por um minuto esse vazio.



O dia do passeio pelo hospital

por Jackelyne Oliveira Costa Tenório

Era um sábado como muitos outros já passados e eu estaria no hospital, por 12 horas. Recebo o plantão às 7:00h e já senti que o dia seria repleto de muito trabalho. Estava programado às 11:00h o recebimento por ordem judicial, de um paciente procedente de São Paulo apenas com essa lacônica justificativa: vítima de traumatismo raquimedular.

Às 12:00h recebemos uma ligação do Samu comunicando que encontrava-se no aeroporto com o paciente e que estava a caminho do hospital. A equipe estava à espera e preparada. Logo mais o paciente entra na UTI e de repente por alguns segundos, percebo que ele sorri pra mim.

Tive a impressão que conhecia de algum lugar aquele jovem, traqueostomizado, em ventilação mecânica, tetraplégico com trauma em C5 e ressecção completa de medula. Após a estabilização do seu estado e realizado os demais cuidados com o paciente, vou para o prontuário eletrônico alimentar com todos os dados da admissão e nesse processo vem uma imagem na minha cabeça, é ele, meu Deus, como pode?

Respirei fundo, controlei as emoções e retornei à beira do leito. e perguntei: José é você? José foi um colega de colégio, uma pessoa cheia de vida, um garoto popular que gostava de tocar e cantar e na época fazia parte de uma banda com os

amigos. Ele que sempre tinha o sorriso no rosto e diante de tudo o que estava passando, não havia perdido aquele sorriso e disse: “Estava esperando você me reconhecer”.

Ele passou meses na UTI e foram tempos bem difíceis, com a transição de uma fase para outra, que só a psicologia explica; havia dias que ele esperava que eu chegasse porque só queria falar comigo e outros dias que não queria nem vê e nem falar com ninguém.

Num plantão noturno, assim que cheguei marquei com ele que naquela madrugada iríamos assistir um filme e é claro ele que escolheria. Isso era apenas um pretexto para fazer com que ele conversasse um pouco comigo e deu certo. Entre uma conversa e outra ele relatou que gostaria de ir à igreja e à lanchonete que tanto se falava na UTI.

Os dias se passaram e fiquei pensando naqueles desejos seus e como eu poderia realizá- los. Os pensamentos me davam uma sensação de completa impotência e impossibilidade, afinal era um paciente de tal complexidade que me causava medo do que poderia acontecer com ele nessa saída da UTI.

Ao mesmo tempo permanecia a vontade de fazer algo para que desse certo a realização de seus desejos. Foi então que sem ele saber, comecei a planejar tudo com a equipe multiprofissional (Médico, Fisioterapeuta, Enfermeira, Técnicos de Enfermagem, Maqueiro, Capelão e a Equipe de Segurança), constituímos uma verdadeira comitiva e até hoje ainda posso sentir a tensão e a expectativa no ar de todos nós mesmo com mais de um mês de planejamento.

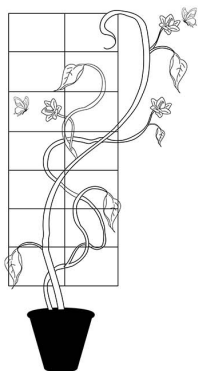
A cadeira de rodas adequada estava completamente equipada com ventilador e bateria, frasqueira com todos os materiais necessários para uma eventualidade, rota de transporte determinada e equipe orientada, setores por onde iríamos passar cientes e dispostos a ajudar caso fosse necessário.

Nem preciso dizer que o frio na barriga e a responsabilidade tomou conta de mim naquele momento único para todos.

José só foi avisado na hora de irmos. Disse- lhe que a equipe queria fazer uma surpresa. Seria um passeio no hospital, um momento completamente atípico. Um sorriso largo tomou conta de seu rosto e parecia não acreditar. Saímos com ele UTI afora e em seu semblante eu via o antigo José da época do colégio, aquele menino doce e feliz.

A primeira parada foi a capela e na porta estava sua mãe, tornou-se um momento deles, e a nossa alegria era ter conseguido proporcioná-lo; a segunda parada é claro foi o outro desejo, a lanchonete, comeu o que queria, mas a nutricionista também fazia parte da equipe e concordou com suas escolhas, e que prazer demonstrava a cada pedacinho que colocava na boca. Nem preciso dizer.

Vou deixar vocês imaginarem a nossa emoção e sensação de missão cumprida. Desejos tão simples os seus, mas que foram muito complexos de ser executados por nós. No entanto, o cuidado, o carinho com que planejamos cada detalhe, a determinação em acertar superou todas as dificuldades e só trouxe empoderamento, nos mostrando que é possível que se pode atender os desejos de nossos paciente lhe trazendo um oásis em meio de tantas incertezas e sofrimento.



O despertar de um coma

por Jackelyne Oliveira Costa Tenório

Tudo aconteceu naquele ambiente frio e barulhento. Alguns chamam até de corredor da morte, porque “se alguém for pra lá é porque tá muito ruim, vai morrer”. Já eu, costumo chamar de “lugar onde o paciente que para ele vai, é aquele que tem chance de viver”, ou melhor; é o lugar onde TUDO pode acontecer, é uma Unidade de Terapia Intensiva, a UTI. E foi justamente nesse ambiente que tive as melhores experiências de minha vida enquanto profissional e como ser humano.

Sou uma enfermeira à beira do leito, de conversar com todos os pacientes, inclusive aqueles em coma, como também com os que se encontram no processo de definhamento. Alguns colegas de equipe dizem: “eita, lá vem ela... quando começa com essas conversas, é o plantão todo”. Outros dizem: “ não sei como você tem essa paciência, ele tá em coma, em estado vegetativo” e outras tantas colocações no mesmo sentido.

Nunca me importei com as críticas, com possíveis julgamentos que poderia estar louca e sempre falava que não sabemos até que ponto o paciente em coma pode escutar e ter consciência de algo. Por isso sentia-me na responsabilidade e no cuidado de relatar e pedir autorização a cada paciente para realizar algum procedimento, fazia questão de mantê-lo informado sobre a data, o dia da semana e notícias da atualidade

Sentia a necessidade de alguma forma trazer esse paciente para o nosso mundo, o mundo que ainda era dele. Nos horários das visitas perguntava aos familiares o que aquele seu familiar gostava de fazer, ler ou assistir, para ter mais elementos que me aproximasse do conhecimento do paciente e enriquecesse nossas conversas sempre preservando os relatos bons porque o ruim eles já estavam vivendo ali.

Aproveitava a ocasião das visitas para orientar aos familiares que mantivessem um pouco de contato físico, poderia ser um simples toque. Notava que alguns ficavam acanhados, outros tinham medo de tantos equipamentos ou se esquivavam provavelmente por motivos pessoais.

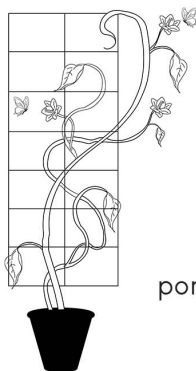
Tinha a compreensão que a família também precisava desse encorajamento para que se aproximasse do seu familiar conversasse com ele, pois quem sabe ele poderia reconhecer a voz de quem lhe falava e sentir-se cuidado, amparado e protegido.

Acreditava nessa verdade e foi num cenário e circunstâncias como essas que tive a maior e uma das mais emocionantes revelações de minha vida profissional. Isso se deu após uns dias que me foi concedida licença médica. Ao retornar a rotina durante a passagem do plantão leito a leito do número 1 ao 8 quando estava sendo relatado por nós o que tinha sido feito com cada paciente, resultados de exames, dentre outras informações que escutei uma voz ainda rouca vinda do leito 05.

Esse leito ficava em frente ao balcão central e eu estava próxima, mas não conseguia ver o paciente que falava devido a divisória que existia. A voz exclamava notas de alegria e surpresa e assim se expressava: “era você, era você que falava comigo, eu conheço sua voz, achei que fosse imaginação de minha cabeça enquanto estava dormindo”.

Um misto de alegria, surpresa, dever cumprido e grande emoção me tomou naquele inesquecível e ímpar momento.

Pude constatar junto ao paciente a veracidade de tudo que lutei durante anos para que fosse considerado e compreendido e ter o aval para continuar, enquanto me for possível na minha loucura sã.



Busca pelo simples

por José Gutemberg de Vasconcelos Bezerra

Receber a notícia de que temos uma doença incurável faz despertar em nós a necessidade de aproveitarmos com toda intensidade cada dia que nos resta, como que corrêsemos atrás do tempo supostamente desperdiçado até então. Curioso é perceber que só na hipótese de iminência de morte é que nos mobilizamos àquilo que deveria ser uma constância em nossas vidas.

Todos nós guardamos sonhos e desejos nunca realizados, e é bem provável que isso explique o impulso quase instintivo de torná-los realidade a qualquer custo enquanto há tempo – embora seja um devaneio achar possível vivê-los todos.

Não raro, lemos ou ouvimos relatos de pessoas em estágios avançados de adoecimento refletindo profundamente sobre o que fariam diferente no passado, caso o pudessem. Surpreende-nos perceber quão coincidentes são os arrependimentos e frustrações com muito do que constitui nossa trajetória atual.

Assim, perpetuamos a mesma insensatez praticada pelos que agora a renegam na hora da partida, e para esses, aqueles sonhos não vividos, despertados na ocasião do diagnóstico sombrio, agora já não têm nenhum valor.

Priorizar demasiado a carreira e a busca por dinheiro e bens, perdendo com isso a rica experiência de acompanhar o

crescimento dos filhos; cuidar dos outros a vida inteira esquecendo-se de si mesmo; distanciar-se de pessoas amadas por desentendimentos fúteis; a recusa em pedir perdão, perdoar, perdoar-se.

Por óbvias que sejam, estas constatações nos confrontam por parecidas que são com a nossa realidade e, amargamente, a imensa maioria de nós se identifica com isso. Ocorre que, em tese, estamos apenas no meio de nossa jornada, e não no seu ocaso.

Somos naturalmente impelidos a refletir sobre estas questões. Será que é preciso chegarmos ao final da vida para lamentar aquilo que entendemos ser um engano, um erro? Por que não nos questionamos ao longo de nossa trajetória? E se assim o fazemos, por que não redirecionamos o leme de nossa existência no sentido desejado?

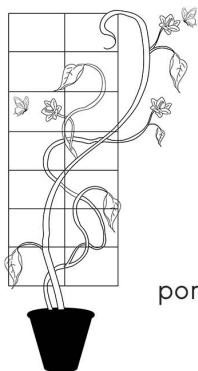
É provável que parte desses conflitos possam ser equacionados se conseguirmos conciliar as inúmeras obrigações nossas de cada dia com tudo aquilo que venha a preencher a existência de significado verdadeiro, mas resolver essa complexa operação pode nos exigir uma vida inteira de dedicação e vigilância.

Por outro lado, há chances de tudo ser mais simples do que aparenta. Se ficarmos atentos à lucidez dos que estão prestes a partir, passaremos a valorizar a experiência cotidiana das coisas banais. Afinal, com um mundo de opções, pacientes terminais costumam pedir sorvete como último desejo antes de morrerem.

Nossas vidas sempre serão permeadas de tristezas, frustrações e dores, ninguém deve se iludir quanto a isso. Mas se é na simplicidade que encontramos o sentido da vida, então brincar com os filhos pequenos e vê-los aprender a ler, rir com os amigos, cuidar com afeto da mãe doente, ajudar na mudan-

ça do vizinho podem ser os sabores de sorvete a adoçar-nos a caminhada, a escolha de cada um.

Entendendo que viver compõe um todo multifacetado de experiências, cabe a cada um de nós buscar enxergar o que há de realmente importante ao nosso redor, partilhando como ‘acaso” a composição de nossos dias, reprogramando nossa percepção futura de que valeu a pena viver ao fim de nossa jornada.



A professora

por José Gutemberg de Vasconcelos Bezerra

Lembro bem do clima pesado nos corredores da enfermaria quando alguma morte se anunciava. Para mim era mais fácil perceber isso. Como profissional recém-chegado ao hospital ainda não havia absorvido um comportamento comum em alguns colegas de naturalizar a morte através de uma falsa indiferença, atitude típica de defesa pela dificuldade em lidar com situações desse tipo.

A equipe de plantão começa a preparar o ambiente posicionando biombos em volta da doente numa tentativa frágil de garantir o mínimo de privacidade para os familiares sofrerem sua dor e também para preservar os demais pacientes da angústia de, muitas vezes internados no dia, presenciarem a morte tão de perto.

Certa vez, algo diferente me chamou a atenção; percebi uma quantidade acima do comum de visitantes que, desconsoados, iam e vinham da enfermaria para chorar a morte iminente da irmã de fé por um câncer em estágio avançado. Cheguei-me com discrição e me coloquei a certa distância como espectador, e apesar de entender que o momento pedia por algum tipo de atenção, de suporte, não me sentia preparado – algo precisava ser feito, mas claramente não sabia o quê, nem como.

Também vi que todos os que sofriam, que choravam, na verdade eram todas. Só havia mulheres. Filhas, irmãs, sobrinhas, netas, vizinhas, amigas de infância e da igreja – mas nenhum homem! Inevitável não refletir sobre isso.

Nessa atmosfera tensa, pesada, alguém se movimentava de modo diferente, destoante até – talvez por isso chamasse atenção. Com sua atitude acolhedora e uma amabilidade pouco comum, era capaz de aquietar qualquer aflição. Chegava a uma e lhe perguntava o nome e o laço que a unia a doente, a outra demonstrava empatia pelo seu sofrimento, e a outra perguntava se não se lembraria de alguma música que a paciente gostasse de cantar.

Com esses gestos sutis e pontuais, aos poucos, o que era um pequeno caos de sofrimento e medo, foi se transformando num acolhimento mútuo ao redor da mulher que já agonizava. Sugeriu a uma das familiares que chegasse pertinho do ouvido de sua irmã e lhe dissesse o quanto a amava. Orientava: “diga seu nome, segure sua mão, faça-lhe carinho, ela vai perceber que é você!”

Em seguida, convidou o grupo para cantar seus hinos preferidos. Em uníssono, todas as mulheres converteram suas dores num potente e entusiasmado coro capaz de arrancar um discreto sorriso de “canto de boca” da paciente. Foi o suficiente para fazer aquele grupo, já entusiasmado, extravasar o que restava de emoção contida. Num misto de tristeza e alegria, comoção e euforia, passaram a chorar, a cantar com mais vigor ou simplesmente se abraçaram ao perceber a última expressão de sentimento daquela por quem lamentavam morrer.

Mas que personagem era aquela com um poder de persuasão tão sutil guiando com ninguém tanto desconsolo convertido em entrega e aceitação? A professora – como costuma ser chamada – por pura ironia da vida, é enfermeira obstétrica

de formação, ou como ela costuma se definir com o título que lhe deram suas alunas, “parteira do além”.

Por muito tempo auxiliou o nascimento de inúmeras crianças, quase a vejo acalentando tantas mães exauridas após partos longos e difíceis. E agora – na verdade há uma década – cuida dos que estão prestes a partir e também de suas famílias.

A perda de um ente querido nos coloca numa condição de fragilidade e de exposição emocional intensas. Nada melhor nessas horas que contar com a companhia afetuosa quando mais nos sentimos sós e desamparados; de ter ao lado alguém sensível ao nosso sofrimento, buscando com zelo a palavra certa, num desejo verdadeiro de amenizar nossas dores do corpo e da alma.

Recordo o dia em que um experiente colega em cuidados paliativos lhe aconselhava: “Não carregue consigo a dor alheia, ela não é sua, por isso você deve esquecê-la ao distanciar-se do trabalho, para não correr o risco de adoecer!”.

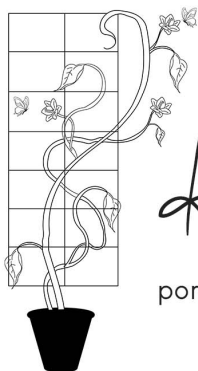
E embora reconhecesse a verdade contida naquelas palavras, ela refletia: “Mas eu não sinto isso, eu me sinto bem!”. Com o celular sempre a postos, não hesitava em cuidar de longe, orientando os cuidados em situações de urgência, ainda que nas madrugadas ou nos finais de semana.

Literalmente é o amor ao próximo que a move; em várias ocasiões, ao fim de um longo dia acompanhando famílias angustiadas com seus parentes em finitude, percebi-a plena – até revigorada – o que destoava de nós, esgotados e sem energia. Assim era a professora.

Enfim, de volta à cena que assistia, algo mais me chamou a atenção... vi um gigante sendo puxado para dentro da enfermaria por um sem número de mulheres – pequenas perto dele – mas decididas a fazê-lo aproximar-se da mulher a qualquer custo.

Apesar do tamanho, assustado como uma criança, o homem mal conseguia disfarçar o medo. Inseguro e contido, pôs-se calado a alguma distância da cama, enquanto as demais oravam e cantavam – pareceu profundamente só. Nisso a professora se aproxima, e curiosa e espontânea lhe pergunta: “O que você é dela?” Baixando o rosto ele lhe responde: “Filho...”. Percebo nela o olhar de compaixão. Abraça-o carinhosamente e o grande homem desaba num choro desconsolado que só uma mãe acalmaria – o que nos emocionou profundamente a todos.

Assim, calmamente ela o guia para junto da mãe que parecia há muito aguardá-lo. Debruçando-se em seu colo, o choro copioso foi se calando, era a última vez que ela o acalentava... a mãe finalmente partiu.



Aceitação mútua da partida

por José Gutemberg de Vasconcelos Bezerra

Vivenciar o adoecimento e morte de alguém amado nos expõe a situações limite de sofrimento, difíceis de serem superadas e de certo carregamos conosco o vazio deixado pela perda ao longo de nossas vidas.

As reações que se costumam observar em ambientes onde a morte faz parte da rotina, como em hospitais, são bastante variadas, e com frequência ocorrem padrões de comportamento bem comuns, como a resignação prévia de parentes e pessoas mais próximas do doente.

Sobretudo, se este vem atravessando um processo muito doloroso, mobilizando nos que o rodeiam o desejo de que o sofrimento cesse – o que viria através da morte; ou a revolta e o desespero no momento em que o doente parte, aliviados em seguida pelo choro copioso e o acolhimento mútuo, principalmente em famílias mais unidas e numerosas.

Mas há laços que resistem a aceitar que a vida possa seguir em frente, depois da partida. Não é difícil associar esta reflexão ao vínculo entre mães e filhos. Recordo a preocupação que se instalou na equipe quando comunicamos a uma mãe que todos os recursos disponíveis para o tratamento e cura do seu filho haviam se esgotado.

O jovem, por sua vez, recusava-se a conversar com a equipe sobre sua condição clínica e a evidente progressão do

câncer, aguardando melhorar do cansaço para poder “iniciar a quimioterapia”, já que planejava voltar a surfar em algumas semanas tão logo recebesse alta, o que entendi tratar-se de um processo de negação – reação frequente e legítima, pois enfrentamos nossas batalhas íntimas com os recursos internos de que dispomos, ou, noutras palavras, recusamos morrer porque gostamos de viver.

Assim, foi respeitada sua decisão, ou atitude, de não ser comunicado sobre a gravidade do caso. Isso repercutiu profundamente na maneira como sua mãe passou a lidar com essa realidade tão dolorosa. Se ao longo do internamento, pouco a pouco, ela se dava conta da irreversibilidade da doença, para ele ocorria o oposto, aumentando ainda mais sua angústia e frustração de perder um filho que se negava a morrer.

Seu sofrimento foi imenso quando lhe informamos que os cuidados seriam exclusivamente paliativos. Algumas frases brotaram do seu choro, e isso nos chamou a atenção. “Eu não aceito perder meu filho!”, “Se ele morrer, eu sei que vou morrer junto!”, “Eu não vivo sem meu filho!”. Palavras desesperadas são comuns nesse tipo de situação, mas o que nos alertou foi o tom afirmativo, quase decisório, do que dizia.

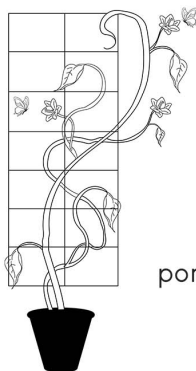
De imediato pensamos em não deixá-la só acompanhando o filho, “recomendando” mais um familiar para dividir consigo os cuidados, o que acabou aceitando muito embora nosso objetivo fosse manter vigilância constante sobre suas ações. Pessoas sob sofrimento intenso podem sucumbir a atos contra a própria vida - compreendemos aí claramente a manifestação do que se conhece como “dor total”.

Nessas circunstâncias, a luta do filho pela vida alimentava a revolta crescente da mãe com a sua morte, que já se insinuava. Com a recusa de ambos à atenção da psicologia ou a qualquer outra alternativa para alívio do sofrimento psíquico,

só nos restava estar sempre ao seu lado; e nos perguntávamos como a mãe reagiria no momento da morte do filho. Todos estávamos tensos e preocupados.

Percebendo a morte iminente, num grande esforço para respirar, o filho pede a atenção da mãe; esta se aproxima com a doçura que lhe foi possível. “Só fico preocupado com você, mãe... como é que a senhora vai ficar?...”. Observamos tudo muito quietos, o momento era emocionante e íntimo. Nesse instante, quase que pudemos ver uma nuvem densa e carregada se dissipar dos olhos dela.

Ele, naquele momento, aceitava a morte, e ela, por causa disso, aceitou continuar a viver. E compadecendo-se com a última manifestação de amor e carinho de seu filho por ela, lhe fala com extrema ternura: “Vá em paz meu filho! Eu vou ficar bem, não se preocupe com sua mãe! Nunca vou esquecer você!”. Minutos depois ele partiu.



O Raizeiro

por José Gutembergue de Vasconcelos Bezerra

Pessoas hospitalizadas ficam longe da família, param suas rotinas de trabalho e estudo, são distanciadas dos amigos, vendo os dias correrem longos e ociosos e além de tudo isso, em muitos casos, sentem dores torturantes e convivem com o medo da morte dia após dia. É natural nos sentirmos frágeis e deprimidos, mas algumas pessoas – muitas, aliás – passam por todo esse sofrimento com uma leveza de fazer inveja! Quiçá vivêssemos desse modo nos dias de saúde. Assim era seu João!

Com seu sorriso largo recebia qualquer um que adentrasse na enfermaria onde estava internado. Ao me apresentar, perguntei-lhe como se sentia e se poderia ajudá-lo; removendo a máscara de O₂ do rosto, fala: “me traga algumas gases meu irmão, minha lesão está com muita secreção...”, o que logo providenciei. Ao lado da cama, meio escondido, vi-o depositando gases sujas de sangue que ia expelindo a cada intenso e sucessivo acesso de tosse.

Seu João ficou curioso quando me apresentei, parecia mais interessado em me ouvir do que falar de si mesmo... só parecia! Contou-me com muito orgulho que trabalhara por mais de 40 anos como raizeiro, curando as pessoas com um sem número de receitas para os mais variados problemas de saúde.

— Apreendi com minha vó, meu irmão, era índia!

— E onde estão estas receitas?

— Ah, estão guardadas na cabeça! Um bom raizeiro não esquece nunca! Os índios não sabiam ler, né Dr?

— Você aprendeu com sua vó, mas a quem você ensinou?

— Meus filhos têm seus trabalhos. Nunca quiseram aprender.

— Então vamos anotar tudo! Você dita e eu escrevo. Faça um livro com todas as receitas que se lembra. O que acha?

O paciente fitou-me por um breve momento, e entre um intervalo e outro de inspiração mais profunda e alguns acessos de tosse, me perguntou: Você faria mesmo, Dr? Vi-o ligeiramente comovido. Como não sabia ler, imagino que já lhe passara pela cabeça essa ideia, ou pelo menos imaginou que levaria seu conhecimento — e de seus antepassados — junto consigo.

Olha-me calado e com um sorriso inconstante. De pronto, animo-o com os preparativos. Nesse momento o telefone toca, era sua mãe, o que me surpreendeu, pois ele já aparentava idade avançada. Afasto-me respeitosamente, tentando dar-lhe privacidade e, com isso, sentir-se à vontade, mas não precisou. Seu João trouxe à tona uma voz mais ativa, ainda que fraquejasse, mas reanimada com aquela ligação; não tinha como não ouvi-lo:

“A bênção minha mãe! ...se preocupe não, eu sei que a senhora não anda mais... ô minha mãe, tô melhor sim, sua reza me ajuda muito e eu tô dormindo tão melhor... Tenho fé sim! Não perco a esperança de ficar bom e voltar pra minha barraca na feira!... E é, minha mãe? tô fazendo falta?! ...Vou anotar tudo que você me ensinou com um Dr., minha mãe, vai ficar tudo guardado... Eu amo você, estou tão melhor, me espere que quando eu sair vou aí lhe tomar bênção, eu sei que você não pode vir. Também te amo mamãe...”

Com os olhos marejados me chama para perto:

— Obrigado, Dr!

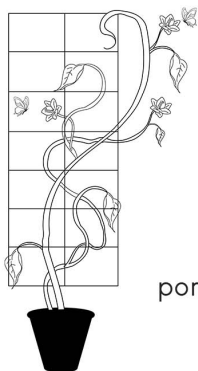
— Imagina! nem agradeça! O sr. está bem?

— Muito, meu irmão. Muito...

— Posso voltar amanhã?

— Volte sim, vou lhe esperar...

Saio da enfermaria animado, mas respiro fundo; aquele paciente incomum, tão sábio, tão sereno, ainda que seriamente doente, me permitiu compartilhar o que lhe era mais caro e mais íntimo, ainda que mal me conhecesse. Senti-me grato. Retorno na manhã seguinte com os cadernos, sabia que precisava ser ágil. Mas não adiantou. Seu João morreu na mesma noite, e segundo as enfermeiras, com a mesma tranquilidade em que vivera, apesar da doença, seus últimos dias, seu último dia.



Andar dos queimados

por José Gutemberg de Vasconcelos Bezerra

As reuniões para divisão de vagas de estágios dos vários cursos no departamento de saúde da universidade sempre eram tensas.

Naquele tempo os profissionais recebiam voluntariamente os alunos e nem sempre a quantidade de vagas era suficiente.

Além disso, também havia os preceptores mais renomados que disputávamos com a tenacidade juvenil que nunca resolve nada. Todos tínhamos as nossas estratégias para aumentar as chances da disputa, uns diziam que moravam mais perto daquele posto de saúde, enquanto outros alegavam que tinham mais experiência acadêmica nisso ou naquilo, ou que aquele campo embasaria o tema do seu TCC; muitos até se aventuravam a contatar por fora o profissional tentando convencê-lo a que este o requisitasse para a vaga; e claro, nada disso adiantava; tudo era resolvido na base do sorteio mesmo.

Mas a competição também se dava por outros motivos. Alguns locais eram evitados a todo custo pela fama de pouca qualidade ou por serem muito afastados da cidade, o que nos obrigaria a acordar ainda mais cedo. Enfim, tentávamos fugir daqueles espaços pouco interessantes. Só que num desses, as razões fugiam da banalidade.

Vi o rosto de alívio dos colegas quando eu fui escalado para o estágio no andar de queimados do hospital da cidade, referência da região no tratamento de queimaduras graves e extensas. Nos anos 90 era comum ouvir casos de grupos de adolescentes que ateavam fogo em moradores de rua e as vítimas que sobreviviam costumavam ser levadas para lá, onde permaneciam internadas por longos e sofridos meses de recuperação.

Os colegas que nos antecederam nesse estágio nos relataram a grande dificuldade de conviver com dores tão excruciantes, especialmente em crianças, e isso nos incomodava, ninguém queria ir pra lá.

Ainda absorto nesses pensamentos, percebi que uma amiga da turma se voluntariou a ir comigo: “Se você for, eu vou!”. Vamos juntos então! falei, sentindo-me aliviado pela companhia e grato pela confiança, e no lugar do medo senti expectativa e inquietação; para quem mal tivera contato com pacientes até então, começar logo ali seria difícil, mas valeria à pena.

Quando se está na universidade, há grande expectativa para se pôr em prática todo conteúdo aprendido e acumulado até então, mas o contato com as experiências de vida das pessoas pode nos oferecer lições muito mais ricas.

O andar para tratamento de queimados era grande, com enfermarias para adultos e crianças e a cena que nos chamou atenção logo que chegamos, foi de mães procurando os filhos que, escondidos, tentavam fugir do banho. A professora logo cuidou de explicar que só há pouco tempo passou-se a utilizar sedativos antes dos banhos, quando um dos diretores do hospital ouvindo de longe gritos desesperados de crianças, nas quais eram realizados os procedimentos de limpeza das feridas infectadas durante o banho, foi ver a cena de perto: “Era de

cortar o coração... depois desse dia ele liberou verba para compra dos sedativos, mas algumas crianças daquela época ainda estão internadas e ficaram traumatizadas com as dores, por isso ainda se escondiam na hora do banho...”

Do corredor ouço os lamentos de uma paciente imóvel no leito pela queimadura que lhe atingiu mais da metade do corpo: “Por que fiz isso, meu Deus?! Quase me matei! E meus filhos?” Não houve quem não se interessasse pela história. Na enfermaria masculina ao lado estava seu marido com queimaduras nas mãos por haver socorrido a mulher que encontrou em chamas.

Enquanto o atendia ele me confidenciou suas sucessivas traições à esposa: “Ela não tinha esse direito, por mais que a traísse ela não poderia se matar para me punir! Não vou perdoá-la, Dr!”, e apesar de achar sua revolta em certa medida razoável, notei os olhares de desprezo que as outras pacientes e até as profissionais lhe dirigiam.

Aos poucos fomos aprendendo que a rotina se constituía não só de sofrimento, mas também de muita coragem e esperança. Ao ver-se naquele ambiente de exposição, permeado de gritos de dor constantes, uma jovem estava abatida, assustada. Precisou amputar a última falange do dedo mínimo da mão por causa de um choque elétrico e não se conformava com isso, questionando sua fé por não se ver protegida desse acidente por Deus.

Seu sentimento era de injustiça. “Agora minha mão vai ficar defeituosa! Quando pintar as unhas isso logo vai chamar a atenção!”. Resolvi não argumentar, entendi que apenas ouvi-la era a melhor forma de ajudá-la.

Passaram-se os dias e um rapaz também jovem, já casado e com filhos foi hospitalizado. Motorista, tomou uma descarga quando a caçamba do caminhão partiu um cabo de alta

tensão que o atingiu quando ele desceu do carro e o arremessou longe.

Acidentes desse tipo causam queimaduras profundas em extremidades de entrada e saída da corrente elétrica, e por isso mãos e pés costumam ser amputados. Foi o seu caso. A forte corrente destruiu um pé e uma mão, que logo precisaram ser removidos e o outro pé ainda corria risco.

Lembro-me dos médicos surpresos por ele haver sobrevivido; muito provavelmente por causa do seu tamanho, era imenso, o que contrastava com seu jeito brincalhão – até infantil – de lidar com tantos problemas. Sua maior queixa era com a dieta: “A comida que vem é pouca Dr! Eu como muito! Sopa e papa pra mim não dá!”. Logo as nutricionistas cuidaram de liberar a dieta a seu gosto – e em momento algum o ouvi reclamar de sua má sorte.

Foi aí que a jovem, ainda deprimida, precisou ser transferida para a enfermaria masculina por causa de reparos de infiltração no seu quarto. E a vi observando o rapaz enquanto as enfermeiras faziam os curativos nos cotos e também no pé ferido.

Nisso, as profissionais se entreolharam e uma assentiu para que chamassem o médico de plantão. Este chegou, avaliou a condição do pé e olhou para o paciente que se adiantou:

— Pode falar Dr!

Com segurança o médico sentenciou:

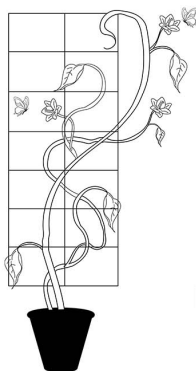
— Você se resume a este pé? Sei que entende o que estou te perguntando!

Sem pestanejar lhe responde:

— Sei sim Dr! Pode arrancar!

Ato reflexo, desviei o olhar para a jovem; parecia assustada e entendi o que se passava em sua cabeça.

No dia seguinte, na visita de rotina, perguntei-lhe como se sentia: — Não acredito no que vi ontem... tenho vergonha... Agradeço seu cuidado, mas não se preocupe mais comigo! Prometi a mim mesma nunca mais sofrer por isso.



Asas que aquecem

por

Karina Santos de Moura
Leonardo Henrique Rocha de Lucena Silva
Elda Rayane da Silva

Lis, era uma borboleta colorida que vivia em um jardim chamado Borbolisis. Lá ela tinha muitos amigos, familiares e costumava voar todas as tardes para observar as flores. Um dia, Lis recebeu uma carta que dizia: Lis, a partir de hoje você precisa ir ao jardim Hospifly, todas as semanas. A borboleta ficou muito preocupada, pois Hospifly era longe de onde ela vivia, mas ela precisava ir.

Daquele dia em diante ela voava todas as semanas até Hospifly. Nesse local ela fez muitos amigos, entre eles Paliablue, a responsável por organizar todo jardim. Ela se preocupava em analisar como cada borboleta se sentia naquele lugar.

Com o tempo, as outras borboletas notaram que Lis não estava comparecendo ao Hospifly e Paliablue convocou todos do jardim para uma reunião extraordinária. Na reunião, decidiram fazer uma visita a Borbolisis, chegando lá, encontraram Lis, que estava muito triste, e uma colega a perguntou:

— Lis, o que aconteceu com você? estamos sentindo a sua falta. — Ela disse:

— Estou muito triste, não posso mais voar, não posso mais ir para o Hospifly, quebrei a minha asa e nada poderá consertá-la.

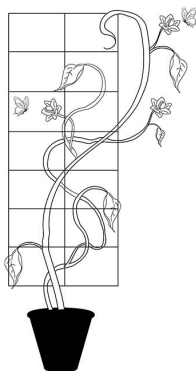
Então Paliablue olhando carinhosamente falou: — Como você não consegue mais ir até nós, vamos nos unir para te visi-

tar todas as semanas, pois mesmo que você esteja com sua asa quebrada, é uma borboleta amada e querida para todos.

Na semana seguinte a equipe estava formada! Cada um era responsável por uma tarefa específica e todos juntos formaram a interblue, com o objetivo de amenizar o sofrimento que Lis sentia por causa da sua asa. Apesar da asa de Lis está quebrada, todos se juntaram, pegaram uma grande folha, colocaram Lis, e ela conseguiu brincar no jardim, fazendo tudo o que gostava, mesmo que de uma forma diferente, após algum tempo Lis chamou todos os seus amigos do jardim e disse-lhes:

— Não achei que poderia voltar a brincar nesse jardim, mas houveram pessoas que se preocuparam comigo e me ajudaram! Pude ver tudo de uma maneira mais bela e significativa, meu coração se encheu de alegria e eu sei que atitudes como a equipe interblue são capazes de aquecer os corações tristes de quem é cuidado, assim como aconteceu comigo!

Todos aplaudiram e fizeram uma grande festa para Lis, abraçando-a e fazendo das suas palavras uma grande lição.



Agora e o eterno

por Leandro Bonzão da Silva

O personagem dessa narrativa é um jovem com seus 18 anos, que morava com seus avós e sua mãe numa casa simples “com cadeiras na calçada” como nos dizia o poeta. Uma família de “gente humilde”, que caminhou sempre na igreja e lhe trouxe o exemplo de procurar ajudar os outros com compaixão e lhe influenciou para pudesse escolher caminhos que ajudas sem família e o tornasse um orgulho para ela.

A essas alturas já havia passado por períodos desafiantes e difíceis, mas aprendendo com o tempo, que a vida tem suas reviravoltas que no presente talvez não entendamos, mas que bem lá na frente percebemos os significados e os porquês de tais desafios que acabam surgindo.

Terminado seus estudos, a maior preocupação e cobrança da família foi o trabalho e assim o procurou com aquela ideia de que é o mesmo que dignifica o homem. Buscou ir trabalhando, ajudando com “bicos”, até que surgiu uma oportunidade de trabalhar como menor aprendiz, num grande hospital da cidade, servindo a alimentação para os pacientes que estavam internados, apenas no horário do almoço.

Com passar do tempo apesar de sua timidez foi conquistando amizades e confiança naquele ambiente e pode fazer a diferença, naquele simples gesto de entregar a refeição aos pa-

cientes. Nunca deixou de atribuir esse seu jeito de ser, ao que herdou desde criança de sua família que o incentivava a dar o melhor em tudo que fizesse.

E é interessante como as coisas acontecem. O relato de alguns episódios vivenciados pelo jovem pode mostrar como essas coisas se dão. Num certo dia, entregando a alimentação nas enfermarias, teve alguns contatos próximos com três pacientes, pois estava presente na hora que chegaram ao hospital.

Um deles era senhor falou com ele como qualquer desconhecido, desejando bom dia, e o jovem que lhe desejou o mesmo. A partir dali começaram uma amizade e ele passou a ser chamado de secretário pelo senhor, todas as vezes que ele lhe entregava a alimentação.

O segundo paciente foi uma senhora não muito idosa. Sempre estava a postos no horário das refeições pedindo sua “dieta livre” e sonhando com o delicioso macarrão. E num dia do nada e com um sorriso no rosto deixou uma mensagem de carinho que ficou na lembrança do jovem até hoje: “você ajudará ainda muitas pessoas na sua vida, não mude seu jeito por nada”. Seus olhos encheram de lágrimas naquele momento...

Por último, a terceira paciente com a qual não teve tanta oportunidade de conversar mas notava que todas às vezes lhe observava entregando a alimentação. Esboçava aquele sorriso no rosto, até o dia que ela não pôde mais, devido a piora de seu estado que culminou com um estado de coma, companheiro sem percepção das passagens de hora e nem de dias.

Todas essas e outras pessoas eram diferentes, mas todas tiveram grande importância na vida deste rapaz. Todas se foram, sem se despedir, apenas se foram. O que ficou foram as lembranças, às mensagens, o carinho e a certeza de que para cuidar, para ter e fazer um acréscimo mínimo que seja na vida de alguma pessoa, não importa hora, local, nem profissão, ape-

nas a vontade de agir, a intenção, pois valorizar a importância e a grandeza de pequenos gestos é o que cativa e o que marca as pessoas, que se deixam entregar pela troca natural de “serem humanos” em suas fragilidades.



A intensidade de cada toque

por Lindynês Amorim de Almeida

Eu não sou a pessoa mais indicada para falar da enfermagem, pois estou iniciando o curso agora, mas se precisasse defini-la com apenas uma palavra seria “cuidado”. De acordo com o dicionário, cuidado é uma demonstração de atenção, baseada em cautela e prudência.

Posso afirmar que, em geral, a literatura diverge da prática e, nesse contexto, falta um complemento, além disso, não concordo que o cuidado seja uma demonstração, mas uma atitude prestada a uma pessoa conforme a sua peculiaridade, visto que a empatia e a sensibilidade com o outro é o meio para alcançar a gratidão, a satisfação e o bem-estar de uma pessoa.

Em uma das minhas Atividades Práticas Supervisionadas (APS) realizei o tratamento de um paciente o qual chamaremos de “senhor E”. Ele aparentava ter a idade de 62 anos de idade, com cabelos grisalhos que revelavam seus anos de experiência e sofrimento devido à presença de uma inoportuna ferida.

Localizada no maléolo medial esquerdo, surgiu em decorrência de um simples prurido e ele relatava muita dor, minha preocupação era diminuir a sua aflição e, assim, ajudá-lo, todavia, acreditei que ele não aceitaria o meu auxílio, já que sou apenas uma estudante, mas ele consentiu que eu iniciasse o procedimento.

Neste momento, ele perguntou-me “você tem a mão leve?” Eu sorri, olhei para ele na intenção de tranquilizá-lo e falei “sim, e terei o maior cuidado com o senhor”, assim, a esposa dele que apertava um terço entre as mãos se aproximou e envolveu as mãos do marido e os dois começaram a rezar.

Em cada gaze que eu retirava ele reclamava e gritava de dor e perguntava a Deus quando ficaria bom. O seu olhar era de súplica, sua voz de medo e sua aparência de cansaço, durante toda a limpeza fiquei apreensiva, tentei conversar, fazendo com que ele tirasse a sua concentração da dor, a cautela era extrema e a intensidade do toque era preciso, pois qualquer desatenção poderia provocar o seu desconforto.

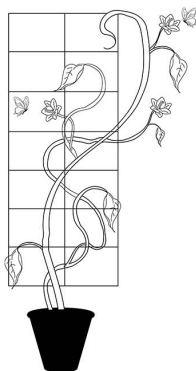
Ao término do tratamento ele me agradeceu, falou que essa dor já era característica da ferida, que a culpa não era minha e que ele havia percebido a delicadeza. Logo, nos despedimos e ele perguntou se eu iria continuar no ambulatório de feridas, mas aquele era o meu último dia naquele ambiente rico de pessoas que almejam uma melhora, um aliado que pudesse fornecer esperança, um sorriso ou um simples bom dia.

Cada momento que passamos, cada pessoa que nos faz refletir, cada experiência que ganhamos, cada sorriso que provocamos, cada texto que escrevemos e cada livro que lemos nos transforma, nos renova e nos cativa, porque um novo pensamento é criado e uma nova perspectiva surge.

Achei que o ambulatório de feridas tanto me traumatizaria quanto me faria passar mal diante das lesões, no entanto, a cada história de vida contada, a carência ou, muitas vezes, a negligência me motivaram a cuidar e atender os pacientes com um olhar de fé, de expectativa e de estimulação, pois o momento pode ser difícil, mas a vitória chega.

A certeza da cura e do sucesso da cicatrização pode ser incertos, mas no caso do senhor E, apesar de toda a agonia,

ele demonstrava valentia, bravura e determinação e as grandes batalhas são travadas com grandes guerreiros, por isso escolhi a letra E para representá-lo. Fiz referência a Excalibur, a espada invencível do rei Arthur.



História de Anjos

por Maria Isabel Fernandes Calheiros

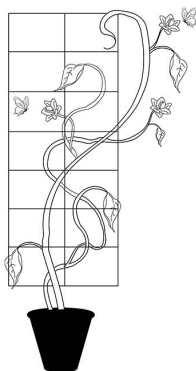
Ela sempre gostou de ouvir as histórias que sua mãe contava desde a infância, enquanto as ouvia ia criando suas próprias histórias. À noite, naquela casinha simples do interior de Junqueiro, era sempre bem-vinda com seu céu estrelado e luar brilhante feito diamante, pois era hora de entrar no mundo imaginário, repleto de magias, onde os heróis superavam suas dores e desafios e sempre venciam os vilões. Mas, a menina cresceu, tornou-se uma mulher, fez um curso universitário e um dia ela foi trabalhar em um hospital.

Hospital, para muitos é um lugar de dor e sofrimento, mas neste, havia pessoas cheias de sonhos como ela, que se juntaram e conversa vai, conversa vem, surgiu a ideia: “vamos contar histórias no hospital” – essas pessoas sabiam que as histórias são uma excelente ferramenta para reelaboração de situações difíceis para crianças e adultos e poderiam então ser usadas para auxiliar o processo de ressignificação do ambiente hospitalar dos pacientes e de seus acompanhantes.

E foi assim, que surgiu o grupo de contadores de histórias “Anjos do Encanto”. Inicialmente era formado apenas por funcionários do hospital, depois passou a ser um projeto de extensão e pode receber discentes, hoje já conta com mais de quarenta participantes, que munidos de jalecos, pandeirolas,

chapéus coloridos e textos literários percorrem vários setores hospitalares levando magia, encantamento e alegria, muitas vezes conseguindo transformar a dor e angústia em sorrisos e acalmando a alma.

“A nossa menina que já não é tão menina, é só felicidade, porque quando ela escuta uma paciente da oncologia falar assim, após ouvir uma história: “me senti bem, consegui sorrir”, ou a vozinha da Pediatria acompanhando seu netinho, sorrir e dizer: “essa história eu vou contar para meu outro neto que ficou em casa” e o senhor da nefrologia, emocionado, comentar: “recordei de minha irmã falecida, que me contava histórias quando eu era menino”. A menina percebe que a ação dos Anjos que contam histórias é uma terapia leve que resgata e compartilha afetos.



O que são 2 cm ?

por Lanuza Mikaelly da Silva Sobrinho

Era uma vez uma menina chamada Mimi, ela era pequeninha, porém o seu tamanho não definia a sua força. Num certo dia, ela se tocou que o aniversário da sua irmãzinha estava chegando e pensou:

— Aaahh, precisamos comemorar mais um ano de vida dela!

O nome da irmã dela era Lala. Elas organizaram tudo direitinho para a comemoração, decidiram um passeio. E o grande dia chegou, foram passear para comemorar o aniversário da Lala, mas no caminho aconteceu um acidente. Mimi perdeu a Lala. Mas ganhou um anjo! Lala agora era um anjinho no céu.

Mimi machucou a perninha no acidente e precisou de cuidados médicos. Passou meses acamada e quando finalmente conseguiu sentar na cadeira de rodas, ela chorou de felicidade. Porque geralmente sentar em uma cadeira de rodas é triste, mas para Mimi isso era uma evolução.

O tempo foi passando e Mimi conseguiu andar de muletas, ao ficar em pé pela primeira vez após o acidente, ela ficou muito feliz e só queria estar pra cima e pra baixo com suas muletas.

Em uma das suas visitas ao consultório do Dr Chico, ela descobriu algo. Sua perninha machucada estava com 2 cm

a menos. Mimi não entendeu, não aceitou e chorou. Mas Mimi também não imaginava o tamanho da força que tinha. Por tantas coisas que ela já tinha passado, é claro que ela ia conseguir superar esse obstáculo. Ela só precisaria de uns calçados adaptados.

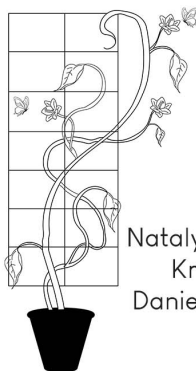
Dr.Chico encaminhou Mimi para uma fisioterapeuta. E assim, com seu auxílio, ela reaprendeu a andar. Mimi estava finalmente andando sem as muletas. Ela voltou a fazer movimentos que antes não conseguia, e em todo esse processo Mimi se apaixonou pela Fisioterapia. O tempo foi passando, e Mimi foi percebendo quantas coisas ela havia superado e quantos obstáculos vencidos, quantas conquistas, cada passo a frente era uma vitória pra ela. E a família da Mimi, sempre apoiando e cuidando.

Mimi notou que Deus cuida de todos nós de uma maneira encantadora. E nunca houve nenhum dia que Ele tenha nos deixado sozinhos, nem haverá. A Mimi venceu e nós também somos capazes de vencer! Tem uns anjos na nossa vida que ajuda bastante na caminhada. Todos somos passíveis da ajuda do outro.

E diante de tudo que Mimi viveu e superou, ela se questiona:

— O que são 2 cm?

Mimi agora tem asas, aprendeu a voar com os anjos que dela cuidaram e hoje é um anjo que está aprendendo a cuidar de quem ainda não sabe voar. Então, para Mimi, 2 cm, é a distância para o céu.



Surpresa inesperada

por

Nataly Mayara Cavalcante Gomes, Amanda Maria Silva da Cunha,
Krisia Patrícia Pontes da Silva, Dilma Ferreira de Souza Lira,
Daniela Medeiros de Magalhães, Vanessa Maria da Silva Cavallari,
Vilma Queiroz Siqueira, Suderlande da Silva Leão,
Thayse Gomes de Almeida

Todos os dias às 04h50 da manhã, João, passava em frente ao único hospital do município e rezava: - “que meu padrim Ciço me proteja de um dia adentrar nesse lugar. Eu não quero ficar pra semente, mas quero viver mais uns 40 anos, eu só tenho 60; caminho todos os dias e tomo meu pretinho regularmente.”.

Ao chegar a casa às 06h da matina, beijava sua veia Francisca e partia para o banho. Em média, demorava uns 05 minutos. Era como João sempre dizia:

— Por que demorar tanto? Eu não tô cagado.

No entanto, naquela manhã de outono os poucos minutos do banho de João demoraram meia hora. Francisca estranhou! E assim, exclamou:

— Meu véio, cadê você? Mas o silêncio imperou.

Francisca não se conformou e gritou:

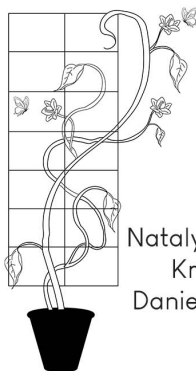
— Eu vou entrar.

Ao entrar no banheiro, ela gritou:

— Meu “padrim Ciço”!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Ela não acreditou no que avistou: João desmaiado no piso frio do banheiro. Ao chegar ao hospital geral da capital foi comprovado um derrame cerebral e depois de muitos exames um câncer de mama com metástase no pulmão e próstata.

Ficou desacordado e depois de alguns dias foi transferido para outro hospital que tinha clínica oncológica onde receberia os melhores cuidados. João ficou lá até o início do inverno, e no fim da estação, assim como a chuva e o trovão, ele se foi.



Confiança na fé por

Nataly Mayara Cavalcante Gomes, Amanda Maria Silva da Cunha,
Krísia Patrícia Pontes da Silva, Dilma Ferreira de Souza Lira,
Daniela Medeiros de Magalhães, Vanessa Maria da Silva Cavalari,
Vilma Queiroz Siqueira, Suderlande da Silva Leão,
Thayse Gomes de Almeida

Era rotina de Helena, antes de dormir sempre fazer a seguinte oração:
— Meu Pai do céu, obrigada pelo dia de hoje e dá-me forças para o amanhã. Que eu e minhas amigas suportemos o fardo que nos foi dado; abençoa as enfermeiras que nos ouvem e nos acalutam. Peço com carinho por minha querida enfermeira Letícia que tem o dom de ouvir e cuidar.

Há cerca de um ano, Helena, foi diagnosticada com leucemia mieloide aguda, e a cada 15 dias deslocava-se ao hospital para sessão de quimioterapia. Apesar de muito cansada, ela transparecia alegria e não deixava ninguém para baixo, pois sempre tinha uma piada e uma música para contar e cantar. Mas algo estava para mudar.

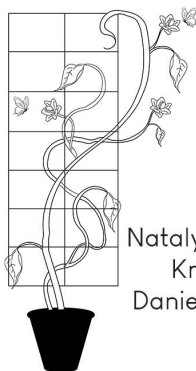
Em certa manhã, Helena chegou ao pronto atendimento do hospital queixando-se de febre persistente e sangramento vaginal. De prontidão Letícia com os demais profissionais providenciaram a internação. Um mês após a internação o quadro se estabilizou, mas, uma notícia nova chegou.

Joana, médica hematologista, conversou com Helena e comentou:

— Em cuidados paliativos você entrou.

Depois de alguns minutos, Helena olhou para Letícia e falou:

— A fé que eu tenho não se abalou.



Falta do toque

por

Nataly Mayara Cavalcante Gomes, Amanda Maria Silva da Cunha,
Krísia Patrícia Pontes da Silva, Dilma Ferreira de Souza Lira,
Daniela Medeiros de Magalhães, Vanessa Maria da Silva Cavaleri,
Vilma Queiroz Siqueira, Suderlande da Silva Leão,
Thayse Gomes de Almeida

Meu pai perguntou: “o que você quer ganhar em seu aniversário?” Não respondi coisa alguma, porque não sabia o que dizer. Fitei meus olhos com os dele e sorri.

Ao entrar no quarto, meu pai começou a conversar com minha mãe, da sala escutei os ruídos e pequenas frases “quero que seja um dia inesquecível”, “ela merece ser feliz”.

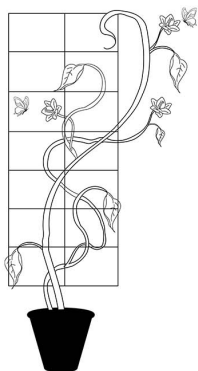
Voltando para sala e olhando para mim, com o rosto de um pai amoroso falou:

— Peça o que quiser, e se pedir até a lua eu te dou.

Eu respondi:

— Não preciso de nada, meu pai, mas se queres me fazer feliz peço-te que me toque. Pois, desde que fiquei doente há cerca de 2 meses, não sinto teus abraços. Sei que estais trabalhando demais para arcar com as despesas médicas, mas falta-me o teu amor.

Meu pai olhou desacreditado com minhas falas e simplesmente me abraçou.



Aconchego da partida

por

Nataly Mayara Cavalcante Gomes
Amanda Maria Silva da Cunha

Certo dia, Bruna, médica hematologista da clínica oncológica de um hospital geral, estava refletindo sobre o seguinte dilema: qual o momento correto para dizer a Marcela que não há mais o que fazer? A leucemia mielóide aguda voltou com mais força e qualquer tratamento só antecipará sua partida.

Marcela estava há 60 dias internada e no auge dos seus 27 anos já havia experimentado um turbilhão de sentimentos, mas nunca perdeu a esperança. De um tempo para cá decidiu viver e passou a enxergar todos os dias como o dia mais importante da sua vida.

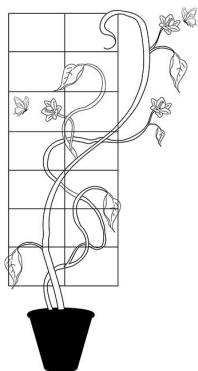
Nesse instante, sua mãe olhou para ela e disse:

— Já tem uns 3 dias que a Doutora Bruna não vem nos ver.

— Não se preocupe mãe, assim disse Marcela. Ela sabe o que faz.

Nesse momento, Bruna apareceu no quarto de Marcela e as duas trocaram olhares de ternura. Os olhos de Bruna transcendiam os cuidados e a delicadeza do momento; mas Marcela já imagina o que viria e antes que a médica falasse alguma coisa, ela se adiantou e comentou:

— Eu estou pronta. Assim como aproxima a primavera,
o meu tempo está chegando e é o fim da solidão.



O pedido por

Nataly Mayara Cavalcante Gomes
Amanda Maria Silva da Cunha

Faça-me um pedido? Foi assim que a enfermeira Ametista começou a visita diária no quarto do Senhor Bento de 80 anos, cabelos brancos como as nuvens e um olhar doce como mel. Bento já teve dias melhores, hoje, encontrava-se diagnosticado com câncer de pulmão e metástase no fígado e rins.

— Não entendi a sua pergunta enfermeira logo que entrou no quarto, disse Bento.

— Faça-me um perdido que hoje como uma fada eu vou realizar, disse Ametista.

Bento começou:

— Oh, minha filha, não brinque com o coração deste velho, pois o que eu desejo só Deus pode me dar.

Ametista entristeceu-se, mas prontamente retrucou:

— Mesmo assim Senhor Bento, faça-me um pedido Deus dá jeito para tudo? Desde meu último plantão o Senhor está com esse olhar de tristeza, e sinto falta daquele sorriso alegre e que contagiava todo o 4º andar.

Bento era muito alegre, mas depois que soube que sua doença não tinha mais cura, ficou abatido. Todos da equipe de enfermagem admiravam-se com a sua vontade de viver, no entanto, há coisas na vida que não tem como a gente evitar.

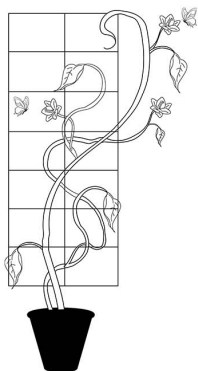
Então, continuou Ametista:

— Insisto Senhor Bento, faça-me um pedido? Bento com sorriso franzino comentou:

— Você é a enfermeira mais insistente que eu conheço. Se é assim que a senhorita quer, então, esse é o meu pedido: — quero ver o sol, respirar ar puro e saborear um picolé de limão.

— Ora, Senhor Bento, Ametista não acreditou. E falou: — Só isso? Vamos lá. Espera eu terminar as visitas nas outras enfermarias, e vou ligar para que o maqueiro nos leve ao jardim, lá eu compro um picolé para mim e outro para você. Que tal?

E assim realizou seu o pedido, tão singelo mas confortador com apenas um telefonema e três moedas de um real. Que alegria sentiu Ametista por ter conseguido com tão pouco distrair seu paciente da dor que lhe doía a alma.



Hora do adeus

por

Nataly Mayara Cavalcante Gomes
Amanda Maria Silva da Cunha

Naquela manhã os passarinhos de Dudu cantaram mais do que o normal.
— O que será que eles têm? disse Dudu. Será que sabem que não estou bem?

Neste instante, Romeu e Julieta cantaram como ninguém. E dona Carmem estranhou e comentou:

— Dudu, meu filho, veja o que esses passarinhos têm, parece que chamam pelo teu nome.

Oh, minha mãe, estou cansado, depois eu vou, preciso dormir mais um pouco, falou Dudu. Com os olhos voltados para a janela do seu quarto viu os raios de sol entrando e como passo de mágica, Dudu, se levantou.

Direcionando-se ao jardim, olhou para Romeu e Julieta, e disse:

— O que vocês querem? Estou cansado e preciso descansar. Ontem a minha quimio paliativa não me fez bem, preciso repousar.

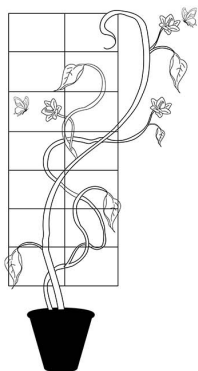
Os passarinhos cantavam... E cantavam... E o canto de Romeu e Julieta parecia um soneto de amor.

Dudu resolveu sentar na cadeira de balanço e admirar o canto dos pássaros.

Na tardinha, Dona Carmem vendo seu filho sentado e dormindo, pensou: “vou pegar um cobertor.” Ao aproximar-se de Dudu tocou em sua pele pálida e fria e gritou:

— Duduuuuuuuuuuuuuu...

A hora do adeus chegou.



Afago que desarmou

por Priscila de Oliveira Cabral Melo

Naquela manhã pairava a paz, os pássaros cantavam, as vozes dissonantes ecoavam no ambiente, o sol brilhava, a brisa leve invadia todo o espaço.

Já naquele dia o Posto de Saúde estava como todos os outros postos, com pessoas que entravam e saíam. E eis que aparece Maria com os olhos arregalados e uma cara de puro susto, quase desespero. Aquilo não era normal nela. Ela sempre encarou situações complicadas, às mais inusitadas inclusive, mas naquele dia ela estava realmente em pânico.

Maria falava fora do tom e seus olhos pareciam saltar das órbitas

— Enfermeira? Encontrei duas meninas totalmente violentadas na rua e logo tomei a iniciativa de trazê-las, pois não consegui ficar parada diante de jovens ensanguentadas e fortemente marcadas com sinais de agressão física e psicológica.

A enfermeira tentou acalmá-la e logo após foi até as garotas. As meninas pareciam duas personagens de cenas de terror. Estavam destroçadas, corpos marcados, os olhos suplicavam por proteção, seus gestos pareciam desconexos, elas sorriam e choravam, arranhões e rasgões nas roupas.

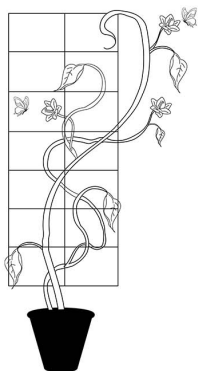
Mas o que impressionava mesmo era o rogar pelo não chamamento da polícia, o que assustou a enfermeira, que dian-

te da situação o que mais queria era trazer um conforto para aquela dor que parecia gritar em todo o corpo das meninas.

Elas, como vários outros jovens da periferia, vivem no contexto de banalização da morte. Após se sentirem acolhidas pela enfermeira, elas revelaram que realizaram um homicídio com requintes de crueldade durante a madrugada e foram punidas por isto. Neste momento, no ambiente, pairava a energia dos corpos ainda cheios de fúria.

Mas a enfermeira, que além de ser recém- chegada ao posto, fazia parte de um ciclo de ternura, respirou fundo e exalou toda a amorosidade existente em seu coração. Cuidou das meninas com toda a dedicação, zelo e afago. E, de repente, aqueles corações que estavam cheios de ira, se desarmaram e começaram a externar a afetuosidade que existia.

O sentimento de gratidão veio logo à tona. Algo de novo acontecia. As garotas revelavam que nunca haviam sido afagadas, acariciadas e tratadas com tanta delicadeza. Naquele momento a enfermeira sentiu-se em estado de graça e entendeu a sua missão naquele lugar.



O cuidado no ambiente organizacional

por Roberta Zaninelli do Nascimento

Como enfermeira do trabalho, presenciava em minhas atividades rotineiras por meio da consulta de enfermagem várias situações estressoras no ambiente de trabalho. Convivia com muitos trabalhadores vítimas de estressores relacionados à dimensão psicossocial no trabalho, que passavam por angústias, tristeza e até mesmo depressão.

Diante desses fatos resolvi criar um Programa de gerenciamento de estresse voltado à Saúde Emocional do Trabalhador. Este programa tinha como integrantes o enfermeiro do trabalho e a psicóloga com vivência em ambiente organizacional. Baseava-se em terapia breve, ou seja, 10 consultas com a psicóloga dentro da empresa e acompanhamento da condição de saúde com a enfermeira do trabalho.

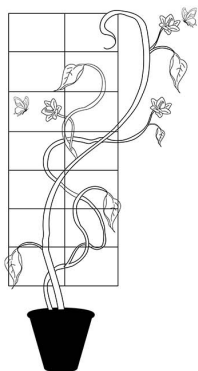
Iniciamos as atividades, mas a situação de uma colaboradora durante uma consulta de enfermagem me chamou atenção. Tratava-se de uma trabalhadora que estava muito apreensiva. Relatava aumento de peso e estava com problemas relacionados por não saber mais lidar com o estresse que estava vivenciado com a equipe e seu gestor.

Diante da sua situação de desespero resolvi convidá-la para o Programa de gerenciamento de estresse que havíamos implantado na empresa. Ela ficou a princípio resistente. Mas

após a minha explicação de como o programa funcionava resolveu aceitar e iniciar as 10 sessões de terapia breve e o acompanhamento.

No término da abordagem fizemos uma avaliação e a colaboradora nos disse que foi o melhor programa oferecido a ela e que agradecia muito a mim e a psicóloga pela atividade desenvolvida num momento que a intervenção foi decisiva para prevenir outros problemas em sua saúde e dentro da empresa.

Ela até os dias atuais agradece o acolhimento, carinho e atenção que tivemos frente ao seu problema nos mostrando que cuidar e se importar com o ambiente organizacional é fundamental para que os trabalhadores desenvolvam o seu trabalho e não adoeçam.



Como conquistar Manu?

por Stefany Karoline de Almeida Soares

Era por volta das duas horas da tarde de um sábado, quando a Doutora Sorriso chegava a mais um plantão com seu jaleco super colorido, cantando junto com seus irmãos palhaços doutores para alegrar e diminuir o sofrimento das crianças que ali estavam internadas.

Sorriso era uma das mais novas do grupo e não tinha muita experiência com as crianças. Assim que chegou ao corredor do hospital, começou a observar cada uma das crianças e percebeu que uma delas estava ao lado de sua mãe com um semblante muito abatido, então Sorriso bateu na porta:

(TOC TOC) E abrindo a porta perguntou:

— Posso entrar? — disse Sorriso já entrando no quarto.

— Pode. — disse a mãe da garota com uma voz sonolenta.

Então sorriso começou a se apresentar:

— Olá, eu sou a Doutora Sorriso e eu vim passar a tarde com você. Como é o seu nome?

A menina não falava nada e não sorria, apenas olhava para sua mãe como quem pedia para mandar a palhacinha ir embora.

E então a mãe da garota respondeu:

— O nome dela é Manu.

Manu era uma menina linda, magrinha, loira e tinha cabelos cacheados. Acima do seu leito tinha um papel com a sua idade e seu nome. A garota tinha 7 anos. E então após toda a observação Sorriso continuou:

— Nossa! Que nome lindo. Manu, eu trouxe várias coisas legais. O que você gosta de fazer?

A menina balançou a cabeça em negação.

— Você não gosta de fazer nada? — disse Sorriso incrédula.

A menina balançou a cabeça novamente e depois de alguns segundos disse:

— Eu gosto de pintar.

Sorriso estava mais feliz do que nunca, tinha conseguido fazer Manu falar. E então saiu correndo atrás dos papéis e lápis de cor para começarem a se divertir.

Quando voltou ao leito da criança, percebeu que a menina continuava calada, mas não desanimou e continuou seu trabalho.

— Olha o que eu trouxe! Vários desenhos para você escolher — disse Sorriso enquanto entregava os papéis e o lápis de cor à garota e logo a palhacinha percebeu um dos motivos da tristeza da menina:

— Puxa Manu, você está muito quente! Mas, não se preocupe, logo logo essa febre vai passar.

Eu quero pintar a cinderela — disse a menina.

— Claro. Eu posso te ajudar? — disse Sorriso. E a menina apenas confirmou com a cabeça.

A palhacinha e a menina passaram a tarde pintando e conversando sobre a família e a escola de Manu. A menina não falava muito, apenas respondia com a voz tímida o que Sorriso perguntava.

Já eram por volta das 4 horas da tarde, a palhacinha estava triste, não tinha conseguido tornar a tarde de Manu tão

feliz quanto ela esperava, mas ao menos a menina já não estava mais com febre.

Sorriso estava apenas esperando a mãe de Manu voltar do banho para pegar o trem de volta para casa com os outros palhaços doutores, quando de repente, apareceu uma mulher na porta com um jaleco branco e uma bandeja nas mãos, era a enfermeira.

— Não. Eu não quero nada! Eu quero a minha mãe.

— Manu não parava de gritar.

A enfermeira entrou na sala, pediu licença e disse:

— Você precisa tomar a medicação. Toda a tarde você toma.

A enfermeira começou a avaliar a punção no braço esquerdo da menina e logo em seguida disse piorando a tensão:

— Vamos ter que fazer uma nova punção Manu.

Sorriso estava assustada, não sabia o que fazer, nunca tinha passado por essa situação. Manu não parava de chorar e sua mãe não estava. Então a palhacinha segurou a mão direita da Manu bem forte e disse:

— Você vai apertar a minha mão o tanto que doer tá bom? Não se preocupe, você não está sozinha.

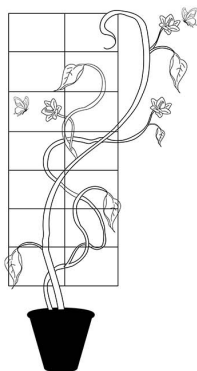
A menina não conseguia falar nada, apenas olhava para Sorriso assustada, com os olhos arregalados e apertava a sua mão. E Sorriso lembrava-se de todas as vezes que se perguntara o que fazer nessas situações.

Foi a punção mais demorada da vida de Sorriso e de Manu, elas estavam sofrendo juntas, Manu pela dor e Sorriso pela angústia daquela criança. Assim que a enfermeira terminou de puncionar e medicar a criança, Manu abriu um lindo sorriso em seu rosto, o que a palhacinha tinha esperado durante todo o plantão, e a abraçou em agradecimento.

As duas ficaram abraçadas um bom tempo, até que perceberam que alguém estava observando-as. Era a mãe de Manu, ela já estava ali a um bom tempo, antes mesmo de a enfermeira terminar a medicação. Sorriso e Manu estavam tão assustados que não tinham percebido.

A mãe da criança olhou dentro dos olhos de Sorriso e lhe abraçou bem forte. Ela estava grata pelo gesto de amizade e afeto que a palhacinha teve com sua filha, e Sorriso estava mais emocionada e radiante do que nunca, lágrimas corriam dos seus olhos, não imaginava que aquele plantão poderia surpreendê-la.

No fim, foi muito difícil dizer adeus à amizade construída em tão pouco tempo e de uma forma tão inesperada, mas a palhacinha levou o mais lindo dos aprendizados: O amor e a amizade cativam a gratidão, e esse é o sentimento mais recompensador do mundo.



Missão cumprida

por Thaís Veras de Morais Rezende

Seu João, 57 anos, era um homem de aparência e gestos rudes. Foi diagnosticado com um tumor cerebral na região frontal e frequentemente apresentava alterações no humor e na personalidade, o que piorava o seu comportamento grosseiro. Por conta da evolução da doença estava restrito ao leito, falava pouco.

Era cuidado principalmente pela esposa e pelo filho. Bastante dedicado, o filho sempre se mostrava interessado pelas condutas, buscava constantemente ao chamado excesso terapêutico, ou seja, intervenções inadequadas à real situação do doente.

A esposa, uma senhora gentil, educada, atenciosa. Lembro-me do seu choro copioso e carregado de culpa quando percebeu que ele havia removido mais uma vez a sonda nasogástrica pela qual se alimentava, cobrando-se injustamente por sua falta de atenção.

Busquei acalmá-la, argumentando que não havia do que se culpar, pois sempre se mostrou atenta e cuidadosa, ainda que cansada pelas inúmeras noites mal dormidas.

Quando seu João entrou em processo de finitude, seu filho parecia não entender que a morte se anunciava iminente e inevitável, falava em algum milagre. Apreensiva com sua rea-

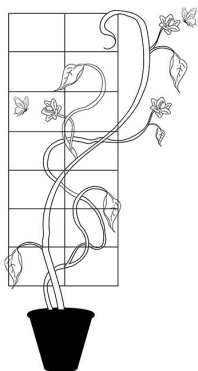
ção, busquei a mãe tentando compreender o quanto sabiam da gravidade do caso.

Percebi, na verdade, que ambos tinham plena consciência de que a situação era irreversível, e a preocupação era a de que tivesse o maior conforto possível – o que explicava as repetidas solicitações à equipe.

Em certo momento, enquanto eu o atendia, ela me observava silenciosa, e por fim me confidenciou quase que falando para si mesma: “Doutora, você não sabe o que nós já sofremos na mão desse homem! Vê aquele meu filho? Esse pai “pintou” horrores com ele. Foi uma vida de massacre! Hoje ele está assim em cima de uma cama, mas quando era bom já foi até enquadrado na lei Maria da Penha. Só nós sabemos o que já passamos!”.

Surpresa, ouvi uma segunda revelação: “Quando caiu doente, fizemos um acordo de cuidar dele até o fim, independente de tudo de ruim que ele fez pra gente. E vai ser assim até seu último dia.” A promessa se cumpriu. Seu João faleceu em paz ao lado dos dois fiéis acompanhantes, cercado de atenção e cuidados até o último instante.

Por dias me questioneei o que os levou a permanecerem tão dedicados àquele homem que lhes causou dor e sofrimento por tantos anos. Acompanhar o caminho que leva ao fim da vida nos faz enxergar o que o ser humano tem de melhor. Para alcançar a liberdade foi necessário perdoar. A partir daquele dia, a vida provavelmente seguiu mais leve e cheia de ressignificados.



Resignificados

por Thaís Veras de Morais Rezende

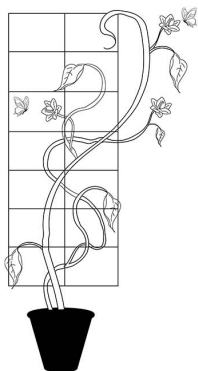
Uma movimentação no corredor. Gritos angustiados e choros ecoavam da enfermaria. Observo de fora. Um colega de trabalho acena com a cabeça para que eu me aproxime. Entro e fico de expectadora daquela cena. Uma mulher jovem agonizando, várias pessoas da família ao redor. Algumas derramavam lágrimas contidas, outras, desesperadas. Na semana anterior eu havia tomado conhecimento da história de Maria enquanto atendia uma paciente no mesmo setor.

Maria tinha 26 anos, era cabeleireira, vaidosa, dona de olhos verdes brilhantes que se sobressaíam ainda mais pela caquexia causada pela doença. Murmurava de dor e pranto inconsolável afirmando que não aguentava mais tamanho sofrimento, questionava o porquê de todas aquelas provas, esbravejava que o câncer havia lhe tirado tudo. Sua mãe chorava pedindo calma e implorando para que a mesma não desistisse de lutar, tentava aliviar o sofrimento da filha com palavras e gestos de carinho.

Seus últimos anos de vida foram atravessados com muita dificuldade. Um câncer de estômago devastador vinha comprometendo de forma implacável a sua qualidade de vida, provocando-lhe muitas dores, falta de ar e fadiga extrema. A batalha foi muito desgastante.

Dentro de um hospital, prestando atendimento a pacientes fora de possibilidade terapêutica, diariamente a gente vive esta realidade de dor, sofrimento e morte. Naquele dia era a segunda vez que eu presenciava os momentos finais de um paciente. E quanto mais eu vivencio essas situações chego à conclusão de que não existe despedida fácil.

É inevitável pensar que somos tão suscetíveis quanto o paciente que está à nossa frente. O processo nos traz reflexões sobre a nossa própria morte, o medo da finitude. Paradoxalmente, refletimos sobre o que nos move, sobre o que realmente importa em vida... Aprendemos, ressignificamos a nossa existência.



Tocando e sendo tocado

por Kleytonn Giann Silva de Santana

Em algum momento da formação me falaram sobre a importância de saber tocar o outro. Sobre como essa ação, que parece ser tão simples, é cheia de significados e carregada do potencial de construir pontes ou muralhas no relacionamento entre quem cuida e quem recebe o cuidado. O que não me ensinaram foi como o toque também poderia nos transformar.

Nunca imaginei que um dia fosse estudar alguma coisa na área da saúde, e ao escolher a enfermagem fiquei sem saber para que lado direcionar minha formação, visto que a versatilidade da profissão enfermeiro me permitia ser muitas coisas.

Para surpresa da minha família, o menino que cresceu com medo de hospital e que só ia tomar vacinas quando era forçado, se desafiou a cuidar de pessoas que tiveram seu corpo invadido por uma doença que, muitas vezes, é vista como uma sentença de morte: o câncer.

Sem saber muito bem o que fazer, pois ainda estava no primeiro ano da faculdade, comecei a ser apresentado a pessoas que levo até hoje na minha memória e no meu coração. Uma delas, em especial.

Seu caso foi apresentado pra mim como um grande desafio, visto o sofrimento que a doença causou nessa pessoa:

perdeu parte do rosto e só conseguia se comunicar através de sons, muitas vezes incompreensíveis, e dos bilhetes que escrevia com o melhor português que sua humilde vida lhe permitiu aprender.

Muito independente, ele morava sozinho numa casinha alugada, recebendo as visitas diárias das filhas e da ex-mulher que moravam perto e ajudavam no seu cuidado. Fazia os próprios curativos pois não permitia que ninguém da família tocasse seu rosto e, por não conseguir se alimentar, ainda administrava a própria alimentação e medicação através da sonda implantada direto em seu estômago.

Sempre que eu o visitava conversávamos bastante, eu falando e ele escrevendo. Era comum chegar lá e encontrar uma jarra de suco e algum tipo de lanche preparado com todo carinho esperando por mim.

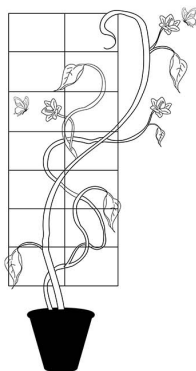
Aos poucos ele foi me dando permissão para lhe auxiliar no curativo, que a cada semana ia se tornando um pouco maior. Poder tocá-lo criou uma conexão muito forte entre nós, de modo que nosso vínculo foi além do profissionalismo e nos tornamos amigos.

Eu o tocava para aliviar seu sofrimento e ele me tocava para, sem saber, com um dos beijos mais sinceros e diferentes que eu já recebi, pegando a minha mão e colocando na testa, me dando a certeza de que eu estava no caminho certo.

Com a evolução da doença, foi inevitável vê-lo perder a independência e caminhar em direção à sua finitude. Minha preocupação em tentar prever quando seria a última vez que eu o visitaria só era anulada pelo prazer de poder ajudar a tornar essa caminhada o mais leve possível e quando o dia de me despedir chegou, eu, um pouco atrasado, mas a tempo de tocar sua testa e te fazer um último carinho, agradei a oportunidade

de estar ao seu lado e o quanto aprendi sobre ser enfermeiro, sobre mim e sobre a vida.

Hoje, ainda estudante, sou grato por cada vida que me tocou a ponto de lapidar um futuro profissional humano e diferenciado. E sempre que a dúvida e a insegurança sobre o futuro aparecem, me lembro com saudades do beijo do meu grande amigo que me dizia “Muito obrigado. Você é importante. Siga em frente!”.



Sempre há o que fazer

por Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza

E stávamos eu professora e uma estudante do nosso Grupo de Cuidados paliativos de saída da enfermaria, para visitar um paciente em sua casa, quando uma colega enfermeira muito atarefada nos avisou que havia um paciente muito grave no ambulatório de oncologia, com muita dor e por não ter vaga para internamento na Clínica oncológica estava num leito de observação no setor de quimioterapia.

Seu olhar de enfermeira paliativista, para nós também paliativistas, transmitiu um pedido de ajuda para o cuidado dele e de sua família naquele cenário. Não pensamos outra coisa e fomos ao seu encontro no setor por ela indicado. Foi fácil encontrá-lo, pálido, olhos fundos e saltados, lábios ressecados, extremamente emagrecidos, com expressão de muita dor, e grandes esforços para respirar.

Vários familiares estavam apreensivos ao seu redor, sua irmã, esposa, uma filha e esperavam a chegada de outro filho que estava no trabalho e tinha sido avisado do seu crítico estado.

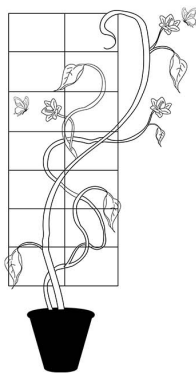
Diante desse cenário, procuramos saber se ele já tinha recebido alguma medicação para aliviar a sua dor. Foi então que ouvimos de um familiar “ele não quer nenhum remédio, ele quer ficar acordado”. Respeitamos a decisão dele e foi então que observamos que ele parecia estar com muita sede.

Decidimos umedecer seus lábios com uma gaze embebida em água gelada e ao encostar a gaze em seus lábios parecia lhe trazer muito conforto. Ele sugava vigorosamente como se há muitos dias estivesse sem tomar nenhuma gota de água. Repetimos esse cuidado por diversas vezes.

Seu estado piorava a cada instante e pensamos o que mais poderíamos fazer para cuidar daquela vida e aliviar seu sofrimento. Foi então que em conversa com a sua família descobrimos que ele gostava de ouvir músicas.

Ali só dispúnhamos de um celular e coincidindo com a chegada de seu filho, colocamos a música que julgamos mais apropriada ao momento, cuja letra dizia frases como: “você é um espelho que reflete a imagem do Senhor [...]”, “não importa o que você fez ou deixou de fazer, não mudou o início, Deus escolheu você [...]”. E à medida que íamos repetindo a música na passagem dessa última frase presenciamos ele esboçar um sorriso.

Os sorrisos se repetiram por mais duas vezes na mesma frase da música, chamando atenção de seus familiares e do filho que adentrava, pois sua face não era mais de dor, mas sim denotava gratidão, despedida, paz e cura para todos a sua partida.



Esmeralda

por Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza

Falo de uma pessoa encantadora, que um dia disse para mim: ah como eu queria que meu nome fosse Esmeralda e esse dia chegou quando escrevi sobre você. Ela sempre passou a imagem de ser muito forte, a tal ponto que eu a descrevia como aquela pessoa, que se houvesse uma catástrofe e todos estivessem caídos e sendo necessário que alguém fizesse algo, seria ela, que independente de como estivesse se levantaria para fazer.

Amava a música e outros tipos de arte como cinema, dança, gostava muito de ler, de plantas e animais. Faleceu aos 62 anos, após um ano e sete meses de ter sido diagnosticada com um melanoma.

Penso que naquele momento queria mesmo voltar para o outro plano, pois afinal como diz Le Shan, “o único tipo de stress emocional que conhecemos hoje em dia, e que certamente consegue enfraquecer nossa força, é a perda da esperança de jamais vivermos nossa vida de maneira significativa, de jamais podermos cantar nossa própria canção e nos relacionar, ser, criar da forma que seja mais importante para nós. (LE SHAN, 1992:36)

Foi exatamente o que diz Le Shan, que parece ter acontecido com Esmeralda. Dentre os vários momentos difíceis que

permearam sua doença necessitou realizar uma cirurgia para retirada de um tumor metastático no cérebro, que culminou com um acidente vascular cerebral no pós-operatório imediato, lhe deixando sem falar (afasia), sem deglutir prejudicando sua alimentação, sem visão lateral e sem ler e escrever, por 22 dias na primeira fase de afasia.

Voltou a falar, mas teve uma segunda fase de afasia e essa foi definitiva até o seu falecimento. Aos poucos foi apresentando uma dislalia progressiva chegando à perda total da fala e dos movimentos.

Nessa primeira fase do pós-derrame já comecei com ela, a idealizar e pôr em prática, algumas formas de estabelecer comunicação ou de fazê-la reagir a alguns estímulos No período de aproximadamente três dias que estive na UTI, mantive uma expressão que parecia de pavor e muito medo, de não conhecer ninguém. É certo que ao estar sem o seu aparelho auditivo isso parecia lhe isolar e amedrontar. Mesmo assim, tentei falar, segurar sua mão ao que rapidamente empurrava e repelia.

Logo que foi possível, atendi a um antigo pedido seu, que também já havia observado em outras cirurgias que realizou, ou seja, o de colocar sua prótese dentária. Reagiu tentando com movimentos repetitivos, ajudar na colocação da prótese, o mesmo ocorrendo com o aparelho auditivo. Verificamos que após essa atitude ela diminui a agitação inclusive ficando mais calma e fechando os olhos.

Na sua volta da UTI para o apartamento, nossa primeira preocupação, até por sentir que havia um pedido velado através do seu olhar, foi o de lhe explicar o que estava lhe acontecendo. Disse-lhe sobre a sua cirurgia e o que lhe aconteceu no pós-operatório sendo essa a razão do porque estava sem falar, sem movimentar um lado do corpo, usando sonda nasogástri-

ca, mas que essas funções gradativamente iriam retornar com o passar do tempo. Sua reação foi me olhar com carinho e sorrir, o que me pareceu naquele momento uma forma de agradecimento.

No entanto, quero relatar dois episódios bem significativos que eu e sua neta vivenciamos com Esmeralda, num momento em que ela já estava enxergando com dificuldade (diplopia –visão dupla) e sem conseguir se comunicar de forma clara.

O primeiro episódio aconteceu depois que a cuidadora lhe deu um banho no leito e quando colocamos um DVD do Ballet “O Lago dos Cisnes” de Tchaikovsky, muito apreciados por ela.

Esmeralda começou a apresentar irritação crescente, foi ficando agitada, desenhando movimentos em direção à cabeça e não havia como acalmá-la.

Lembrei-me da sua reação na UTI e logo após do que pedia depois dos procedimentos, prótese dentária e o aparelho auditivo que usava. E com esse nas mãos liguei e desliguei, troquei a pilha e colocávamos nela e nada se resolvia. Então tive a ideia de levar o aparelho à loja de aparatos auditivos.

Após o técnico verificar ele disse que o canal de aparelho estava repleto de bolhas de água que impediam a passagem dos sons. Aspirou cuidadosamente a água e nos devolveu após testar seu perfeito funcionamento.

Voltei para sua casa e relocalamos o aparelho como de costume e o DVD para testar seu funcionamento. Apesar da gravidade do seu estado, Esmeralda quis se sentar e ao ouvir a música começou a balançar a cabeça acompanhando o som e com uma expressão de prazer de quem “tinha saído do inferno para o “céu”.

Não conseguia assistir todo o espetáculo, mas sabemos que nesse dia e momento alimentamos sua mente e seu espírito

em meio de tanta dor e sofrimento. Basta imaginar alguém que está sem enxergar, sem poder se expressar claramente o que está sentindo, tendo o seu mais importante meio de comunicação com o exterior e de defesa impedidos.

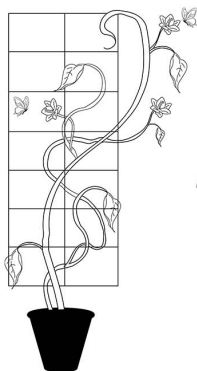
Nesse dia vivenciamos com ela a emoção mais gratificante do que significa aliviar um grande sofrimento de alguém. Por fim, o outro episódio que tocou no fundo da alma foi quando ela totalmente isolada de comunicação, sem movimentos, sem enxergar observamos por mais de uma vez sair uma ou duas lágrimas dos seus olhos.

Ao relatar isso para o seu médico chegamos à conclusão que poderia ser de dor. Então ele passou a prescrever medicamentos para dor, mas na maioria do tempo do seu último mês de vida permaneceu calma, sonolenta e sem apresentar quaisquer outros sinais que denotasse uma piora da dor ou outra necessidade.

Fiquei emocionada com a sensibilidade de seu médico ao interpretar aquela lágrima como um sinal possível de dor, coisa que às vezes nos passa despercebido, não só em pessoas na situação de Esmeralda, em UTI e até com os próprios recém nascidos.

A preocupação ficou até hoje em relação ao fato de poder não ter notado outros episódios de dor, caso tenha sido o caso. Foi uma lição muito rica e que precisava ser aprendida para sempre.

Hoje entendo que o que vale é a intenção, a determinação e a disposição sincera de encontrar alternativas que nos permita prevenir e aliviar o sofrimento de pessoas em situações de sofrimento semelhantes e estejam certos, não existe algo mais gratificante que a repetição desses atos de empatia e compaixão.



Eu não queria incomodar

por Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza

E escrevo esse conto logo depois que soube da sua partida. E mesmo entendendo o que diz o poeta, “um dia a gente chega e em outro vai embora”, meu ser chora. Chora por ver uma “pequena grande” mulher, de 22 anos, mãe de três filhos, linda por dentro e por fora, nos deixar tão cedo, depois de lutar heroicamente pela vida.

Nossa equipe da Clínica oncológica e de cuidados paliativos vivenciou muitos momentos com você e com a outra sábia guerreira, que não a deixou um só minuto, que foi a sua mãe. Aprendemos várias lições dentre elas, como se extrapola os limites das esperas, como nascem amizades no auge do sofrimento, que nos fazem se colocar no lugar do outro e como surge pela força do amor e em nome de um legado materno, uma talentosa artista, em seus últimos dias de vida.

Seriam insuficientes folhas e folhas para narrar o que passamos juntos, mas aqui quero relembrar o dia que em que aprofundamos a nossa relação enfermeira/paciente. Ao entrar na enfermaria acabei aproximando-me do seu leito porque notei no seu silêncio e cansaço um olhar de muita aflição e angústia.

Logo lhe perguntei o que estava sentindo. Disse que havia tomado há pouco mais de uma hora o remédio para dor e

a dificuldade de respirar e que essas praticamente não tinham passado e estavam voltando mais fortes.

Perguntei por que não havia chamado alguém e você disse algo que ainda não havíamos percebido no seu jeito de ser, que era porque não queria incomodar e também porque as pessoas poderiam pensar que era manhosa.

Além disso, pensava que se tomasse outra dose antes da hora poderia lhe fazer mal e estava com muito medo que a dificuldade de respirar ficasse para o resto da vida, como viu numa paciente ao seu lado.

Disse-lhe que seu médico sempre passava uma dose de remédio caso esses sintomas voltasse antes do horário normal do remédio e que ele não faria isso para lhe causar mal até porque só queria o seu bem.

Constatei naquele momento que você ainda não entendia o que era dose de resgate e já estava há dois dias sem dormir, porque isso vinha acontecendo frequentemente. Logo providenciei que o resgate fosse aplicado e junto a você fiquei para que confiasse no efeito do remédio e visse que não lhe causaria nenhum efeito maléfico, ao tempo que lhe estimulei a dormir com gestos de carinho na sua cabeça. Quando sai lhe deixei dormindo e com os desconfortos controlados.

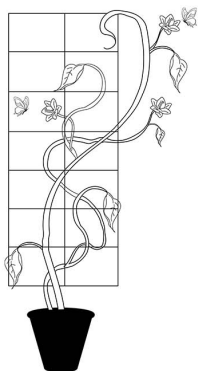
No dia seguinte preocupada com a sua postura de não querer incomodar volto a enfermaria e lhe encontro calma, alegre dizendo que conseguiu dormir que a dor e principalmente a dispnéia que era o seu maior medo havia passado.

Perguntou se eu podia pedir ao seu médico para passar essa dose porque ficou bem ou seja, porque tudo passou como eu havia dito. Prometi que falaria com ele e lhe pediria que passasse a dose e aproveitei para lhe ensinar o que era dose de resgate e o direito que ela tinha de desejá-la e qualquer outra coisa que fosse uma necessidade sua, sem que com isso achasse que estaria incomodando ou fazendo manha.

Percebi que ficou tranquila e que a partir daí sempre que me via confiava em pedir algo que poderia pensar estivesse incomodando, como foi o caso da permissão da visita do seu filho mais velho pois estava com muitas saudades dele.

Pensei que isso seria fácil de conseguir, porém tomei conhecimento que diferentemente da prática que vínhamos adotando de atender com celeridade esses desejos dos nossos pacientes havia agora uma normatização que lhe faria esperar um final de semana para providenciar o profissional que segundo a norma deveria está presente no momento da visita. Que bom seu estado não se agravou e que tudo aconteceu satisfatoriamente.

De qualquer forma você ainda nos chamou atenção com esse fato, para o perigo que tem levado a sérias críticas aos cuidados paliativos que é a tendência à rotinização, normatização e medicalização desses cuidados nos cenários hospitalares. Gratidão querida saiba que serei uma voz contra essa tendência e a favor de todos os nossos pacientes que sofrem mais do que já estão sofrendo, porque não querem nos incomodar. Siga em paz.



Metamorfose

por Amanda Dairiel Braga

Chico era um adolescente, e como a maioria dos meninos, tinha o desejo de ser jogador de futebol. Aquela segunda-feira era mais um desses dias na vida do jovem, em que deveria concluir o dever de matemática para que estivesse livre para seu treino vespertino.

Saiu da escola em direção à sua casa, e o primeiro obstáculo foi o cruzamento de uma rua. Essa passagem simbolizou a travessia para uma nova vida. Nesse instante o escuro se instalou e perdurou por 20 dias. Quando despertou, tudo já havia acontecido.

Ali tomou conhecimento que um carro em velocidade aproximada de 120 km/h havia colidido com seu corpo. Resultado: teve traumatismo craniano, fratura exposta na perna esquerda, pneumotórax, duas paradas cardíacas vinte dias em coma induzido, sessenta e sete dias na UTI e sete cirurgias.

A nova realidade era limitação motora parcial nas duas mãos, pernas paralisadas, equilíbrio mínimo de tronco, ausência de controle dos esfíncteres inferiores – o que fez do cateter seu companheiro permanente. Tudo isso se resumiu em uma tetraplegia.

Tudo era novo. Hospital, reabilitação, fisioterapeutas, médicos, enfermeiros e psicólogos. Porém Chico mantinha-se

perseverante. A meta era reaprender a lidar com as limitações. E um só sentimento pulsava em seu coração, a vontade de viver. Foram seis longos meses fora de casa.

O retorno ao lar marcou a volta à sua rotina: escola, amigos, família, e no lugar do futebol a vontade latente de ainda ser um jogador. Surgiu então na sua vida um esporte que, antes, estava longe de ser o seu favorito: o tênis de mesa. A ideia foi apresentada por seus pais e a princípio rejeitada por Chico. Com o tempo resolveu encarar o desafio, e começou praticando uma vez por semana.

Logo no início, sua professora notou a distinta habilidade, e nele a intimidade e o gosto pela pequena bolinha foram ganhando força. O que antes ocupava uma hora de sua semana tornou-se uma rotina diária. Nascia aí uma nova jornada...

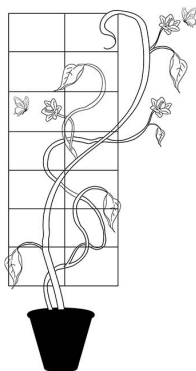
O convite para participar do campeonato Pan Americano surgiu, e fez brotar em Chico a dúvida de seguir a carreira de atleta profissional. Mas o antigo desejo em ser jogador o motivou na decisão. Optou então em dedicar-se por inteiro ao tênis de mesa. E assim seguiu...

No primeiro campeonato disputado ocupou o terceiro lugar, foi a primeira Copa Brasil. Em seguida, com 17 anos, competiu no Pan-americano e conquistou duas medalhas de ouro e uma de prata. Logo após, entrou para a Seleção Brasileira de tênis de mesa.

A partir daí foi campeão Pan Americano, campeão Sul Americano, sete vezes campeão brasileiro, medalhista de bronze por equipe nas paraolimpíadas e está, hoje, entre os 15 primeiros lugares no ranking mundial de tênis de mesa. Ao todo são mais de 50 medalhas, conquistadas em 17 países distintos.

Considera que a fé o fez enxergar a luz, mesmo durante os dias em que os olhos permaneciam cerrados. A resiliência, o fez superar as adversidades, mesmo diante de tantos obstácu-

los. E a perseverança o fez caminhar sempre em frente. Estes foram os alicerces de sua escolha, que no intervalo de 10 anos o moveram da cama de uma UTI para metamorfose de um lugar no pódio.



UTI não é para todos

por Thaís Veras de Moraes Rezende

Seu Manoel, 64 anos, internou para tratar as consequências da tuberculose pela segunda vez, porque após o primeiro diagnóstico não deu seguimento ao tratamento que seria de seis meses. Segundo sua irmã, era etilista desde a adolescência, fazia uso de drogas ilícitas e vivia boa parte do tempo em situação de rua.

Agora, além da tuberculose, ele fora diagnosticado com AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). O comprometimento pulmonar era severo, a falta de ar extrema. Em poucos dias foi levado à UTI – Unidade de Terapia Intensiva, onde ficou dependente de aparelhos para respirar, sem qualquer indício de que um dia poderia se livrar deles. Ao lado de seu Manoel outros pacientes tinham chances semelhantes.

É inegável que o progresso técnico-científico tem contribuído para a recuperação e até a cura de pessoas gravemente enfermas. Porém, é crescente o número de indivíduos com doenças crônicas fora de possibilidades terapêuticas de cura, e que expõem o indivíduo e os familiares a sofrido, prolongado e inútil processo de morte.

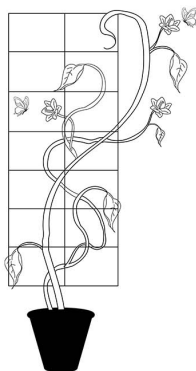
Diariamente presenciamos pacientes com doenças irreversíveis sendo levados para UTI's para que suas vidas sejam preservadas por mais tempo. As pessoas passam seus últimos

dias ou meses inconscientes, longe da família, dependentes de várias drogas e aparelhos, com vários dispositivos invasivos pelo corpo, lutando persistentemente contra a morte quando ela é inevitável.

O doente sofre com o uso da tecnologia. Sem perspectiva de melhora, é submetido a tratamentos fúteis, uma morte vagarosa, sofrida, a chamada “obstinação terapêutica”, ou distanásia. Para a família, sentimentos de esperança à espera de uma recuperação sobrenatural se somam ao medo e angústia de perder um ente querido.

A UTI não é o local designado para morrer, e sim para a manutenção da vida. Precisamos reconhecer nossos limites, bem como a ordem da natureza, pois o fim é inevitável a todos nós. A morte chega.

Com Seu Manoel não foi diferente, os recursos terapêuticos se esgotaram e a doença cumpriu seu ciclo natural.



O paninho de conforto

por Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza

Observar uma criança dormindo é uma das coisas mais lindas que eu considero na vida. Transmite-me uma sensação de paz, de entrega e perfeição. Interessante é que cada criança tem um jeitinho de adormecer: com os bracinhos para cima, sorrindo de vez em quando, abraçadas com um travesseirinho ou um bichinho de estimação.

Dentre esses objetos, que entendo lhe fazem companhia, lhe confortam, lhe consolam, substituem alguém muito querido naquela hora como a mamãe está o “paninho de dormir” também chamado de “naninha”.

Não saber onde ele se encontra pode deixar a avó mais paciente em desespero, pois ele é insubstituível para a criança, muitas levam para vários lugares e esse apego pode prolongar-se por meses, e até anos. Mesmo sujo, encardido, rasgado, mas com aquele cheirinho, que só o seu ou a sua dona sabem curtir.

Nunca imaginei que na minha trajetória de enfermeira paliativista tivesse a intuição de lançar mão por duas vezes, de uma espécie de substituto do paninho não para uma criança, mas para duas pacientes em cuidados paliativos.

A primeira foi uma mulher jovem, em fase terminal de câncer, com história de ter batalhado muito, para criar sozinha

os filhos, distante de sua mãe e do pai deles. Tinha como maior aflição o pavor de pensar que não estava tendo com quem deixá-los. Após ouvi-la e descobrir que tinha uma irmã com quem poderíamos conversar, algo que prometemos e fizemos naquele dia, mencionou o quão seria bom ter sua mãe ao seu lado naquele momento.

Estava muito abatida, cansada, sem dormir e relaxar um só instante. Foi aí que pensei em lhe fazer um carinho e eu queria agir como se fosse sua mãe. E veio a intuição de improvisar um paninho com a ponta de seu lençol e colocar daquele jeito, que a gente coloca e segura, do lado da cabecinha das crianças. Não poderia ter tido outra ideia melhor. Aos poucos com o suporte das minhas mãos, nossa aflita mãe adormeceu.

A outra paciente, conheci no Pronto Atendimento (PA) oncológico do hospital. Também uma jovem mulher, que morava sozinha com o filho de 5 anos. Era do interior, mas residia na capital, para fazer o tratamento de um câncer. Estava apavorada porque vinha apresentando nesses dias, um caroço na boca e chegou a pensar que era outro câncer.

Já havia se automedicado e nada, pois nem ir para o hospital podia porque não tinha com quem deixar a criança. Foi quando conseguiu que seu pai idoso viesse para sua casa naquela noite, a fim de ficar com o neto, vez que quando amanhecesse iria para o PA. O sofrimento pela dor e a fraqueza era tanto, que o pai teve que ir junto com seu filhinho levá-la ao hospital.

O Capelão de nossa Equipe de Cuidados Paliativos e eu encontramos então os três, ela, o pai e o filho no pré-internamento do PA. E mais uma vez no aguardo do resultado dos exames tomamos o conhecimento dessa sua história, seu grande medo das metástases e a preocupação de está submetendo o pai e a criança àquele ambiente tão triste.

Nesse momento lembrou-se de sua mãe lá no interior sem poder ficar aqui com ela, lhe ajudar com o netinho ser seu ombro amigo diante de tanto sofrimento. Lembrei nessa hora do paninho que tão bem se colocou naquela primeira paciente que tinha invocado a mãe. Bateu a vontade de ser novamente uma mãe substituta e repetir o gesto com o paninho. Mas uma vez consegui adormecer aquela grande guerreira.

Enquanto dormia aguardei com o Capelão o resultado dos exames que estavam sendo analisados pelo médico de nossa equipe e a médica que estava de plantão no PA. Não posso esconder o grande receio que se tratasse do que a “minha filha adotada” estava suspeitando. Sofria por ela, pelo netinho, seu pai e sua mãe.

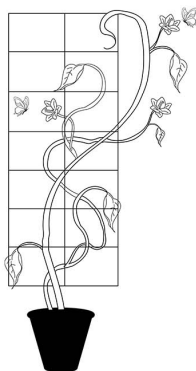
Logo após adentram pela enfermaria os médicos e notei que suas expressões estavam mais leves. O caroço na boca de “minha filha”, segundo eles, não era outro câncer, mas tão somente um abscesso dentário cujo tratamento seria feito apenas com antibiótico e ela poderia retornar para casa. E isso foi feito. Alguns dias depois, me telefonou agradecendo por termos ficado com ela naquele dia e nos dizendo que isso fez a diferença para ela.

Vendo-me de posse de uma forma tão singela de cuidar que era utilizar em ocasiões como essas o paninho, que batizei como “paninho de conforto”, resolvi pesquisar se havia alguma explicação desse comportamento das crianças em relação ao paninho ou objetos que lhe faziam companhia e também dormir. Encontrei essa citação da psicóloga clínica Luiza Cantarelli Coradini, (...) “saibam que não é por acaso ou por “charme” que os pequenos tendem a apresentar tal comportamento, estamos falando sobre os objetos de transição”.

O objeto transicional representa um conforto para a criança principalmente quando ela está na ausência dos pais.

Este conceito foi criado a partir das observações do médico pediatra e psicanalista, Donald Winnicott e tem como definição ser um objeto, normalmente um brinquedo, que permitirá à criança “criar” uma ponte entre ela e sua mãe (ou alguém que a represente), nos momentos em que ela não está presente. É como se este objeto permitisse ao seu filho suportar a sua ausência.

Desconhecia essa explicação, mas acredito no “inconsciente coletivo” e na capacidade como seres humanos que temos de influenciarmos e intuirmos uns aos outros, nessa e noutras dimensões. Quem sabe as mães delas duas fizeram isso comigo? Por isso quero continuar disponível para ser essa ponte quantas vezes for preciso.



O olhar era de um homem velho e sábio

por Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza

Naquela tarde aconteceu algo diferente do que nós costumávamos fazer como Comissão de Cuidados Paliativos (CCPP). Fomos convidados para visitar na Pediatria, um bebê de 2 meses, que segundo a equipe de lá, era um candidato a nossa modalidade de assistência e precisavam de nossa ajuda. Esse bebê nasceu no interior com uma patologia diagnosticada como sendo Epidermólise bolhosa e o mais triste estava em processo de finitude.

Situação completamente nova para nós em vários aspectos. No pouco tempo que estávamos atuando como Comissão de CCPP só tínhamos experiência com adultos e jovens portadores de doenças oncológicas. É certo que ao começar a divulgar no hospital nosso trabalho, dias de nossas reuniões, tivemos a presença de médicas pediátricas e enfermeiras que passaram a relatar vários casos que vivenciaram e estavam vivenciando com crianças e suas mães que tipicamente se caracterizavam como família sem CCPP. Por não se sentirem ainda preparados queriam fazer uma parceria conosco.

Até aí tudo era compreensível e plausível. É tanto que alguns colegas da Comissão iniciaram a parceria. Mas naquela tarde foi a primeira vez que entrei em contato com um paciente da pediatria na CCPP e logo um bebê e já em finitude? Enquan-

to descia a escada com o fisioterapeuta e o terapeuta ocupacional da nossa Comissão imaginava o que iríamos encontrar e o que poderíamos fazer. Ao mesmo tempo pensava ora, os CCPP têm suas concepções aplicáveis a qualquer situação tais como: considerar a morte como um processo natural; não adianta nem prolongar o processo; aliviar e prevenir o sofrimento em todas as dimensões física, mental e espiritual; primar pela comunicação interpessoal e em especial entre nós profissionais de uma equipe interdisciplinar com a unidade de cuidado que era a família... dentre outros princípios que eu sabia quase de cor. Será que esse é sempre o caminho?

Assim chegamos à enfermaria onde estava nosso mais novinho paciente. Encontrava-se num berço igual aqueles de UTI neonatal, ligado a um respirador, praticamente com o corpinho todo enfaixado devido aos ferimentos com perda de substância tipo dedos, parte de membros e bolhas abertas. Em bomba de morfina devido às fortes dores que poderia chegar a sentir em especial no momento dos curativos que duravam cerca de 2 horas.

Mas algo me chamou atenção. Estava acordado! Tinha dois lindos e grandes olhos negros, perscrutadores que se sobressaíram pelo contraste da sua pele branquinha, extremamente pálida e úmida. Um olhar de um homem velho, sábio e que naquela hora me provocava, me desafiava a fazer algo. Era como se me dissesse: faça alguma coisa, você veio aqui para isso!

Mas fazer o quê? Tudo parecia nos conformes hospitalares, paciente sem agitação, choro ou outros sinais que denotasse dor; aparelhos funcionando; curativos limpos e secos, saturação dentro da normalidade. Num piscar de olhos consegui como toda enfermeira checar que tudo isso estava dentro do esperado. Nenhuma dica do que mais precisaria ser feito.

Quando tirei o foco do já, para mim, respeitável paciente, observei uma mulher forte, braços de trabalhadora com pouquíssimos dentes na arcada superior. Estava calma e sentada a uma distância de um metro do lado do berço. Logo entendi que era sua mãe e junto com meus colegas começamos a conversar com ela. Relatou que era do interior e que ele tinha nascido doentinho, que já estava ali no hospital há dois meses. Possuía outros filhos que ficaram em casa com o pai, mas tinha que ficar com ele porque estava precisando.

Junto com meus colegas, perguntei várias coisas sobre seu bebê. Como ela achava que ele estava, sobre sua doença, sua situação. Deu-nos a entender que parecia estar a par de que ele não resistiria que o caso era muito sério, tão sério que ela como mãe, esses dois meses, ainda não tinha conseguido colocá-lo no braço nenhuma vez e bem que ela queria fazer isso com ele.

Essa sua última fala foi tudo que estava precisando saber para desencadear um movimento em direção ao que aqueles olhos negros me pediam. Ir para o braço de sua mãe, sentir seu calor novamente, seu toque de carinho. E sabendo que ela desejava a mesma coisa, aconchegá-lo, pegar com cuidado nos seus “dodóis”, procurar um cantinho para acarinhá-lo quem sabe até beijá-lo. Portanto era preciso agir. Tratava-se de uma grande emergência.

Chamei minha colega enfermeira que junto com a residente médica presenciava tudo e lhe falei:

— Vamos colocar esse bebê agora nos braços de sua mãe!

Ela titubeou apresentou uma expressão de admiração e eu perguntei:

— Você é ou não enfermeira? Enfermeira leva o paciente para qualquer lugar do hospital se isso for necessário.

Ela me disse:

— Vamos sim colocá-lo nos braços de sua mãe.

A residente de medicina tomou um susto e disse que não era possível porque ele não podia ser retirado do respirador. E novamente conferimos a saturação e estava ótima. Daria para o bebê ficar uns minutinhos fora do respirador.

E entre o tempo que a residente resistia a essa nossa ideia, ouvimos a voz da mãe que disse para a jovem:

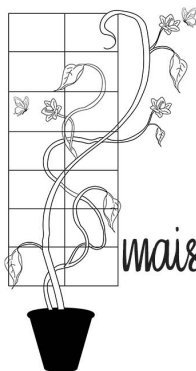
— Não tenha medo minha filha, não vai acontecer nada e mesmo se ele morrer vai ser melhor assim porque ele morreu nos meus braços.

Parecia que a resistência da residente havia diminuído com o que acabara de ouvir da mãe e assim junto com a enfermeira e o nosso fisioterapeuta começamos a tomar as providências para colocar o bebê nos braços de sua mãe.

Nesse instante o Universo resolveu ajudar também, pois houve uma pane elétrica, todas as luzes e aparelhos pararam de funcionar e o gerador do hospital não funcionou na ala da enfermaria que nós estávamos. Nessa hora já estávamos com o bebê fora do respirador e do berço e sendo colocado nos braços da mãe.

Tivesse a residente concordado ou não, com a ideia, ela teria se concretizado. Por isso afirmei que tivemos também a ajuda do Universo. Em outros tempos já dizia minha avó “quando uma ideia é boa há de haver uma forma dela dá certo”.

A luz retornou e tivemos o prazer de ver nosso pacientezinho nos braços de sua mãe, acariciado por ela e assim ficando por muito tempo. Voltamos na tarde seguinte e soubemos que Ele tinha partido. Acredito que o possível foi feito, como também aquilo que precisava ser feito e se pensava ser impossível fazer.



O significado da alta era dar mais vida aos dias que ele ainda tinha

por Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza

Conheci aquela dedicada esposa em um dia que foi muito difícil para ela. Havia tomado conhecimento de que não havia mais tratamento curativo para a doença que seu esposo era portador e que ele estava sendo encaminhado para uma modalidade de atenção denominada de Cuidados Paliativos. E foi por esse motivo que nos conhecemos.

Quando entrei na enfermaria encontrei na primeira cama do lado direito, um senhor em posição de Fowler, em visível desorientação, pelejando para afastar os lençóis, falando palavras desconexas. Ao seu lado tentando acalmá-lo, arrumar as coisas em desalinho, estava uma mulher, que como fala as pessoas do interior era “bem parecida”, bonita e ao mesmo tempo com uma expressão de cansaço e angústia. Estava sozinha com ele mesmo sendo o horário de visitas.

Depois de me apresentar como enfermeira e abraçá-la. Comecei a conversar com ela. Disse-me que se encontrava com o esposo no hospital há alguns dias, praticamente sem dormir, sem ir a sua casa ajudar sua filha com o neto. Pensou em fazer isso naquele dia, mas estava sem coragem de deixá-lo daquele jeito. Confessou que era Técnica de Enfermagem e se sentia com vergonha das outras Técnicas do hospital, pois não acertava fazer as mínimas coisas com seu esposo que a enfermagem faz. Percebi nela um misto de medo, culpa e desolação.

Que bom foi saber que estava planejada uma reunião dela com a nossa Equipe de Cuidados Paliativos para lhe inteirar acerca do estado de seu esposo e como iríamos cuidar dele a partir daquela data. E assim fizemos nos apresentando, acolhendo e esclarecendo acerca de suas incertezas e preocupações; explicando sobre o estado do esposo, a suspensão dos procedimentos que tratavam o câncer, pela não resposta do seu organismo a essas investidas; por fim dizendo o que eram cuidados paliativos e colocando-nos a sua disposição.

Terminada a reunião resolvi procurá-la novamente. Foram sérias as coisas que me falou antes do seu encontro com a equipe. Queria lhe dizer algo que ajudasse a trazer mais de tranquilidade ainda, depois da reunião.

Fui logo concordando com ela que deveria passar mais aquela noite com o esposo, já que estava receosa no tocante a pessoa que iria lhe substituir; Mas também fui firme em sugerir que a sua ida para casa não poderia passar da noite seguinte; Precisava dormir e em sua cama, esticar o corpo, descansar.

Chamaria no dia seguinte à pessoa que ia cuidar dele, ficaria junto com ela cuidando dele até se sentir mais segura e a noite, quando fosse para casa iria mais sossegada; Quanto a não está conseguindo executar as técnicas de enfermagem que aprendeu na escola, ela precisaria entender que ali se tratava de seu ente querido, com o qual estava temerosa de não acertar qualquer coisa, que não era esse seu papel naquele momento, mas das Técnicas de Enfermagem do hospital.

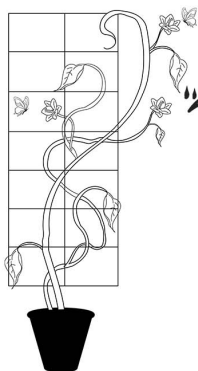
Saí dando o número do meu telefone e dizendo que não estaria mais só a partir daquele momento, pois tinha nossa equipe com ela. Assim ficamos amigas durante a permanência dele naquela internação. Contou-me que aceitou minhas sugestões e até uma que eu havia falado como mãe e avó que era deixar a sua filha se virar mais um pouco naquela noite, Era

pedagógica aquela atitude o que constatou em seu comportamento quando voltou para casa.

Os dias passaram e ele apresentou melhoras no seu quadro de delírio, ficou mais lúcido e também expressando o desejo de voltar para casa. Queria ficar no seu quarto, dormir na sua cama e resolver algumas pendências. No entanto, só de passagem o médico de nossa equipe tinha mencionado uma possível alta após o resultado de uns exames que poderiam sair naquele dia.

A noite estava chegando e ninguém falava nada a respeito do resultado dos exames e da alta. Foi muito tempo ali e é fácil compreender a inquietação principalmente dessa esposa. Sei que a alta para minha amiga não significava apenas a volta para casa, mas também a saída daqueles sofridos dias no hospital; e o mais importante significava que ele tinha melhorado e que viveria mais uns dias como ela e a família.

Ceguei exatamente naquele final de tarde para lhe dar um abraço. Perguntou-me se sabia alguma coisa sobre a alta, ao tempo que me inteirava sobre o que estava acontecendo. Pedi-me que eu olhasse se os resultados dos exames tinham chegado e que suplicasse ao nosso médico que assinasse a alta. Era quase noite e uma sexta-feira, mas a alta aconteceu em meio a suspiros de alegria como nunca mais eu havia visto.



"Fá vendo esse hospital moço, ele ajudou a levantar"

por Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza

Tivemos um paciente, digo nossa equipe de paliativos que cuidamos muito tempo dele, quase dois anos. Muita coisa teria a narrar sobre sua pessoa, como a festa que fizemos no seu aniversário; a reunião com a sua família na tentativa de fazer uma escala de cuidadores; o pânico de sua esposa para cuidar de uma hipodermóclise que pensamos colocar nele; o grande amor de sua mãe idosa por ele, dentre outras coisas. Mas neste momento selecionei alguns recortes interessantes da nossa vivência com ele para narrar aqui.

Morava numa vila construída no final da rua de um subúrbio sito na cidade de Maceió. Rua que finalizava com umas três grandes árvores que faziam uma farta sombra, além de se constituir um espaço onde todos se reuniam sentados em cadeiras e bancos, faziam festas, quadrilhas e outros arraíás.

Segundo ele, todas aquelas casas desde a de sua mãe, irmãos, primos e até amigos tinham sido construídas por sua pessoa. Todo mundo por ali se conhecia e sabia da vida um do outro. Cheguei a pensar que o seu hábito de ficar sentado na cadeira de rodas, na porta de casa por horas era para se atualizar sobre as idas e vindas à ruazinha dos compadres e comadres, sobre aqueles que saíam e que chegavam ou talvez fosse para se distrair daquela cama incomoda, na qual já não encontrava mais uma posição para ficar.

Por causa do câncer que lhe causava fortes dores começou a tomar morfina e não demorou muito para que começasse a apresentar reações estranhas que atribuía a esse medicamento e resistência, pois suas dores não passavam tomando aquele remédio. Nossa equipe agendou uma visita com uma das médicas da equipe e no dia que chegamos a sua casa lhe encontramos com muita dor.

Como ele era pedreiro e trabalhava com escalas, mostrei-lhe uma escala numérica de avaliação de dor e pedi para que desse numa escala de 0 a 10, uma nota para sua dor. Ele deu a nota nove e meio. Tal resultado levou a nossa médica a testar um novo opióide com ele que foi difícil encontrar nas redondezas, mas que acabamos conseguindo perto do centro.

Logo que a médica junto com o motorista chegou dei imediatamente o novo opióide, pois a dor continuava forte por mais que desse, uma de “homem forte”, que não chora nem sente dor, por mais que eu a enfermeira tivesse colocado em prática outras medidas de controle não farmacológico da dor. Continuamos com ele e sua família observando a reação do medicamento até que vimos que ele começou a nos distrair contando novamente suas histórias da rua. Foi aí que eu me lembrei de pedir para ele que fizesse nova avaliação de sua dor pela escala numérica. Sorrindo ele nos disse: já faz um tempinho que a nota da dor está quase perto de zero, mas eu não queria que vocês fossem embora. Nessa brincadeira ficamos mais de 2 horas em sua casa.

Noutro dia de visita tivemos que levar nosso guerreiro para internar. Não dormia praticamente há quatro dias, pois tinha que passar o tempo todo sentado. Não havia posição que lhe trouxesse um pouco de conforto que não fosse essa. Estava exausto, emagrecido com os membros inferiores bastante edemaciados. A nossa ideia era que numa cama hospitalar conse-

guíssemos uma posição que lhe oferecesse algum conforto e permitisse que ele dormisse.

Ao chegarmos à enfermaria lhe colocamos na cama e ele continuava dizendo que não ia conseguir se deitar que ninguém ia conseguir fazer isso com ele. Foi aí que tive a ideia de chamar o nosso mais do que jeitoso e criativo fisioterapeuta. Ele chegou antes de mim é tanto que quando entrei na enfermaria nosso grande homem já estava deitado. Com o corpo mais relaxado, alongado e pouco tempo depois adormeceu. Dormiu tanto pelo cansaço das noites mal dormidas que quase não acordava.

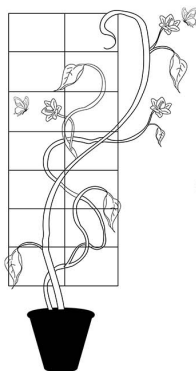
No outro dia e nos outros subsequentes veio a melhorar, o edema das pernas e pés praticamente desapareceu e com a dor controlada acabou nos contando um segredo que me fez alcinha-lo com o título de o Grande Mestre de Obra de todos os tempos. Revelou que trabalhou na construção daquele hospital que estávamos. Na mesma hora lembrei-me de uma música de Oscar Buturi cantada por Zé Ramalho que assim diz:

— Tá vendo aquele edifício moço? — Ajudei a levantar — Foi tempo de aflição, era quatro condução, duas para ir, duas para voltar...hoje depois dele pronto? Olho pra cima e fico ton-to, mas me vem um cidadão.

— Tu tá aí admirado ou tá querendo roubar? Meu domingo tá perdido, vou pra casa entristecido. Dá vontade de beber e pra aumentar meu tédio eu nem posso olhar o prédio que eu ajudei a fazer.

Que bom saber que com o nosso Grande Mestre de Obra foi diferente. Ele estava ali conosco, com a gente cuidando dele com tudo que era possível, aliviando seus sofrimentos e a gratidão pelo grande feito de ter ajudado a construir o nosso Hospital Universitário. Por isso que sempre disse a todos que lhe conheceram essa frase parafraseada:

— Tá vendo esse hospital moço ele, ajudou a levantar.



Ela chegou aos 106 anos!

por Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza

Era sim uma idosa com quase 106 anos, quando a conheci. Nessa primeira vez que lhe visitei não acreditei no que estava presenciando. Seus aposentos eram numa despretensiosa “suíte” no final da casa.

Mas no meio do corredor já comecei a conhecer a nossa ilustre paciente. Ouvíamos sua voz e ela estava brava e dizia uma frase que até hoje parece impossível de imaginar vindo de uma idosa na sua idade: “vou denunciar a Associação dos Idosos o que vocês estão fazendo comigo”...

Chegamos perto dela, o médico, o capelão e eu a enfermeira e logo procuramos saber a causa de sua indignação. Foi quando nos falou que haviam tirado da sua cestinha, o vidro do remédio que ela tomava.

E como é que queriam que ela cega, sozinha ali tomasse o remédio à noite se o tiravam do lugar ou deixavam faltar? E se queixou de outras coisas que lá e cá tiravam do lugar certo e não colocavam novamente. Na mesma hora entendi o que estava acontecendo e logo lhe dei toda razão.

Não foi difícil encontrar a mimosa cestinha verde em cima de uma cômoda, mas o vidrinho realmente não estava lá. Procurei ao redor e o encontrei caído no chão. Perguntei onde estava a água para ela tomar o comprimido e mais uma vez no banheiro ao lado o recipiente da água estava vazio.

Tomado o remédio então sentei ao lado dela em sua cama. Abracei-a, beijei-a e juntos começamos a conversar com ela e a acalmá-la. Ainda se queixou de outras coisas como, por exemplo, de quem estava lhe cuidando no momento. Era uma senhora, idosa também, e a gente via o seu desvelo em manter seus cuidados da melhor forma que podia, com suas roupas, alimentação dentre outras coisas.

Observamos que do lado de sua cabeceira tinha um rádio portátil. Ela explicou ser seu companheiro noite e dia. Rezava com o rádio, sabia das notícias e foi através dele que ela ouviu sobre a Associação dos Idosos na defesa de pessoas que estavam vivendo como ela. O rádio chiava de vez em quando e parava um pouco.

Ela o balançava e começava a tocar mais uma vez. É tanto que uma das nossas recomendações antes de sair dessa visita, já que ela tinha sua aposentadoria, foi que lhe comprassem um rádio novo, ou seja, um “companheiro decente”, para todas as horas.

Descobrimos na nossa conversa que a sua neta hoje não viria lhe dar o banho porque ia para sua despedida de solteira numa cidade próxima.

Notamos que estava um pouco preocupada com isso, ou seja, quem iria substituí-la, ou se o banho ficaria para o dia seguinte. Prontamente nos dispusemos a dar o seu banho. Dividimos as tarefas, o capelão forrou a cama, o médico lavou suas sandálias e arrumou seus utensílios e eu como mulher e enfermeira levei-a para o chuveiro onde tomou um banho “de cabeça” como se diz no popular.

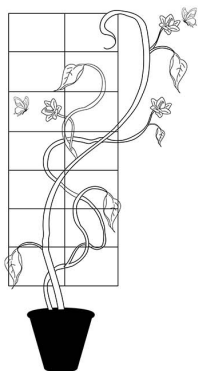
De volta para cama deixou que a gente lhe penteasse os cabelos e vestisse uma camisola cheirosa, lavada e passada pela sua cuidadora idosa que nos agradeceu certamente por lhe havermos desobrigado de uma tarefa que certamente não seria fácil.

Começamos a dizer que íamos embora. Nessa hora ela estava sociável, alegre acredito que se sentindo bem. Mas sem nenhum acanhamento nos disse que não poderíamos sair enquanto não deixássemos tudo como deveria ficar: o travesseiro na posição certa, o pente debaixo do travesseiro, o seu remédio preferido - Dipirona dentro da cestinha verde, o rádio funcionando. Ela estava certa por ter aquelas exigências, mas entendi que a principal razão disso tudo era para que a gente ficasse mais tempo com ela.

Depois dessa visita coloquei umas alunas para visitá-la com mais frequência vez que nossas visitas de Equipe de Cuidados Paliativos eram mensais. As meninas contavam nas nossas reuniões que levavam coisas para ela se distrair e que ela gostava muito de conversar e que também não queria deixá-las ir embora. Nas últimas visitas que lhe fizeram lhe encontraram triste, acabrunhada. Seu câncer de mama resolveu se manifestar mais uma vez.

Culpava o primeiro médico que lhe cuidou de não ter tirado logo suas duas mamas. Não iria se importar com isso e evitaria o que estava acontecendo agora. Perguntava alto a Deus se já não estava na sua hora de partir.

Escrevo essa narrativa no intervalo de poucas semanas que ela partiu. Agora com 106 anos mesmo! Para tudo isso deve ter uma explicação. Mas um questionamento me chega neste instante. Por que eliminamos da vida nossos idosos, ainda com tanta lucidez e vontade de participar e de viver sob outra perspectiva?



Amor ao mar

por Lara Tatyane Ferreira Santos Honório

Ele era jovem, surfista desde a adolescência, pai de duas lindas meninas, uma de 4 anos e outra de 2 anos. Pela leveza das suas aventuras no mar, confidenciadas a nós - acadêmicas de enfermagem - durante os seus banhos no leito matinais, podíamos sim lhe dar o pseudônimo de “cavalo marinho”. Sua vida esteve banhada pelo mar até os seus 32 anos.

O contraditório nessa narrativa é que quanto mais desafiador for a onda, mais desejado é o “drop”. Aprendemos alguns termos do mundo dos surfistas nesses banhos matinais. Então o mar ficou turvo e a onda inesperada aconteceu, um neuroglioma. Um tumor cerebral em estado avançado, as marolas foram as diversas metástases que se espalharam por aquele jovem corpo.

Aos poucos, com o passar dos dias, equilíbrio, capacidade de se comunicar e controlar seus próprios sistemas foram se perdendo até o momento em que a cognição do nosso surfista afundou em uma imensa escuridão de comportamentos que oscilavam entre a infantilidade e a agressividade. Claramente o jovem “cavalo marinho” já não era o mesmo.

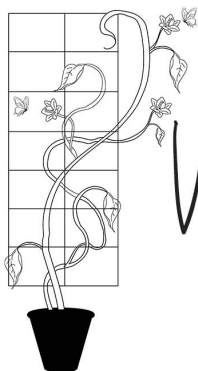
Curiosamente, aquilo que mais amamos dificilmente é tirado de nós mesmo nos momentos mais difíceis. Vivendo sua finitude, sem perspectivas terapêuticas, tão jovem, a única voz

que acalmava a agitação do nosso surfista era a de sua esposa. O único “falatório” que não perturbava o seu silêncio era o de suas duas filhas nas poucas 4 visitas permitidas nesse processo.

Ao se depararem com tamanho desconsolo, as acadêmicas, indignadas com aquela evolução decidiram conversar com o médico paliativista que conduzia o caso. A ideia era oferecer um banho no leito diferente na próxima manhã. Nosso surfista estava cheio de aparelhos e dispositivos médico- hospitalares que monitoravam suas atividades vitais dia e noite, questionamos o risco de infecção ou o quão prejudicial poderia ser a nossa oferta de carinho ao “cavalo marinho” e nosso médico e anjo, diga-se de passagem, respondeu: “..esse banho não oferece riscos, pelo contrário, vai curar mais que muitos remédios”.

Autorização recebida, fomos à orla marítima da nossa cidade, enchemos 5 garrafas de 2L com água do mar. As 9h do dia seguinte estávamos entrando no nosso estágio e demos o último banho, um banho de conforto, um banho que acalmou o coração do nosso “cavalo marinho” e permitiu que ele tivesse forças para nadar em outra dimensão.

Sim, foi um banho no leito com água do mar, um banho de amor e com o mais puro e singelo ato de amor, ele partiu. Ao fim de tudo percebemos que aquela representou a nossa mais linda ida ao mar e voltar ao mar, em qualquer dia das nossas vidas, nunca mais terá o mesmo significado.



Você está preparado para partir?

por Lara Tatyane Ferreira Santos Honório

Hortências: flores roxas, despertam bastante curiosidade pela sua capacidade de oscilar para as cores rosa ou azul a depender do solo em que é plantada. Por sua capacidade de refletir em sua aparência aquilo que a nutre, chamarei minha doce paciente de Hortênciã.

Jovem, 30 anos, vaidosa, nada sedentária, esbanjava grande valor aos alimentos naturais mas não abria mão da sua cervejinha com as amigas no final de semana. Professora, apaixonada por seus alunos do jardim da infância, crianças puras que embarcavam nas ideias e brincadeiras da tia Hortênciã e dessa forma ela não só educava como também transformava lares.

Com uma cólica inexplicável na região abdominal e que descia para os ovários, Hortênciã procurou sua ginecologista após algumas idas e vindas nas emergências públicas de seu interior. Após longos e dolorosos 3 meses de investigação, a descoberta de um câncer no ovário. Aquele solo, até então nutrido por sonhos como o de ser mãe, perdeu um pouco da sua força.

Hortênciã precisou se mudar para a capital onde receberia tratamento e moraria com seu irmão, enfermeiro. Foram muitas as batalhas contra os efeitos das quimioterapias e ra-

dioterapias que teve de se submeter. Seu solo cada vez menos nutrido com tanta dor e desconforto foi apagando a sua cor. Sua fé, dias mais forte, dias mais fraca lhe revelou aos 6 meses de luta que sua missão seria resistir.

Não resistir ao câncer, ele já estava se nutrindo não só de seus ovários, como de seu útero, peritônio e outros órgãos. Ela precisava resistir a esses incômodos para ensinar a mim, a minha parceira de atendimento e ao seu irmão que a morte ensina coisas positivas.

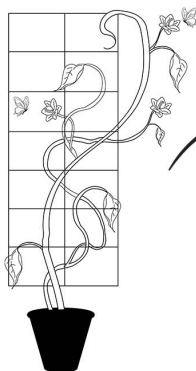
Imagina só, aquela altura do campeonato, as visitas domiciliares que eram inicialmente focadas em uma avaliação clínica se estendiam para sessão de filme na sala, longas conversas, montagem de um scrapbooking em busca da revitalização da sua vaidade. E em cada visita, por entrelinhas, Hortência deixava claro que sua partida estava chegando e ela precisava ensinar para todos nós que apesar de seu adeus ser indesejado, ele era necessário. A morte nunca foi apresentada a nenhum de nós como uma boa experiência, acredito que a quase ninguém.

Em nosso último encontro, presenteou cada um de nós três com um livro: “A morte é um dia que vale a pena ser vivido” de Ana Claudia Quintana Arantes. Confusos mas gratos pelo presente, nos despedimos de Hortência e eu confesso que nesse dia não pude conter as lágrimas ao retirar meu jaleco, entrar em meu carro e começar a dirigir. Aquilo me fez sentir que de fato a sua partida estava chegando e ali eu não perderia outro paciente, perderia uma amizade, alguém que admirava.

Nessa mesma noite Hortência sentiu muitas dores e desconfortos e próximo ao amanhecer levantou-se para ir ao banheiro, onde passou mal e desmaiou. Perdeu muito sangue, estava com a barriga bastante aumentada acumulando volume que só baixava com paracentese, repleta de petéquias - placas avermelhadas pelo corpo que sinalizam dificuldade de coagu-

lação e déficits do sistema circulatório - , estava cansada, mal podia falar.

E assim foi o último fogo de Hortência, para nossa surpresa, apesar de toda a indefesa do corpo, a alma de Hortência estava muito bem nutrida, mais roxa que em toda a sua juventude. O livro, aquele presente, nos fez compreender de que experiências Hortência se alimentou para tentar nos convencer de que a morte não é o fim. Deixou uma lacuna de saudade e muitos capítulos de aprendizado e amor.



Tia de emergência oncológica

por Juliana Barbosa Barros Nunes

Quando iniciei a minha graduação em enfermagem, tive o objetivo de atuar na Urgência e emergência. A agilidade na assistência, a precisão dos cuidados e toda a dinâmica da cena sempre me enchiam os olhos e ser uma boa enfermeira para pacientes graves era a minha meta. Quando iniciei o estágio no pronto socorro de um hospital me senti completa. Ali era meu lugar.

Numa tarde tranquila, eu finalizava o registro de um atendimento que havia concluído, quando noto a presença de uma jovem. Ela estava aflita, pálida. Seu choro era tão intenso que a impedia de falar. Imediatamente começo a pensar sobre os motivos que poderiam tê-la levado até lá. Não vi nenhum sangramento, todos os seus membros estavam inteiros e, além das alterações emocionais, aparentemente não havia nada de errado com ela, até que a mesma, com suas mãos frias me guiou apressada para o corredor. Lá estava o motivo do seu desespero. Com as roupas sujas de sangue e inconsciente, uma mulher era empurrada sobre uma maca por duas colegas para a sala de emergência. Acionei o toque de emergência e logo toda a equipe estava de prontidão para ajudar a senhora na maca.

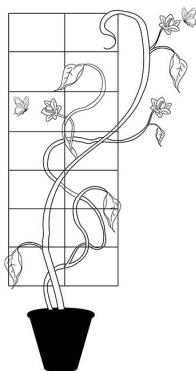
Enquanto eu realizava a monitorização da mulher, notei a porta da sala de emergência aberta e através dela os olhos

daquela jovem encontraram os meus. Foi quando eu notei que mais alguém precisava de ajuda. Fui até ela, acolhi seu desespero e conheci um pouco da história da mulher que naquele momento era atendida do outro lado da porta, sua mãe, portadora de um câncer num estágio avançado. Pedi que ela se sentasse em uma cadeira, falei que a manteria atualizada e que precisava ajudar a mãe dela naquele momento, então ela me deixou ir.

A equipe estabilizou a paciente, cuidamos do que foi necessário. Assim que tudo se restabeleceu permiti que a filha entrasse na sala e ficasse ao lado dela, até que ela fosse encaminhada a uma das observações da Emergência. No final do plantão, já na observação, a encontrei acompanhada de seu pai. Conversavam preocupados até que nossos olhares se cruzaram novamente. Ela me chamou, me cumprimentou e ambos me agradeceram pelo que eu havia feito àquela tarde.

Mesmo a insegurança de estagiária e ainda estudante não me impediram de ajudar aquela família. Essa experiência me fez perceber que a assistência vai além de estabilizar o paciente e que é fundamental colocar em prática a empatia, a compaixão e o olhar humanizado. Foi uma das sensações mais gratificantes que senti.

Neste dia fui para casa com a certeza de que havia escolhido a profissão certa. Entendi que mesmo quando não sabemos como ajudar, ou ainda não temos habilidades suficientes para assistir a determinadas situações, a atenção, o acolhimento, um olhar e uma palavra fazem toda a diferença na vida de uma pessoa.



A busca

por Dayane Lima Pereira de Lemos

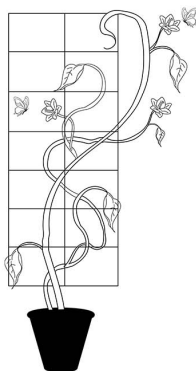
Buscar uma vida perfeita e feliz é o desejo de boa parte da população, assim creio eu. E muitas vezes colocamos nossa felicidade no ter: ter o melhor emprego, melhor formação, melhor namorado, melhor família, melhores fotos, melhor vida. Aos meus 24 anos, estava na faculdade dos meus sonhos, na Universidade que eu sempre quis. Para melhorar, estava trabalhando e conseguindo conciliar minhas obrigações. Tenho uma família maravilhosa, presentes divinos, um namorado que me faz me sentir a pessoa mais sortuda do universo e amigos que são sensacionais. Logo, podíamos dizer que estava maravilhosamente feliz, que não me falta nada, que cheguei na Estação Felicidade. E acreditem vocês que pra incrementar, fui aprovada no Concurso de Corpo de Bombeiros. Não faltava mais nada. Mas acreditem, que a felicidade não está na chegada, e sim na viagem percorrida.

Eu já estava no segundo ano da faculdade, não me via estudando outra coisa, mas estava exausta. O curso era puxado, eu morava em outra cidade, a cobrança era alta, enfim.. dificuldades não faltavam. Fazer medicina sempre foi um sonho, e estar cursando me enchia o peito de gratidão. E, enchia! Naquele período eu estava mais cansada, com vontade de desistir de tudo, com dúvidas se eu ia conseguir ser uma boa médica,

se ia conseguir terminar o curso, se ia conseguir passar no teste físico do concurso, enfim, muitas dúvidas.

Naquela noite, vinha do treino de natação, já tinha ido pra faculdade e estava extremamente estressada. Muitos assuntos atrasados, provas se aproximando, teste físico do concurso chegando... no meio a isso, no ônibus que eu estava, entram duas crianças sorrindo fazendo aquele barulho que só as crianças fazem. Acho que tinham uns 8 a 10 anos, pareciam ser irmãos. De início me irritei com o barulho, com as risadas espalhafatosas. Comecei a prestar atenção, e percebi que eram humildes e que carregavam um saco de latinhas amassadas de refrigerante. Um saco grande para o tamanho delas, e que uma estava descalço, com um short rasgado. Naquela hora, me deu um nó na garganta, como se nada que eu fizesse fosse evitar e comecei a chorar. Chorei, sendo engolida por um sentimento de que me fazia sentir ingrata diante da minha vida. Aquelas crianças, indo pra casa depois de um dia de trabalho, sendo tão novinhas, voltavam rindo, brincando e felizes, gratas pelo o dia que tiveram. Depois, uma delas percebeu que eu chorava, e perguntou a irmã porque eu estava chorando. A irmã não soube responder e ele continuou a me observar disfarçadamente com um olhar que parecia um pedido para que eu parasse, que as coisas iam ficar bem.

Desci do ônibus enxugando as lágrimas pedindo que Deus cuidasse daqueles pequenos e que me perdoasse por tamanha ingratidão. Nunca mais vi aquelas crianças, mas ficou a lição: para ser feliz não precisamos ter, precisamos ser felizes.



Agradecimentos

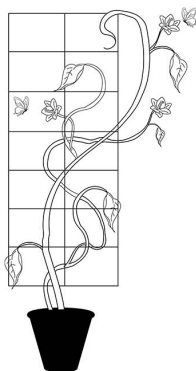
Gostaríamos de agradecer a cada familiar e paciente que permitiu o desempenho da nossa atividade profissional de forma a não só buscar o alívio da dor fisiológica, do pesar emocional mas também da busca incessante por qualidade de vida em seu processo de finitude. Por não medir esforços para que o bem maior do indivíduo, que é o seu direito ao respeito e a dignidade, não lhes fosse ceifado.

Também somos gratos a Deus pela disposição e pela oportunidade de aperfeiçoar os nossos conhecimentos técnicos e científicos para assistir ao paciente da forma mais eficiente e digna possível, levando à prática a teoria que tanto nos orgulhamos, a kalotanásia.

A cada autor, deixamos nossa felicitação por aderirem a ideia proposta, se empenharem em compartilhar momentos tão únicos e recheados de gratidão que servirão para homenagear pessoas queridas, bem como, incentivar as pessoas nos seus dias, sejam eles difíceis ou não tão difíceis assim.

Por fim, com o coração transbordando em alegria, eu, Lara T. F. Santos Honório, agradeço especialmente ao Projeto de Extensão Cuid(A)ção da Escola de Enfermagem - Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pela rica oportunidade em partilhar por sete períodos da minha graduação, histórias

e cuidados com vidas que foram e são tão importantes para a nossa formação como seres humanos e profissionais. Pela dedicação da Enfermeira, Professora, Doutora, Cristina Trezza, em doar seus dias e horas tão atarefadas para nos ensinar mais sobre a essência e os fundamentos dos Cuidados Paliativos, em especial, os Cuidados Paliativos Oncológicos.



Autores

Alanda Maria Ferro Pereira

Alicia Freitas Alves

Amália Eunizze Dos Anjos Lins De Oliveira

Amanda Dairel Braga

Amanda Maria Silva Da Cunha

Ana Paula Rebelo Aquino Rodrigues

Cayo Emmanuel Barboza Santos

Carlos Dornels Freire De Souza

Daniela Medeiros De Magalhães

Dayane Lima Pereira De Lemos

Dilma Ferreira De Souza Lira

Elda Rayane Da Silva

Eloisa Tavares Da Silva

Fatima Maria De Melo Brito

Francisca Maria Nunes Da Silva

Gabriela Lima Da Silva
Gracielle Torres Azevedo
Jackelyne Oliveira Costa Tenório
José Gutemberg De Vasconcelos Bezerra
Juliana Alves Da Silva
Juliana Barbosa Barros Nunes
Karina Santos De Moura
Kleytonn Giann Silva de Santana
Krisia Patrícia Pontes Da Silva
Lanuza Mikaelly Da Silva Sobrinho
Lara Tatyane Ferreira Santos Honório
Leandro Bonzão Da Silva
Leonardo Henrique Rocha De Lucena Silva
Lindynês Amorim De Almeida
Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza
Maria Isabel Fernandes Calheiros
Maria Eysianne Alves Santos
Nataly Mayara Cavalcante Gomes
Nirliane Ribeiro Barbosa
Priscila De Oliveira Cabral Melo
Roberta Zaninelli Do Nascimento
Siane Mariano Alves

Stefany Karoline De Almeida Soares

Suderlande da Silva Leão

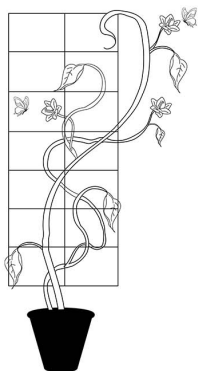
Sueli Teresinha Cruz Rodrigues

Thaís Veras De Moraes Rezende

Thayse Gomes De Almeida

Vanessa Maria Da Silva Cavallari

Vilma Queiroz Siqueira



Índice Remissivo

A

Acolhe, 7
Aconchego, 8
adeus, 8
Afago, 8
alegre, 7
altar, 7
amor, 7
Amor, 9
anjinhos, 7
anjos, 7, 8
aquecem, 8
azuis, 8

B

benção, 7
busca, 9

C

chegou, 9
Cólera, 8
conforto, 9
conquistar, 8
coração, 7
cuidado, 7, 8
Curativo, 7

D

Decisão, 7
despertar, 8
diferença, 8
Dor, 8

E

emergência, 9
Esmeralda, 9
eterno, 8

F

fé, 7, 8

H

homem, 9
hospital, 8, 9

I

inesperada, 8
Inesperado, 7
intensidade, 8

M

madruga, 8
mães, 7
Metamorfose, 9
Missão, 8

N

nascer, 7

P

partida, 8

passos, 8

pedido, 8

Pelúcia, 7

preparado, 9

presente, 7

professora, 8

protusas, 7

Q

queimados, 8

queria, 9

R

Raizeiro, 8

Respira, 8

Ressignificados, 8

S

Saúde, 4

Sempre, 9

Senhor, 8

simples, 8

sorriso, 7

T

tocado, 9

todos, 9

toque, 8

trabalho, 4

V

vida, 7, 9



ISBN 978-65-80476-71-8



9 786580 476718 >